

M

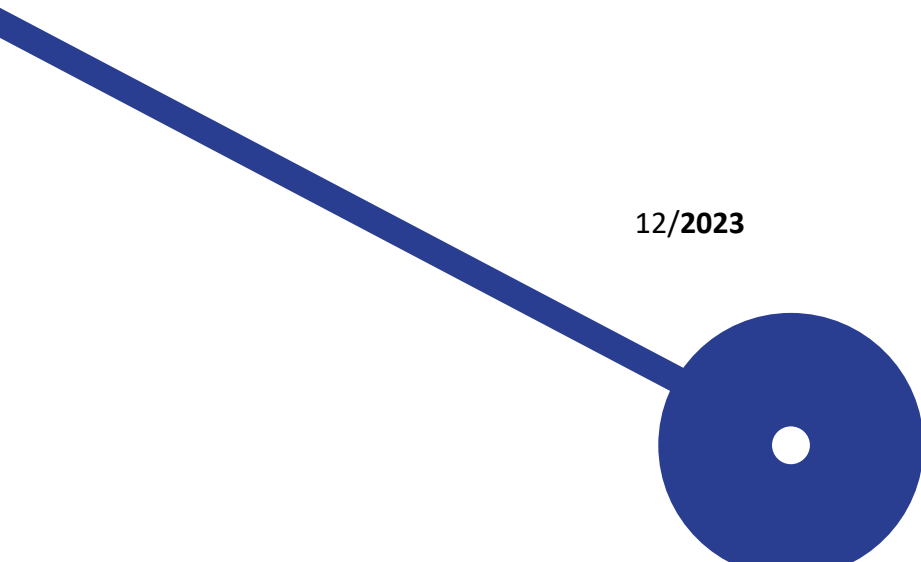
MESTRADO

EDUCAÇÃO ESPECIAL: MULTIDEFICIÊNCIA E PROBLEMAS DE COGNIÇÃO

# A Perspetiva de jovens/adultos com deficiência sobre barreiras e facilitadores à participação em CACI, através da metodologia *Photovoice*

Cátia Sofia Rios Coelho

12/2023



Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Cátia Sofia Rios Coelho

**A Perspetiva de jovens/adultos com deficiência sobre barreiras e facilitadores à participação em CACI, através da metodologia *Photovoice***

Dissertação de Mestrado

**Mestrado em Educação Especial: Multideficiência e Problemas de Cognição**

Orientação: Prof.<sup>ª</sup> Doutora Manuela Sanches-Ferreira

Porto, Dezembro de 2023

Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Cátia Sofia Rios Coelho

**A Perspetiva de jovens/adultos com deficiência sobre barreiras e  
facilitadores à participação em CACI, através da metodologia  
*Photovoice***

Dissertação de Mestrado

**Mestrado em Educação Especial: Multideficiência e Problemas de Cognição**

Orientação: Prof.<sup>ª</sup> Doutora Manuela Sanches-Ferreira

Porto, dezembro de 2023

## **AGRADECIMENTOS**

Começo por agradecer a todos os participantes com quem trabalho que me fizeram apaixonar por esta área. Aceitaram fazer parte deste estudo e sempre foram demonstrando preocupação com a qualidade deste estudo. O carinho deles foi sempre essencial para acreditar e expor a importância deste estudo.

De seguida ao meu marido, Marco, que sempre acreditou que eu seria capaz, ainda que surgissem adversidades. Sempre teve uma palavra encorajadora e motivadora para continuar este caminho. Sendo este apoio fundamental diariamente não me deixando desistir.

Aos meus pais e irmão, que sempre se demonstraram orgulhosos do meu percurso de vida e nesta fase não foram diferentes. Sempre preocupados e solidários demonstrando o seu apoio.

Não poderia deixar de referir, as duas colegas de trabalho, que são já amigas, Lígia e Gisela. Sempre disponíveis para ajudar e presentes nos momentos de maior ansiedade com palavras de apoio e tranquilidade.

A todos eles, OBRIGADA!

## RESUMO ANALÍTICO

O CACI procura não apenas promover a autonomia, a qualidade de vida das pessoas com deficiência, envolvendo-as em decisões que afetam o seu Projeto de Vida. No entanto, em instituições que atendem a pessoas com deficiência, os princípios de qualidade e autodeterminação frequentemente não são aplicados na prática diária, com a participação na tomada de decisões sendo mínima.

Neste estudo pretendeu-se explorar as percepções e experiências dos participantes sobre a sua rotina diária no sentido de identificar facilitadores e barreiras ao seu bem-estar na instituição; explorar o significado atribuído pelos jovens à sua possibilidade de participar na tomada de decisão na instituição; e promover a participação destes jovens na tomada de decisão relativamente ao seu quotidiano através da metodologia de *Photovoice*.

Para atingir estes objetivos, a partir de uma abordagem exploratória, adotamos um desenho de estudo de caso e utilizamos a metodologia de *Photovoice* e *Focus Group* para explorar as percepções e experiências de oito jovens adultos que participam nas atividades de uma instituição. Esta amostra foi selecionada por conveniência. Cada momento de recolha de dados foi gravado e sujeito a transcrição para posterior análise. Para proceder à análise das entrevistas, *Focus Groups*, foi utilizada a análise temática de (Braun & Clarke, 2006).

Os resultados da investigação demonstram que os participantes conseguiram identificar doze barreiras e dois facilitadores, tendo-se identificado fatores que poderão ser tidos em consideração numa instituição para pessoas com deficiência no sentido de promover a sua qualidade de vida e participação e, assim, a qualidade dos serviços.

**Palavras-chave:** Pessoas com deficiência; Participação; *Photovoice*; Qualidade de Serviço; Qualidade de Vida; Agência.

## **ABSTRACT**

CACI seeks not only to promote the autonomy and quality of life of people with disabilities, but also to involve them in decisions that affect their Life Project. However, in institutions that serve people with disabilities, the principles of quality and self-determination are often not applied in daily practice, with participation in decision-making being minimal.

The aim of this study was to explore the participants' perceptions and experiences of their daily routine in order to identify facilitators and barriers to their well-being in the institution; to explore the meaning attributed by young people to the possibility of participating in decision-making in the institution; and to promote the participation of these young people in decision-making regarding their daily lives through the Photovoice methodology.

In order to achieve these objectives, from an exploratory approach, we adopted a case study design and used the Photovoice and Focus Group methodology to explore the perceptions and experiences of eight young adults who participate in the activities of an institution. This sample was selected for convenience. Each moment of data collection was recorded and transcribed for later analysis. To analyze the interviews, Focus Groups, we used the thematic analysis of (Braun & Clarke, 2006).

The results of the research show that the participants were able to identify twelve barriers and two facilitators, having identified factors that could be taken into consideration in an institution for people with disabilities in order to promote their quality of life and participation, and thus the quality of services.

**Keywords:** People with disabilities; Participation; *Photovoice*; Quality of Service; Quality of Life; Agency.

## LISTA DE TABELAS/ILUSTRAÇÕES/SIGLAS

### Tabelas

Tabela 1 - Vantagens e dificuldades na utilização do Photovoice.....	17
Tabela 2 - Caracterização dos Participantes do estudo .....	24
Tabela 4 - Motivos para reduzida adesão à captura de fotografias no Momento 2 .....	28
Tabela 5 - Análise do número de fotografias capturadas por espaços e Participantes .....	30
Tabela 6 - Descrição do Momento 4 por participante - seleção de 3 fotografias.....	30
Tabela 7 - Descrição do Momento 5 - seleção de 1 fotografia .....	31
Tabela 8 - Locais selecionados para debate e o número de fotografias captadas em cada um .....	33
Tabela 9 - Participações estimuladas pelos colegas ou Entrevistadora .....	34
Tabela 10 - Participações autónomos (por iniciativa própria) .....	34
Tabela 11 - Duração dos Focus Groups em cada Momento .....	34
Tabela 12- Tipo de participação dos Participantes .....	42
Tabela 13 - Categorização das sugestões/opiniões.....	43

### Figuras

Figura 1 - Análise Temática dos Focus Group.....	35
--	----

## Índice

1.	INTRODUÇÃO.....	1
2.	EQUADRAMENTO TEÓRICO.....	4
2.1.	QUALIDADE DO SERVIÇO.....	4
2.1.1	CONHECIMENTO PARA A QUALIDADE .....	8
2.2.	QUALIDADE DE VIDA NAS INSTITUIÇÕES PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	10
2.2.1	A PARTICIPAÇÃO.....	12
2.3.	“NOTHING ABOUT US, WITHOUT US!” .....	13
2.4.	METODOLOGIA – <i>PHOTOVOICE</i> .....	14
3.	ESTUDO EMPÍRICO .....	18
3.1.	INTRODUÇÃO EMPÍRICA.....	18
3.2.	DESENHO DO ESTUDO.....	20
3.3.	CONTEXTO DE INTERVENÇÃO E SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	20
3.4.	RECOLHA DE DADOS.....	24
3.5.	PROCEDIMENTOS .....	25
3.6.	ANÁLISE DE DADOS.....	26
3.7.	RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	27
3.7.1	ANÁLISE DO PROCESSO DE RECOLHA E SELEÇÃO DE FOTOGRAFIAS .....	27
3.7.2	ANÁLISE TEMÁTICA DOS <i>FOCUS GROUP</i> .....	34
3.7.3	RESULTADO DO PROCESSO PARTICIPATIVO.....	42
3.8.	DISCUSSÃO GERAL.....	45
4.	CONCLUSÃO.....	49
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	51
	ANEXOS.....	61

# 1. INTRODUÇÃO

Um olhar, por muito superficial que seja, à história da humanidade, mostra como a sociedade foi progredindo, incorporando princípios de justiça, igualdade e solidariedade em diversas áreas. Se este progresso é inegável, não pode ofuscar as situações que as pessoas com deficiência ainda enfrentam no seu cotidiano, de segregação e de exclusão, logo de menos participação social (Brown, 2021; Gutterman, 2023). Olhando para os dados da OMS (2005), mais de um bilhão de pessoas, cerca de 15% da população mundial, vivenciam algum tipo de deficiência, logo, muitas delas estarão na situação de exclusão, em maior ou menor grau. A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CNUDPD), adotada em 2006, reconhece a natureza em constante evolução do conceito de deficiência. Abrange deficiências físicas, mentais, intelectuais ou sensoriais de longo prazo, que, quando combinadas com várias barreiras, poderão limitar a plena participação dessas pessoas na sociedade em igualdade com os demais. A CNUDPD enfatiza a importância da participação plena e da inclusão das pessoas com deficiência na sociedade.

Para este modo de pensar e, conseqüentemente, de agir, as organizações internacionais, cujo foco são as pessoas com deficiência, têm um papel fundamental no processo de disseminação do conhecimento nos por forma, e como refere Fernandes (2017) acelerar e impulsionar a transição para práticas guiadas pelos conceitos de direitos, dignidade, autodeterminação, promovendo a participação ativa das pessoas com deficiência.

Consonante com esta diretiva, são muitos os países da Comunidade Europeia cujas legislações foram modificadas, como é o caso de Portugal. O país assinou em 2006 a convenção e ratificou-a em 2009, criando o Plano de Ação para a Integração das Pessoas com Deficiências cujo maior objetivo é promover uma nova geração de políticas sociais para a inclusão social. Também os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), estabelecidos em 2015, têm como objetivo principal erradicar a pobreza, proteger o meio ambiente e garantir o bem-estar de todos, como parte de um novo plano para o desenvolvimento sustentável. Pessoas com deficiência são mencionadas em cinco dos dezassete objetivos, abrangendo áreas como educação, emprego, redução de desigualdades, comunidades seguras e inclusivas, e coleta de dados. Estes objetivos reforçam a importância da inclusão das pessoas com deficiência e o compromisso de não deixar ninguém para trás, enfatizando a necessidade de monitorar e recolher dados relevantes para essa agenda pós-2015 (Cabaço, 2017).

Para Hall (2009) citado por Thompson (2018), existem seis temas comuns ao conceito de inclusão social em estudos qualitativos sobre deficiência: aceitação, relacionamentos, participação em atividades, habitação acessível, emprego e apoio sistémico. A este modo de entender o conceito de inclusão social, não é, seguramente, alheio o facto, de como observa a OMS em 2011, “as respostas à deficiência mudaram desde a década de 1970, motivadas em grande parte pela auto-organização das pessoas com deficiência e pela tendência crescente de ver a deficiência como uma questão de direitos humanos” (p. 3).

Apesar destes avanços, Egard, e colegas (2022) não têm dúvidas em afirmar a permanência de muitas barreiras na construção de uma sociedade inclusiva, pois uma análise aos serviços para pessoas com deficiência deixa evidente que estão longe de respeitar totalmente a CNUDPD, continuando a existir uma prática ambivalente que apelidam de “incluir-embora-excluir”. Esta última expressão é explorada pelos mesmos autores no seu livro, onde explicam que a acessibilidade é paradoxal. Enquanto a inclusão e aceitação é prometida a pessoas com deficiência, na prática são frequentemente excluídas, pois a inacessibilidade persiste. (Egard, et al., 2022).

De facto, continuamos a assistir a práticas onde muitos jovens com deficiência são encaminhados para clínicos gerais sem conhecimentos suficientes para refletir sobre as necessidades específicas de cada um, sobre os suportes necessários, e, sobretudo, sem terem a guiá-los o conceito de vida independente e inclusão social. Trata-se de práticas de avaliações baseadas em diagnósticos, seguindo um modelo médico (Egard et al., 2022; Foley et al., 2012). Desse posicionalmente resultam serviços fragmentados, focados mais nas deficiências e nas incapacidades dos indivíduos e menos nos suportes necessários para a funcionalidade, ou seja, pouco centrados na reconstrução das estruturas sociais e na promoção da acessibilidade.

Ora, o foco da avaliação das necessidades dos serviços de apoio à deficiência tem de passar a centrar-se na procura de suportes à promoção da autodeterminação, da cidadania e da inclusão social, enquanto desafio às práticas institucionais. Assim, poderemos dizer que nos encontramos num contínuo que vai das práticas que afetam negativamente a participação das pessoas com incapacidade até às instituições que são lugares que contribuem para a construção de identidade e aumentar o seu estatuto social (Egard, et al., 2022).

Silva e colegas (2019), constataram na sua revisão bibliográfica de estudos recentes sobre a inclusão laboral de pessoas com deficiência, que há poucos estudos que as envolvem nas respostas às questões sobre o contexto onde vivem ou sobre a perceção de si próprio, o que,

só por sio, é muito significativo de um modo de pensar e funcionar. Dito de outro modo, o lema “nada sobre nós, sem nós”, do início do movimento internacional pelos direitos das pessoas com deficiência, está longe de estar implementado, havendo necessidade de ser fortalecido, com estudos onde as pessoas com deficiência e com incapacidade tenham voz, e, possa ser ouvida a sua perspectiva.

É tendo por base esta assunção “nada sobre nós, sem nós”, que este estudo procura ouvir pessoas com deficiência no seu contexto diário institucional, dando-lhes voz e promovendo a sua participação na definição do caminho e objetivos da sua vida. Através da metodologia *Photovoice* serão exploradas as perspectivas de oito participantes de um Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI), com o propósito de identificar barreiras e facilitadores na sua rotina que possam ser alterados/melhorados para um aumento da sua participação, autodeterminação e qualidade de vida, o que significa, a qualidade do serviço prestado.

Esta dissertação divide-se em duas partes. Na primeira, abordamos a importância da qualidade nos serviços institucionais e na vida das pessoas com deficiência, destacando a necessidade de atualização do conhecimento promovendo a autodeterminação. Exploramos também a metodologia *Photovoice* e as suas vantagens. Na segunda parte, contextualizamos a realidade da institucionalização diurna de pessoas com deficiência em Portugal. Utilizando a metodologia *Photovoice*, examinamos a perspectiva dos participantes sobre as suas rotinas, identificando facilitadores e barreiras à participação. O trabalho conclui com reflexões, conclusões finais, referências bibliográficas e anexos.

## **2. EQUADRAMENTO TEÓRICO**

A introdução de serviços e apoio de longo prazo na comunidade, em oposição ao internamento, teve, segundo Friedman (2019) um impacto positivo na vida das pessoas com deficiência, aumentando a sua autodeterminação e a sua participação na comunidade. Estes serviços para pessoas com deficiência configuram uma variedade de soluções como os domínios residenciais, diários, sociais, judiciais e educacionais (Wallace et al., 2023). A análise à implementação da política para a deficiência em Portugal revela sobreposição de serviços e divergências, sugerindo uma abordagem mais centrada no indivíduo e na perspetiva médica, em oposição a uma visão social e global (Fontes, 2016).

### **2.1. QUALIDADE DO SERVIÇO**

Organizações globais apoiam adultos com deficiência nas várias áreas, como residência, trabalho e educação. A avaliação da qualidade nesses serviços é importante, pois, historicamente, as Instituições colocaram o foco da avaliação na saúde, sendo crucial a passagem para uma perspetiva biopsicossocial, ie, tratar os indivíduos que usam os serviços como cidadãos com direito a opinião, e, assim, aumentar a sua qualidade de vida (Reinders & Shalock, 2014; Stanescu, 2020; Wallace et al., 2023).

Considerando a necessidade de uma intervenção de alta qualidade para melhorar a vida de pessoas institucionalizadas analisamos a abordagem à assistência sob a perspetiva da teoria da Assistência Social Humanista. Esta perspetiva defende que os indivíduos têm responsabilidade e a capacidade de tomar decisões (King et. al, 2010; Stanescu, 2020). Para reabilitar pessoas vulneráveis dentro da comunidade, garantindo a sua felicidade, bem-estar e a preparação para uma vida independente, a abordagem humanista à assistência social oferece, segundo Stanescu (2020), um quadro conceptual para guiar as práticas, aproveitando o potencial da personalidade de cada indivíduo, para promover a reabilitação, a recuperação e a inclusão social.

A aceitação retórica destas perspetivas -participação das pessoas com deficiência em empregos apoiados na comunidade- tal continua a ser desmentido pela realidade (Bonnaccio et al., 2019; Reid et al., 2001), continuando a maioria dos adultos com deficiências a participar em programas de “tratamento” diurno segregados, com atividades segregadas fora de casa, como sejam oficinas e centros de atividades diárias. Em Portugal o tipo de respostas mais frequentes são os Centros de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI) que se

enquadram neste nos tipos de serviço diurno segregados (Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, 2021).

As respostas diurnas para pessoas com deficiência seguem as informações fornecidas pela literatura para que a Direção dessas instituições faça um trabalho de qualidade. No entanto, ampla evidência na literatura internacional contemporânea (Stanescu, 2020; Friedman, 2019; Poor et al., 2013; Reinders & Schalock, 2014; Wallace et al., 2023; Kersten et al., 2022), bem como inquéritos públicos, relatórios de pessoas com deficiência e suas famílias e relatórios governamentais mostram (Pinto & Neca, 2020; USAID, 2013) que muitas pessoas com deficiência simplesmente não recebem a qualidade do serviço de apoio necessária para participar e ter acesso aos bens, serviços e atividades habituais da comunidade, saúde e sociais, e para fazer as escolhas e alcançar os objetivos que desejam ( USAID, 2013).

Monitorizar e avaliar é crucial para garantir transparência, responsabilização e controle de todos os aspetos da prestação de serviços. O acompanhamento da qualidade deve ser sempre integrado e realizado em estreita colaboração com os utilizadores dos serviços (pessoas com deficiência) e as suas famílias, quando relevantes (USAID, 2013). Um serviço é um processo composto por um conjunto de atividades tangíveis e intangíveis que ocorre naturalmente nas interações entre usuários e colaboradores, recursos físicos, bens e ou sistemas de prestadores de serviços que visam dar resposta às necessidades dos usuários. Serviço é uma atividade ou benefício que oferece uma parte à outra parte (Poor et al., 2013).

Shalock e Verdugo, (2007) explicam que a melhoria da qualidade se refere à capacidade de uma instituição melhorar o seu desempenho e transparência através da recolha e análise sistemática de dados e informações, e de implementar estratégias de ação ou como lhe chamam estratégias de melhoria da qualidade. A falta de qualidade suficiente no serviço não está apenas associada ao potencial não realizado, mas também pode estar associada a danos. A inadequação da qualidade do serviço pode levar à adoção de comportamentos problemáticos como sinal de insatisfação por parte dos usuários adultos com deficiência o que, por sua vez, diminui severamente as oportunidades de vida e a qualidade de vida destas pessoas. São observados níveis mais baixos de participação na educação, emprego, acesso a bens, serviços e instalações, além de experiências contínuas de discriminação entre as pessoas com deficiência são potencialmente indicativos de um serviço de apoio à deficiência inadequado. Este serviço inadequado está bem documentado como tendo graves implicações negativas para os resultados de saúde. A inadequação da qualidade do serviço pode ser

explicada por dois fatores: pouco conhecimento da Direção sobre a qualidade do serviço para pessoas com deficiência e pouco conhecimento dos colaboradores (Wallace et al., 2023).

Para Poor e colegas (2013) existem 4 motivos para aumentar a qualidade de um serviço para pessoas com deficiência, são eles: as expectativas dos usuários e familiares que aumentam devido a maior consciencialização e desempenho de outras instituições; fatores ambientais, jurídicos, políticos, econômicos e sociais que exigem serviços de alta qualidade; natureza dos serviços que é avaliada pelos usuários com base em evidências físicas e comportamento dos colaboradores; fatores internos em que as atividades de promoção da organização eleva expectativas, exigindo que o desempenho corresponda às promessas feitas aos clientes.

Em analogia a outras organizações, onde os membros de uma direção financeira são liderados e integram profissionais da área financeira, então um membro da direção de um serviço para pessoas com deficiência deve incluir um usuário do serviço, alguém com experiência vivida de deficiência, como um familiar ou um profissional da área (Wallace et al., 2023). Quando os usuários participam nas direções ou reuniões, a sua presença é reconhecida como extremamente benéfica, fornecendo recursos valiosos, orientação, conhecimento e visões exclusivas, complementando as competências do diretor (Kohli & Jaworski, 1990).

Wallace e colegas (2023) sugerem que a direção deve avaliar as várias medidas qualitativas e quantitativas de um serviço de qualidade, obrigatórias e não obrigatórias, relacionadas ao conteúdo do serviço, garantir a adequação das fontes de informação e orientar a administração sobre as ações com base nessa avaliação. Poderia também ser criado, dentro da direção, um subcomité da qualidade que poderia assumir a responsabilidade primária por estas tarefas e, em seguida, apresentar informações a toda a direção. Segundo os mesmos autores (op.cit) , seriam nestes subcomités que deveriam ser incluídos os usuários dos serviços. Estas medidas não só podem ter mérito para a Direção, mas também consistentes com a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência.

Existem movimentos para promover a inclusão de pessoas com deficiência em cargos de direção. Por exemplo, o governo estadual australiano, apoia essa inclusão. No Reino Unido, programas financiados pelo governo também procuram garantir a presença de pessoas com deficiência em posições de liderança nas várias organizações. Ter experiência no setor de deficiência como membro da direção é considerado valioso para a instituição (Wallace et al., 2023). Um outro fator indicado para aumentar a qualidade do serviço é o apoio disponível durante os dias pois estes afetam o sucesso das pessoas com deficiência. A adequação dos

apoios fornecidos afeta o desenvolvimento de competências e o bem-estar. Um indicador da adequação dos apoios é a natureza das atividades em que os adultos participam regularmente. A qualidade das atividades é determinada pela participação em atividades funcionais, em contraste com comportamentos não funcionais, sendo a participação nas atividades que envolvem aprendizagem ou aplicação de competências funcionais considerada uma prática recomendada (Reid et al., 2001).

Dentro das perspectivas que temos vindo a descrever, Poor e colegas (2013) propõe cinco fatores comuns para a qualidade de um serviço para pessoas com deficiência:

- Qualidade do Processo: Refere-se à qualidade dos processos e métodos utilizados para atingir os objetivos de cada usuário;
- Qualidade do produto: é avaliada após a prestação do serviço. Na verdade, produto é o que o cliente recebe da organização;
- Qualidade Física: Refere-se a bens ou serviços nos casos de suporte do produto;
- Qualidade Interativa: Refere-se às interações entre usuários, colaboradores e membros da direção;
- Qualidade da Organização: Está relacionada com a imagem mental e percepção global da do serviço ou instituição.

Estes devem ter a qualidade para responder às necessidades e exigências dos usuários e compatíveis com as expectativas dos mesmos. Os atributos subjacentes desejáveis desses fatores incluem disponibilidade de serviço, comunicação eficaz, competências, humildade, confiança, capacidade de resposta, segurança, compreensão e dimensões tangíveis. Os dados de qualidade do serviço destacam potencialmente as perspectivas do consumidor de cordialidade e empatia dos trabalhadores (Poor et al., 2013; Wallace et al., 2023).

Ouvir as experiências dos usuários e suas famílias fornece perspectivas reais que as estatísticas não capturam. As histórias destacam detalhes importantes não abordados em pesquisas regulatórias, definindo a essência de um serviço centrado na pessoa (Wallace et al., 2023).

Conforme descrito por McGilton e colegas (2012), uma abordagem de cuidado centrada na pessoa em instituições obtém resultados como sentir-se valorizado como indivíduo, ter algo interessante para fazer durante o dia, vivenciar momentos que importam, sentir-se respeitado nas decisões e preferências para a vida diária, mantendo relacionamentos importantes e desenvolvendo novos relacionamentos. Existem diferenças entre as regulamentações para serviços com medição organizada e as prioridades centradas nas pessoas que são mais difíceis

de medir. É importante considerar cada opinião e equilibrar a prestação de serviços entre centrado na pessoa e centrado no serviço. As visões centradas na pessoa devem ser incorporadas nas instituições (Wallace et al., 2023).

Uma visão centrada na pessoa enquadra-se nos princípios de direitos humanos descritos pela Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006). Esses padrões abrangem a prestação de serviços com relação a direitos, participação e inclusão, resultados individuais, feedback e reclamações, acesso a serviços e gerenciamento de serviços (ONU, 2006).

Os benefícios decorrentes da qualidade do serviço são outro fator que incentiva as instituições a fornecer serviços de alta qualidade, desde logo, o aumento na capacidade de fornecer serviços eficientes pois partem das demandas e das necessidades de cada um. Por isso, reduzem ou mesmo eliminam os serviços não essenciais, aumentando a satisfação das pessoas com deficiência ao usufruírem dos serviços daquela instituição. Exemplo desses fatores são: o tipo de serviço prestado pelos colaboradores; Interação; instalações e características e comportamento com os colegas ou outros usuários (Poor et al., 2013)

A eficácia da monitorização e avaliação depende de saber exatamente o que está sendo monitorizado. É importante garantir que as políticas e protocolos sejam implementados corretamente para melhorar a qualidade dos cuidados e garantir a saúde e a segurança das pessoas (USAID, 2013).

Padrões de qualidade são critérios estabelecidos para avaliar a eficiência, eficácia e adequação dos serviços prestados. Na área comunitária, é importante desenvolver novos padrões que priorizem os direitos humanos e a qualidade de vida dos usuários, em vez de questões organizacionais e técnicas. As Diretrizes Comuns Europeias sugerem a participação do governo central, autoridades locais e provedores de serviços na definição desses padrões (USAID, 2013). Necessidade de que os conselhos administrativos ou Direção devem sempre manter-se informados sobre atualizações na legislação e estratégias para melhorar o serviço (Wallace et al., 2020). Geralmente, a qualidade da organização é uma dimensão intangível (Poor et al., 2013).

### **2.1.1 CONHECIMENTO PARA A QUALIDADE**

A transferência do conhecimento é um paradigma emergente para diminuir a lacuna entre o conhecimento científico e sua aplicação prática, isto é, a utilização das estratégias que partam das evidências científicas e da liderança para informar e transformar políticas e práticas. De

facto, a existência de uma lacuna entre os avanços científicos e a sua implementação, torna importante agir com base no conhecimento científico e evitar desperdício de esforços e recursos (Grimshaw et al., 2004). A disseminação da inovação na prática requer colaboração, recursos e tempo, especialmente ao se expandir para além do modo de projeto (OMS, 2005). Ariel Pablos afirmou na Ministerial Summit on Health Research organizada pela Organização Mundial de Saúde, em 2005, que a hipótese nula na tradução do conhecimento é mais sobre resolver problemas com base no melhor conhecimento disponível, em vez de levar as evidências de pesquisa diretamente para a política.

É possível melhorar o comportamento profissional e a qualidade dos serviços. No entanto, devido à falta de informação, a generalização dos resultados dos estudos é frequentemente incerta (Grimshaw et al., 2004). Para as instituições que pretendem otimizar a qualidade dos cuidados e apoio às pessoas com incapacidade intelectual, o conhecimento é um benefício (Reinders & Schalock, 2014).

Nos serviços para pessoas com deficiência existem três tipos de conhecimento: conhecimento baseado nas evidências (cientistas e profissionais da ciência), conhecimento baseado na prática (profissionais de cuidados) e conhecimento experimental (utilizadores dos serviços e seus familiares). Isto aumenta a complexidade da criação e partilha de conhecimento (Embregts, 2017). Estas instituições que desejam melhorar a sua qualidade, é importante compartilhar e aplicar conhecimentos. As direções empregam estratégias para impulsionar esses processos de conhecimento. Agora, há uma visão geral dos fatores que influenciam a execução dessas estratégias. Esses fatores devem ser utilizados por todos os envolvidos na melhoria do conhecimento, desde especialistas até políticos (Kersten et al., 2022).

Vozes críticas não estão convencidas da gestão baseada nas evidências, argumentando que os pressupostos subjacentes são falhos e que a gestão é um campo pluralista, onde diferentes abordagens teóricas podem ser relevantes. É necessário pesquisar como médicos e outros profissionais equilibram recomendações genéricas com as particularidades de cada caso. Isso também se aplica a diretores e administradores envolvidos na organização e entrega de cuidados (Greenhagh & Wieringa, 2011).

Nesta área, específica existe uma literatura crescente que defende que a qualidade que prestam é igual à sua contribuição para a qualidade de vida das pessoas que servem (Reinders & Schalock, 2014).

## **2.2. QUALIDADE DE VIDA NAS INSTITUIÇÕES PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

A expressão “Qualidade de Vida” tem sido amplamente propagada nos últimos anos, ganhando popularidade através de debates públicos e publicações de temática geral (Fernandes, 2017). A qualidade de vida dos adultos com deficiência está intrinsecamente ligada à qualidade do serviço que frequentam. A prestação de serviços de alta qualidade desempenha um papel fundamental na melhoria da qualidade de vida destas pessoas. (Wallace et al., 2023).

Segundo Schalock e Verdugo, (2007), o conceito de qualidade de vida surgiu pela primeira vez, na literatura, relacionada às pessoas com deficiência na década de 1980. Inicialmente, foi apresentado como uma ideia sensível ao que é significativo na vida das pessoas e como uma construção social que guia políticas e práticas. Com o tempo, evoluiu para se tornar uma estrutura usada no desenvolvimento de serviços e na avaliação pessoal dos resultados relativos à qualidade de vida. Essa construção fornece informações valiosas para todas as pessoas envolvidas na prestação de serviços para pessoas com deficiência e outros grupos com necessidades de apoio semelhantes.

Hogg e Moss (1990) argumentaram que a aplicação da qualidade de vida como um componente do serviço de qualidade era fundamental para o envelhecimento bem-sucedido entre pessoas com deficiência. Além disso, Hogg e Lambe (1997) expuseram que a organização de serviços de qualidade requer fundamentalmente considerações sobre a qualidade de vida. Schalock e Verdugo (2007), propuseram que o conhecimento dos conceitos e medidas de qualidade de vida em relação aos destinatários de serviços para pessoas com deficiência era um pré-requisito para melhorar os apoios e avaliar os resultados pessoais. Buntinx e Schalock, (2010) define a qualidade de vida “como um fenômeno multidimensional composto por domínios centrais influenciados por características pessoais e fatores ambientais”, sendo estes os mesmos para todas as pessoas, variando o valor e a importância dada por cada um (Buntinx & Schalock, 2010).

Segundo Modelo de Murrell e Norris, qualidade de vida é a medida da harmonia entre a pessoa e seu ambiente. Quanto maior essa harmonia, melhor é a qualidade de vida. Concentra-se na avaliação da compatibilidade entre as necessidades da pessoa, os seus recursos e o ambiente onde vive (Fernandes, 2017).

A Organização Mundial de Saúde (2006) identifica diferentes domínios incluindo o meio ambiente fazendo uma referência específica na “participação e oportunidades para atividades de recreação e lazer”.

A Escala de FUMAT de Alonso e colegas (2009) indica diferentes domínios a considerar na avaliação de qualidade de vida de um adulto com deficiência. Um deles é a autodeterminação que prevê avaliar, especificamente, se os serviços organizam atividades de acordo com as preferências de cada pessoa, se ela tem controlo sobre sua vida, toma decisões cotidianas e importantes, e se os apoios se ajustam às suas mudanças (Fernandes, 2017).

A Perspetiva Ecológica de Schalock e Verdugo (2007) considera oito dimensões na medição da qualidade de vida: bem-estar emocional, relações interpessoais, bem-estar material, desenvolvimento pessoal, bem-estar físico, autodeterminação, inclusão social e direitos. Combina com diferentes sistemas (microsistema, mesossistema e macrosistema) que enfatizam a autodeterminação. A autodeterminação inclui autonomia, metas pessoais e o direito de fazer escolhas independentes, como onde viver e como usar o tempo. A medição da qualidade de vida pode servir como um indicador de eficácia de serviços e programas.

Existem evidências que relacionam a promoção da autodeterminação em pessoas com deficiência com a melhoria da sua qualidade de vida (González et al., 2022). A informação sobre a qualidade de vida das pessoas com deficiência contribui para decisões em políticas públicas e serviços, visando uma sociedade mais inclusiva. (Fernandes, 2017).

As pessoas com deficiência, geralmente, têm menos oportunidades de agir de forma autodeterminada (Sánchez et al., 2020), embora sejam aqueles que mais precisam e, portanto, apresentam níveis mais baixos de autodeterminação (González et al., 2022). No caso de pessoas com deficiência Wehmeyer (2005) explica que em demasiadas ocasiões o ensino e intervenção centram-se no desenvolvimento de habilidades sociais em prejuízo do desenvolvimento da resolução de problemas.

Segundo Sánchez e colegas (2020), os conceitos de qualidade de vida, autodeterminação e prestação de apoios desempenham um papel importante no desenvolvimento dos serviços de qualidade e avaliação de resultados pessoais. Em termos de programas e serviços para pessoas com deficiência, a autodeterminação tem sido utilizada para orientar práticas em diferentes contextos, que vão desde o bem-estar social geral até à educação especial e serviços de apoio para adultos com deficiência e atrasos de desenvolvimento. As ligações que o conceito tem com o desenvolvimento do princípio da “Normalização” são de grande

interesse. Por outro lado, o conceito de autodeterminação tem sido aplicado para melhorar a qualidade de vida e aumentar o apoio a pessoas com deficiência em serviços, pesquisa e advocacia. (Verdugo, 2003).

### **2.2.1 A PARTICIPAÇÃO**

Vários estudos destacam um certo nível de confusão e uma tendência para interpretar mal a definição de autodeterminação, equiparando-a com desempenho independente, autossuficiência e autonomia (Sánchez et al., 2020; Wehmeyer, 2005). Wehmeyer, (1999), explica a Teoria Funcional da Autodeterminação, que entende a autodeterminação como “agir como o principal agente causal na vida e fazer escolhas e tomar decisões em relação à qualidade de vida”.

Tomar decisões envolve identificar alternativas, avaliar suas consequências, considerar probabilidades, determinar a importância relativa e integrar valores e probabilidades para escolher a melhor ação. Embora as pessoas com deficiência possam participar ativamente nesse processo, muitas podem nunca ter tido essa oportunidade devido a preconceitos e presumida inferioridade aceita pela sociedade. (Fernandes, 2017).

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência destaca a importância de permitir que as pessoas com deficiência estejam envolvidas em todos os aspectos da vida e estabelece os requisitos em termos de atitudes e leis necessários para tornar essa participação uma realidade. Os artigos da Convenção abordam a participação como um domínio do funcionamento da vida. A participação diz respeito ao envolvimento das pessoas numa situação de vida real. Pode ser exercida em diferentes ambientes ecológicos, no local de trabalho, na escola, em casa, na localidade onde se vive e pode ser exercida a nível local, nacional e internacional (ONU, 2006). A participação ativa, ao aumentar o valor da liberdade, permite que as pessoas com deficiência se tornem autónomas e tenham controlo sobre as próprias vidas. Acrescenta, que devido à presença de diferentes grupos com valores incompatíveis na mesma sociedade, alguns têm de lutar para lhes ser reconhecido o direito à participação (Fernandes 2017). A participação pode ser entendida tanto como razão existencial dos sujeitos (na sua relação com o outro e com o mundo), como processo pedagógico de aprendizagem (de aquisição de competências participativas), quer ainda, como lugar político ou relação conflitual entre poder atribuído e poder reclamado (Vieira, 2015).

Estruturas participativas de tomada de decisão ou o desenvolvimento do apoio social pode aumentar o empoderamento psicológico. Por outro lado, falhas organizacionais frequentes podem impedir o desenvolvimento do empoderamento (Zimmerman, 1990).

Zimmerman (1990) explica que instituições que incentivam a que os participantes se envolvam na tomada de decisões e a assumirem responsabilidades estão mais propensas a fortalecer o sentimento de empoderamento psicológico, enquanto instituições com menos participação podem não proporcionar o mesmo nível de fortalecimento. É essencial que as pessoas com deficiência tenham pleno exercício dos seus direitos. (Fernandes, 2017).

### **2.3. “NOTHING ABOUT US, WITHOUT US!”**

A mudança de paradigma, refletida no lema do movimento pelos direitos das pessoas com deficiência "Nada sobre nós, sem nós", tem vindo a transformar a forma como as pessoas com deficiência são percebidas na sociedade, e, conseqüentemente, tem influenciado a abordagem das pesquisas nesta área. O lema procura corrigir a histórica falta de representação e voz das pessoas com deficiência, frequentemente faladas por outros, proporcionando oportunidades para expressarem as suas próprias opiniões de forma mais pública. Em resumo, "Nada sobre nós sem nós" pretende dar às pessoas com deficiência a voz e o poder de falar por si mesmas e serem ouvidas em questões que as afetam (Derby, 2013; Stack & Mc Donald, 2014).

É importante salientar que o projeto transdisciplinar de estudos sobre a deficiência emergiu dos esforços para promover a defesa e a investigação crítica sobre a área, com atenção especial às perspectivas e aos interesses das próprias pessoas (Derby, 2013). A importância de ouvir as pessoas com deficiência ao realizar pesquisas sobre deficiência é crucial. Além disso, foi reconhecido que o processo é tão valioso quanto os resultados. A aplicação de uma abordagem baseada nos direitos em todas as etapas de um projeto de pesquisa, pode impulsionar níveis abrangentes de participação e inclusão de pessoas com deficiência (Tanabe et al., 2017).

Yeo e Moore (2003) explicaram corroborando o que já foi falado anteriormente, que a maioria das pesquisas existentes não foram realizadas por pessoas com deficiência, nem as incluiu. Em vez de serem objetos passivos de pesquisa, as pessoas com deficiência são vistas como influenciadoras na pesquisa que pode impactar suas vidas. A abordagem de pesquisa-ação,

que envolve ativamente as pessoas com deficiência no processo de tomada de decisão, é cada vez mais adotada por pesquisadores. (Stack & Mc Donald, 2014).

Portanto, a pesquisa-ação começa com uma abordagem de pesquisa que se concentra nas necessidades da comunidade e nos problemas específicos, transformando a dinâmica entre acadêmicos e membros da comunidade. Os defensores enfatizam que a pesquisa-ação é uma maneira de incorporar os direitos das pessoas com deficiência na pesquisa, com o objetivo de melhorar as suas vidas, promovendo pesquisas nas quais eles desempenham um papel ativo e contribuem com seu conhecimento. Para garantir a plena e igualitária participação de pessoas com deficiência em todo o ciclo de um projeto de pesquisa, estratégias mais inovadoras são necessárias (Stack e Mc Donald, 2014; Tanabe et al., 2017).

A metodologia *Photovoice* é uma forma criativa de Pesquisa-Ação Participativa (PAR) que capacita grupos sub-representados da comunidade para se tornarem os verdadeiros pesquisadores e instigarem a mudança (Brake et al., 2012; Hefron et al, 2018).

## **2.4. METODOLOGIA – PHOTOVOICE**

A metodologia "*Photovoice*" foi usada pela primeira vez por Wang e Burris no início dos anos 90, do século passado, desenvolvida para criar oportunidades para os indivíduos mais discriminados, permitindo-lhes participar ativamente no desenvolvimento das suas comunidades, dando-lhes a oportunidade de contar as suas histórias e terem as suas vozes ouvidas. Equipadas com uma câmara, as pessoas podem criar provas fotográficas e representações simbólicas para verem o mundo através dos seus olhos (Booth & Booth, 2003). Os primeiros participantes desta metodologia foram mulheres de uma vila na China rural e é baseado em três entendimentos teóricos principais (Wang & Redwood-Jones, 2001).

O primeiro é a abordagem da educação crítica de Paulo Freire. Freire defendia que todo o ser humano, independentemente de quão "ignorante" ou submerso na "cultura do silêncio", é capaz de olhar criticamente para o mundo a partir do diálogo. Com as ferramentas adequadas, qualquer pessoa pode gradualmente perceber a sua realidade pessoal e social, tornar-se consciente dessas percepções pessoais e lidar criticamente com elas. Freire observou especificamente que a imagem visual era uma ferramenta para capacitar as pessoas a pensar criticamente sobre a sua comunidade (Wang & Redwood-Jones, 2001).

A segunda base teórica é fornecida por Maguire, teoria feminista, que observou, mesmo na afirmação de Freire de que a dominação era o tema principal da época. A teoria feminista

sugere que o poder é acumulado por aqueles que têm voz, definem a linguagem, fazem a história e participam nas decisões. O *Photovoice* tem como objetivo testar na prática essa perspectiva teórica e trazer ideias, imagens, conversas e vozes novas ou raramente ouvidas para o fórum público (Wang & Redwood-Jones, 2001).

O terceiro entendimento subjacente envolve uma abordagem comunitária para a fotografia. A fotógrafa e educadora britânica Jo Spence descreveu a "fotografia comunitária" como uma maneira de pensar sobre como as pessoas comuns poderiam apropriar a câmara para a mudança social (Wang & Redwood-Jones, 2001).

Palibroda et al., em 2009 corrobora o que foi dito por Wang e Burris em 1997, o *Photovoice* foi, e é considerada uma abordagem inovadora para uma ação participativa de pesquisa. Wang e Burris em, 1997, explicam que o *Photovoice* fornece câmaras aos participantes para que possam criar evidências fotográficas e representações simbólicas para ajudar os outros a verem o mundo através de seus olhos. Sendo uma metodologia de pesquisa-ação participatória baseada na ideia de que as pessoas são especialistas nas suas próprias vidas. Utiliza a fotografia e o diálogo em grupo como meio para aprofundarem a sua compreensão de uma questão ou preocupação na comunidade (Wang & Burris, 1997).

Coloca as pessoas no controlo de como se representam e como retratam a sua situação. O processo desafia a política estabelecida de representação, transferindo o controlo sobre os meios de documentar vidas dos poderosos para os desfavorecidos, do especialista para o leigo, do profissional para o cliente, do burocrata para o cidadão, do observador para o observado. *Photovoice* trata-se de ponto de vista: visa capturar e transmitir o ponto de vista de quem fotografa, compartilhando a sua história que a imagem evoca. Estas, imagens e histórias são as ferramentas utilizadas para alcançar e influenciar os decisores políticos (Booth & Booth, 2003).

Segundo Booth e Booth (2003) e Wang e Burris (1997) o *Photovoice*, como técnica tem quatro objetivos principais:

- incentivar as pessoas a refletir e registar aspetos de sua própria identidade, experiência e comunidade;
- permitir encontrar força pessoal e causa comum com outros;
- promover o diálogo crítico e conhecimento sobre questões pessoais e da comunidade;

- projetar uma visão das suas vidas que possa educar outras pessoas, especialmente tomadores de decisão e formuladores de políticas, para entender melhor a sua realidade e experiência real.

O *Photovoice* capacita grupos desfavorecidos a melhorarem as suas comunidades através da fotografia, permitindo que contem as suas histórias e tenham as suas vozes ouvidas. (Wang & Burris, 1997). A beleza do *Photovoice* é a sua diversidade. Todos os projetos *Photovoice* são diferentes, e cada projeto tem um foco diferente. Com o *Photovoice*, diferentes histórias são contadas, diferentes fotografias são capturadas e resultados diferentes são encontrados. Apesar das muitas diferenças, o comum a cada projeto de *Photovoice* é a sua eficácia como método para revelar experiências da vida real e empoderar pessoas (Palibroda et al., 2009).

O coração do *Photovoice* é a mistura de imagens e palavras. Esta combinação não é uma ideia nova. Na verdade, nós humanos usamos diferentes tipos de imagens e palavras para expressar o que precisamos, o que tememos, o que valorizamos, o que sonhamos e todo o tipo de outras ideias desde que temos conhecimento. O *Photovoice* é um exemplo recente que utiliza essa forma de expressão (Wang & Burris, 1997). As histórias e experiências de pessoas com menos poder são frequentemente silenciadas e ignoradas por aqueles que têm mais poder. Como resultado, os sistemas sociais, políticos e económicos criados para servir toda a população têm dificuldades em responder a toda a população (Palibroda et al., 2009).

Blackman e Fairey em 2007 cit in. Palibroda et al. em 2009, explica que existem várias razões pelas quais esta abordagem é eficaz para pesquisas comunitárias com pessoas com deficiência e/ou incapacidade. É uma prática capacitadora, pois oferece uma maneira alternativa para que as pessoas se unam e revelem as suas preocupações. O método incorpora diversão, criatividade sendo motivadora para a participação dos membros da comunidade. Enfatiza a importância dos mesmos terem voz e agirem para informar os tomadores de decisão sobre a realidade das suas vidas. Ao fornecer essas informações, a intenção do método é influenciar as políticas públicas e melhorar a vida das pessoas (Wang e Burris, 1997). É importante para os indivíduos terem uma voz nas questões que influenciam as suas circunstâncias de vida e encontrar formas de serem ouvidos outros (Palibroda et al., 2009). Inclusivo a todos, o *Photovoice* facilita diálogos através das fotografias, beneficiando aqueles com deficiência ao representar conceitos de maneira tangível (Booth & Booth, 2003; Povee et al., 2014).

Para Povee e colegas (2014), a técnica *Photovoice* apresenta características que a tornam especialmente adequada para ser usada com pessoas com dificuldades de aprendizagem e

que têm visão. Ao combinar imagens visuais (o elemento fotográfico) com discussões individuais e em grupo (o elemento de voz), ajuda a incluir pessoas que têm dificuldades na fluência verbal. A fotografia como atividade enfatiza a ação em vez da cognição. Possibilita às pessoas com deficiência expressar questões e preocupações de forma concreta, alinhada ao seu pensamento, capacita-as de forma a superar desafios. Além disso, vai além das ideias emancipatórias associadas ao modelo social da deficiência, permitindo que os participantes exerçam escolhas e sejam competentes no processo de pesquisa.

Povee e colegas (2014), enfatiza algumas das vantagens e dificuldades na utilização desta técnica:

*Tabela 1 - Vantagens e dificuldades na utilização do Photovoice*

<b>Vantagens:</b>	Capacitação; Captura de uma perspectiva única; Desafio das relações tradicionais de pesquisa; Promoção do envolvimento com a comunidade em geral; Desenvolvimento de novas habilidades e confiança; Aumento do envolvimento e comprometimento na pesquisa; Acessibilidade.
<b>Dificuldades:</b>	Compartilhamento de controlo e tolerância à incerteza; Co-construção da pesquisa; Tempo e dinheiro.

A utilização desta abordagem envolve diferentes fases os participantes da pesquisa tiram fotografias para ilustrar o problema ou questão da pesquisa, estas fotografias são então complementadas por dados de entrevistas (Povee et al., 2014). Cada projeto de *Photovoice* é diferente e por isso como um grupo avança pelas etapas sugeridas será influenciado pelas diferenças no cronograma projetado, orçamento, objetivos dos participantes, recursos da comunidade e, é claro, necessidades da comunidade (Palibroda et al., 2009).

Segundo diferentes estudos (e.g. Booth & Booth, 2003; Palibroda et al., 2009; Wang, 1999) processo do *Photovoice* consiste em diversas etapas comuns, incluindo:

- Conectar e consultar com a comunidade;
- Planear o projeto de *Photovoice*;
- Recrutar participantes de *Photovoice* e membros da audiência-alvo;
- Iniciar o projeto de *Photovoice*;
- Realizar reuniões de grupo para discutir o projeto;
- Coletar dados por meio das fotos tiradas pelos participantes;
- Analisar os dados coletados;
- Preparar e compartilhar a exposição de *Photovoice*;
- Realizar ação social e mudança de políticas.

## **3. ESTUDO EMPÍRICO**

### **3.1. INTRODUÇÃO EMPÍRICA**

Considerando a revisão de literatura sobre a pessoa com deficiência e o seu lugar no mundo anteriormente apresentada, e as políticas públicas em relação a esta população, constatamos que o Governo Português indica ter como prioridade a valorização pessoal e a inclusão social e profissional das pessoas com deficiência. Nesse sentido, foi proposta a criação do Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI) como uma resposta social que promoverá a autonomia, a qualidade de vida e a inclusão das pessoas com deficiência, na vida após-escola, alinhando-se com os princípios da Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) (Portaria nº70/2021, 2021).

Segunda a Portaria nº70/2021 o CACI substitui o Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) desde março de 2021, o sentido de proporcionar atividades e serviços que facilitem o acesso à comunidade e promovam a inclusão social e económica das pessoas com deficiência. Neste contexto, o plano individual de inclusão é uma ferramenta importante para planear e monitorizar os percursos de vida de cada utente. Assim, estes estabelecimentos devem proporcionar atividades ocupacionais como um meio de capacitação para a inclusão, bem como garantir uma transição suave para programas de inclusão socioprofissional ou medidas de reabilitação profissional, sempre tendo em consideração as necessidades individuais e o direito das pessoas com deficiência a fazerem suas próprias escolhas em igualdade de oportunidades. O objetivo final da intervenção será promover a autonomia e a cidadania das pessoas com deficiência, mantendo a continuidade de apoio após a saída do sistema educativo e facilitando processos de tomada de decisão e inclusão (Portaria nº70/2021, 2021). No relatório de 2021 da Carta Social publicada pelo Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, entre 2000 e 2021, os serviços para pessoas com deficiência cresceram em 99%, com os Lares Residenciais e CACI's a representar 70% das respostas em 2021, mantendo a tendência de 2020. Em 2021, a resposta de CACI teve um aumento impressionante de 90% desde 2000 em termos de vagas, alcançando 16.171 lugares e, portanto, desempenhando um papel fundamental na inclusão de pessoas com deficiência. Em relação ao tipo de utilização destes serviços, 91% das respostas CACI tinham uma média diária de 4 a 8 horas em 2021. Quanto à duração da permanência dos utilizadores, concentrava-se entre os 5 e os 10 anos (20%), enquanto uma parcela significativa (35%) ficou por mais de 15 anos (Ministério do

Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, 2023). Em 2021, a maioria (51%) dos utilizadores das respostas CACI participou em atividades e projetos de inclusão na sociedade, sublinhando o compromisso contínuo com a inclusão das pessoas com deficiência (Gabinete de Estratégia e Planeamento, 2023).

A Regulamentação do funcionamento dos CACI's, expõe, no artigo 3º, vários princípios orientadores para a atividade, dos quais, para este estudo salientamos duas alíneas:

A alínea “c) princípio da autodeterminação”, reconhece que as pessoas com deficiência são indivíduos autónomos, com suas próprias opiniões, desejos e necessidades, e que essas opiniões devem ser respeitadas e levadas em consideração em todas as decisões que as afetam. Destaca que as pessoas com deficiência têm o direito de controlar suas próprias vidas e fazer escolhas que considerem melhores para si mesmas, assim como qualquer outra pessoa. A alínea “g) princípio da qualidade”, enfatiza que as pessoas com deficiência merecem o mesmo padrão de serviços e apoio de alta qualidade que qualquer outra pessoa, levando em consideração suas necessidades individuais e garantindo que esses serviços promovam sua inclusão e participação plena na sociedade. Isso envolve garantir que os serviços sejam acessíveis, eficazes e adequados para atender às variadas necessidades das pessoas com deficiência. Também significa que esses serviços devem ser prestados de maneira respeitosa, digna e sensível às particularidades de cada pessoa. Deste modo, o CACI não apenas visa promover a autonomia, mas também melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência. Fornecendo apoio adequado, atividades e oportunidades que sejam adaptadas às necessidades individuais de cada pessoa, envolvendo-as neste processo respeitoso no âmbito do qual são tomadas decisões que influenciam o seu Projeto de Vida.

Contudo, na generalidade das instituições que respondem às necessidades de pessoas com deficiência, com frequência, os princípios de qualidade e de autodeterminação não são tidos em conta na prática diária, sendo a sua participação na tomada de decisão quase nula, uma vez que toda a rotina e tarefas realizadas no dia-a-dia de uma instituição são decididas pela Direção Técnica e/ou Equipa Técnica. Deste modo, o objeto deste estudo relaciona-se com a participação na tomada de decisão de jovens adultos com incapacidade intelectual, procurando dar voz a um grupo de jovens e adultos com deficiência que participam nas atividades de uma instituição através da metodologia de *Photovoice*. Assim, este estudo foca-se nos seguintes objetivos específicos: explorar as perceções e experiências dos participantes no sentido de identificar facilitadores e barreiras ao seu bem-estar na instituição (a apresentar

posteriormente); explorar o significado atribuído pelos jovens à sua possibilidade de participar na tomada de decisão na instituição; promover a participação destes jovens na tomada de decisão relativamente ao seu quotidiano através da metodologia de *Photovoice*. Pretende-se, assim, responder às seguintes questões de investigação:

- Quais as barreiras e facilitadores que os participantes identificam nesta instituição?
- Qual o significado atribuído à sua possibilidade de participação na tomada de decisão na instituição?
- Será possível promover a participação de jovens com incapacidade intelectual na tomada de decisão na instituição em que trabalham através da metodologia *Photovoice*?

### **3.2. DESENHO DO ESTUDO**

Através de uma abordagem exploratória, este estudo procura dar voz a um grupo de jovens e adultos com deficiência que participam nas atividades de uma instituição. Este projeto visa proporcionar oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento de competências específicas para uma inclusão na comunidade, no mercado de trabalho e o aumento da qualidade de vida. Para atingir estes objetivos, adotamos um desenho de estudo de caso e utilizamos a metodologia de *Photovoice* e *Focus Group* para explorar as percepções e experiências dos jovens adultos em relação às diversas dimensões e atividades realizadas durante sua participação no projeto bem como, os facilitadores e barreiras com que se deparam na sua rotina neste espaço. A utilização do *Photovoice* pretende permitir que os participantes expressem as suas vivências por meio da fotografia, proporcionando uma perspectiva visual única das suas experiências. Por outro lado, os *Focus Groups* foram utilizados no sentido de proporcionar um espaço para discussões aprofundadas e trocas de experiências entre eles, com base nas fotografias selecionadas pelos mesmos (Oliveira & Freitas, 1998; Ryan et al., 2014). Assim, por um lado, a adoção de uma abordagem exploratória, utilizando métodos que respeitam as necessidades e experiências dos jovens, pretende contribuir para uma compreensão mais completa e abrangente do potencial da opinião dos participantes para a promoção da qualidade do serviço nestas instituições. Por outro lado, ao dar voz a um grupo de jovens com incapacidade intelectual que participam nas atividades de uma instituição, pretende-se contribuir para o seu empoderamento no sentido da participação na tomada de decisão em relação às atividades e quotidiano da instituição.

### **3.3. CONTEXTO DE INTERVENÇÃO E SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES**

*Contexto: Projeto similar a um CACI*

A instituição onde decorreu o presente estudo desenvolve um projeto similar a uma CACI que pretende responder à necessidade de ampliar a rede de respostas institucionais para a população com deficiência. Através de respostas pontuais e contínuas pretende potenciar/desenvolver capacidades individuais no sentido de estimular a autonomia e bem-estar dos participantes, através das artes, desporto e ofícios, sempre na lógica de legitimar o lugar ativo da pessoa com deficiência na sociedade

Este projeto integra 2 valências para adultos:

- Valência +18 – integra 20 adultos: Os objetivos são estimular o desenvolvimento das capacidades das pessoas com deficiência, facilitar a sua integração social e contribuir para a sua integração socioprofissional. Funciona em regime de tempo inteiro ou a meio tempo. Os utentes usufruem de atividades diversas, bem como de sessões terapêuticas, tendo por referência as suas capacidades, funcionalidades, interesses e necessidades. Esta valência inclui três vertentes:

- A vertente de bem-estar visa promover maior bem-estar para os participantes com menor funcionalidade, por meio de atividades de estimulação sensorial e manutenção de capacidades físicas;
- A vertente ocupacional procura estimular o desenvolvimento de capacidades, facilitar a integração social e promover o equilíbrio físico, emocional e social;
- A vertente socioprofissional procura desenvolver capacidades para a inclusão no mundo do trabalho, oferecendo a possibilidade de atividade remunerada, formação e aperfeiçoamento profissional, mediante protocolos com entidades ou empresas.

Valência de Formação Profissional: Tem como principal objetivo desenvolver ações de Formação para Pessoas com Deficiências e Incapacidades, a partir dos 18 anos.

Este define-se por uma equipa de trabalho multidisciplinar:

- Diretora Técnica/Assistente Social lidera e monitora o projeto, promovendo a participação familiar;
- Equipa Técnica inclui Psicóloga, Terapeuta Ocupacional, Psicomotricista, Educadora Social, Assistente Social. As primeiras quatro são responsáveis por realizar a avaliação terapêutica e de acordo com esta construir os Planos de Desenvolvimento Individual (PDI). Dinamizam sessões terapêuticas individuais e Sessões de grupo;
- 3 Monitores planeiam e promovem atividades conforme o PDI;

- 2 Auxiliares de Ação Educativa cuidam da higiene e auxiliam nas refeições e atividades em grupo;
- 1 Auxiliar de Serviços Gerais higieniza o espaço.

Em termos processuais são admitidos para a Valência +18 todos os adultos com qualquer tipo de deficiência e/ou incapacidade. Após a inscrição no projeto, estes participam num dos períodos do dia da instituição, sendo posteriormente avaliados pela Equipa Técnica que faz chegar um relatório à Diretora Técnica, a qual, seguindo os critérios de seleção, informa se o participante integrará ou não o Projeto.

Após a seleção, ocorre um mês de adaptação com um Plano de Adaptação específico, focado na integração do novo participante com colegas, colaboradores e ambiente. Durante este mês é realizada uma anamnese com a presença de um familiar próximo e o preenchimento da Escala de Apoio de Necessidades (SIS-A). A partir da Posição Percentílica do Índice de Necessidades de Apoio (PPINA), o participante integra uma das vertentes do Projeto: Bem-Estar (superior a 71%); Ocupacional (entre os 56% e 70%); Socioprofissional (inferior a 55%). A partir deste momento, o novo participante será encaminhado para as diferentes intervenções Terapêuticas (Psicologia, Psicomotricidade e Terapia Ocupacional), de acordo com os seus interesses e necessidades. O PDI é elaborado em colaboração com o participante, família e colaboradores, abrangendo vários domínios do quotidiano, metas específicas, estratégias e contextos de intervenção. A reavaliação semestral permite ajustes conforme a evolução de cada participante.

As atividades dinamizadas são definidas pela equipa técnica com os monitores. Habitualmente, é realizada uma reunião com os participantes, em setembro, na qual cada um poderá dizer quais as atividades que quer participar, bem como quais as intervenções individuais em que pretende participar. A equipa volta a reunir e realiza os ajustes necessários ao horário individual de cada participante.

Os participantes chegam à instituição de segunda a sexta-feira no transporte do projeto. Após guardar os seus pertences no cacifo, participam no "Acolhimento da manhã" no polivalente, envolvendo diálogo sobre eventos importantes, explicação da rotina e atividades do dia. O "Acolhimento da tarde" integra os participantes do turno da tarde e reforça a rotina. No "Fecho do Dia", compartilham experiências destacadas do dia.

As atividades realizadas pelos monitores são: Desporto e Condição Física, Planeamento de Eventos, Cuidar do Xisto (manutenção do espaço), Direito a Saber, Horta, Criar e Construir,

Oficinas da Reciclagem e Atividade Musical. A Equipa Técnica dinamiza as atividades de: Teatro Musical, yoga, Mão à Massa (Culinária), Oficinas da Comunicação (exploração e aprendizagem de manuseamento de aparelhos eletrónicos), Cuidados Pessoais, Ativamente (Estimulação Cognitiva), Dança, O Meu Corpo Fala (Psicomotricidade), Sobrevoar (sobre temas do mercado laboral), Aos Olhos de Picasso (artes plásticas) e Reflexão Semanal. As atividades de grupo não são dinamizadas para todo o grupo, mas sim para grupos específicos considerando os seus objetivos de vida e vertentes em que estão inseridos.

Os participantes participam ainda na organização e higiene do espaço para o almoço e lanche, de acordo com uma escala de responsabilidades construída com a Terapeuta Ocupacional. Após o almoço têm uma hora durante a qual poderão fazer o que quiserem (dormir, ver televisão, ouvir música jogar à bola, fazer caminhadas na rua, jogar às cartas, entre outras).

O Projeto inclui ainda a valência -18, a qual tem como principal objetivo ser o prolongamento da escola.

#### *Participantes*

Para este projeto a amostra será retirada da valência +18 que intervém com 20 jovens/adultos, entre os 20 e os 51 anos de idade, com incapacidade intelectual. A amostra foi selecionada por conveniência, procurando que se cumprissem os seguintes critérios: serem capazes de utilizar a câmara do telemóvel ou tablet e tirar fotografias; frequentarem a resposta de todo o dia, à qual a investigadora está vinculada profissionalmente; ter uma (PPINA) até 55%, pela SIS – A (Escala de Intensidade de Apoios); participarem na vertente Socioprofissional, que tem como principal objetivo estimular o desenvolvimento de capacidades adequadas com vista à integração no mundo do trabalho ou à prestação de serviços a entidades ou empresas mediante protocolos, assegurando-lhes o exercício de atividade remunerada, bem como acesso a formação.

Assim, desta população, dois participantes apenas frequentavam a resposta no turno da tarde, pelo que foram excluídos do estudo; e sete participantes encontravam-se incluídos nas vertentes Ocupacional e Bem-Estar, pelo que também não cumpriam os critérios. Deste modo, 11 participantes cumpriram os critérios de inclusão no estudo e foram convidados a participar no mesmo. No entanto, três destes não quiseram participar, pelo que a amostra é composta por oito participantes. Por motivos de anonimato e confidencialidade serão designados por Anabela, Tiago, Luís, Filipe, Miguel, Ricardo, Simão e Sara – pseudónimos escolhidos para este estudo.

Tabela 2 - Caracterização dos Participantes do estudo

PARTICIPANTE	IDADE	PPINA (%)	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	TELEMÓVEL/TABLET	FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO	TIRA FOTOGRAFIAS
ANABELA	24	46%	12º ano	Sim	Diária	Sim
TIAGO	43	5%	9ºano	Sim	Não Utiliza	Sim
LUÍS	51	32%	Sem informação	Não	Não utiliza	Sim
FILIPE	20	53%	9ºano	Sim	Semanal	Sim
MIGUEL	27		12ºano	Sim	Semanal	Sim
RICARDO	27	12%	12ºano	Sim	Diária	Sim
SIMÃO	37	28%	Sem Escolaridade	Sim	Não Utiliza	Sim
SARA	20	12%	12º ano	Sim	Diária	Sim

É importante referir que, anteriormente, todos os participantes tiveram oportunidade de participar durante seis meses numa atividade de Fotografia onde aprenderam a manipular aparelhos eletrónicos, como a máquina fotográfica, telemóvel e tablet para tirar fotos.

### 3.4. RECOLHA DE DADOS

Como anteriormente referido, este estudo pretende explorar as perceções dos jovens e adultos sobre a rotina promovida na instituição, identificando, com base na sua perspetiva, facilitadores e barreiras no seu dia-a-dia, no sentido de promover a maior participação na tomada de decisão, com impacto na qualidade do serviço da instituição. Assim, no final do processo, pretende-se contribuir para a adoção das alterações propostas pelos participantes, apresentando um Portfólio com sugestões à Direção da instituição.

Para tal, foi utilizada a metodologia *Photovoice* como estrutura orientadora da pesquisa e recolha de dados baseada nas fotografias captadas pelos participantes. Esta metodologia tem sido amplamente utilizada como uma estratégia facilitadora da avaliação de necessidades em ambiente comunitário pelos próprios membros da comunidade no sentido de promover a sua participação na tomada de decisão e, portanto, como uma estratégia participativa (Tijm et al., 2011; Wang & Burris, 1997). Assim, pretende-se empoderar os participantes a identificar aspetos positivos, alternativas e mudanças possíveis na instituição (facilitadores e barreiras, como anteriormente referido), levando os decisores a implementar as mudanças propostas e a envolver os participantes na tomada de decisão quotidiana.

O *Focus Group* foi utilizado como um complemento para facilitar debate entre os participantes e a sua reflexão sobre as imagens selecionadas e sua relação com as experiências dos participantes. O *Focus Group* tem como principal vantagem a possibilidade de envolver um conjunto de participantes na análise e debate de um determinado tema. Revela-se como uma metodologia útil para explorar as perceções e emoções de cada participante em relação ao tema proposto. O Moderador/entrevistador tem a função de mediar e guiar a discussão, não assumindo opiniões nem influenciando o debate, mas apenas orientando o mesmo através de

questões abertas (Oliveira & Freitas, 1998; Ryan et al., 2014). Neste caso, foi utilizado também com o objetivo de obtenção de uma decisão/conclusão sobre um determinado tema através das discussões/interações (Cavalcanti et al., 2017; Oliveira & Freitas, 1998). Segundo Ryan e colegas (2014), é importante alinhar a metodologia dos *Focus Groups* com os objetivos da pesquisa para melhorar a qualidade dos resultados. Assim, foi construído um guião semiestruturado para cada um dos momentos do *Focus Group*. Tal como nos diz Oliveira e Freitas (1998), cada *Focus Group* deverá ser constituído de perguntas abertas, perguntas introdutórias, perguntas de transição, perguntas chave e perguntas finais, sendo que estas não deverão ser padronizadas, mas adaptadas à evolução do debate (Ryan et al., 2014).

Com base nos objetivos deste estudo, foram identificadas questões relacionadas com as fotografias captadas e selecionadas por cada um dos participantes no sentido de promover a discussão/debate e posterior conclusão/decisão. A técnica *SHOWeD*, criada por Wang (1999), tem sido destacada em diversos estudos de *Photovoice* como facilitadora da análise e debate das fotografias captadas (Kim et al., 2021; Tijm et al., 2011; *Wallerstein*, 1987; Wang et al., 2000). Este acrónimo reflete cinco questões que poderão ser traduzidas como: O que é que veem aqui? O que está realmente a acontecer aqui? Como é que isto se relaciona com as nossas vidas? Porque é que esta preocupação, situação, ou força existe? E o que é que podemos fazer em relação a isso?

Para os momentos individuais de seleção de fotografias foram alinhadas questões com base no estudo de Wang e colegas (2000) (Porque tiraste esta foto? O que mais gostas no que vês? Há alguma coisa importante para ti? Quando observas cada foto, do que te lembras? Algo te incomoda?) Para o *Focus Group*, foram alinhadas questões com bases em dois estudos (Heffron et al., 2018; Kim et al., 2021) sendo estas adaptadas ao nosso objetivo de estudo (O que vocês veem aqui? Existe alguma coisa importante para vocês? Como isto se relaciona com a rotina do nosso dia-a-dia? Quando veem a foto, algo vos incomoda ou gostam do que veem?).

A recolha de dados baseou-se em 11 momentos de interação com os participantes, individualmente e em grupo, tendo-se focado, numa fase inicial, em permitir a recolha de fotografias e, posteriormente, na discussão e partilha de opiniões sobre as mesmas.

### **3.5. PROCEDIMENTOS**

Para a realização deste estudo foi pedida a autorização à instituição e aos próprios jovens e adultos (Anexo A) a partir de um consentimento informado, livre e esclarecido para participação em investigação de acordo com a Declaração de Helsínquia (1964) e a Convenção de Oviedo (2008), cumprindo os critérios da Comissão de Ética da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

Este estudo de *Photovoice* passou por várias etapas, começando com a apresentação do projeto aos participantes e a sugestão de capturar fotografias, iniciando a Parte 1 do projeto (Captação e Seleção de Fotografias). Foi sugerido fotografar espaços, pessoas ou momentos, para permitir a identificação de barreiras, facilitadores, apoio e estratégias de participação (Heffron et al., 2018). Após a desmotivação inicial, a pesquisadora reuniu o grupo para procurar identificar com os participantes estratégias para os motivar ou apoiar, se necessário e incentivar a captura de 10 fotos, seguido pela seleção individual de três delas e posteriormente de apenas 1. Os participantes analisaram as suas escolhas e expressaram as suas opiniões sobre mudanças desejadas na rotina do projeto. Após a coleta e análise do material fotográfico, iniciaram-se encontros semanais para discutir as fotos, identificar barreiras e facilitadores, culminando na construção de um Portfólio no último encontro. O objetivo final é apresentar esse portfólio à Diretora Técnica para provocar mudanças. A metodologia de *Photovoice*, tem, como última fase, a apresentação das fotografias a decisores institucionais ou políticos para provocar a mudança.

Em anexo (Anexo B) encontra-se uma tabela que sintetiza a informação para melhor compreensão da organização do projeto e a calendarização destes momentos (Anexo C).

### **3.6. ANÁLISE DE DADOS**

Cada momento de recolha de dados foi gravado e sujeito a transcrição para posterior análise. Para proceder à análise das entrevistas *Focus Groups* foi utilizada a análise temática de Braun e Clarke (2006). Seguindo a orientação das autoras, após a familiarização com os dados, foi iniciado um processo de procura de ideias, tópicos ou expressões recorrentes no sentido da identificação de temas organizadores dos dados. Assim, apesar da consideração do enquadramento teórico sobre a participação de pessoas com deficiência, considerando o carácter exploratório deste estudo, foi realizada uma análise indutiva tendo como base o discurso e as perspetivas dos participantes, sem definir a priori temas ou categorias (Willig, 2013). Por outro lado, a análise procurou explorar diferentes tipos de significados –

significados manifestos que refletem o conteúdo explícito do que o participante afirmou, e significados latentes que refletem a interpretação do investigador com base na revisão da literatura sobre as experiências dos participantes na instituição e a participação de pessoas com deficiência (Braun & Clarke, 2013; Willig, 2013). Deste modo, após a transcrição e familiarização com os dados, a investigadora começou a codificação dos dados, gerando códigos e, quando agrupados, temas. Após a codificação inicial e a identificação de possíveis temas, a investigadora partilhou as transcrições com uma especialista, com quem debateu os temas identificados, no sentido de validar a sua análise através de uma análise independente, alcançando o conjunto de temas aqui propostos. Esta análise teve como objetivo identificar temas que se demonstraram como mais relevantes para os participantes, independentemente do debate levar à definição de propostas a levar à direção, ou seja, privilegiando os significados atribuídos pelos participantes às vivências na instituição.

No próximo capítulo será apresentada a análise dos resultados do presente estudo, discutindo os mesmos no contexto da participação na tomada de decisão de adultos com deficiência em instituições e do papel das mesmas na promoção da sua autonomia e empoderamento.

### **3.7. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este capítulo dedica-se à apresentação de resultados e sua discussão, sendo organizado da seguinte forma: na primeira parte será realizada uma descrição e análise do processo de recolha e seleção das fotografias e forma como refletem sobre as suas temáticas durante o processo de seleção; na segunda parte será apresentada e discutida a análise temática desenvolvida com base nos debates promovidos nos *Focus Groups*; finalmente a terceira parte dedica-se à apresentação do resultado final deste projeto - o Portfólio construído pelos participantes indicando a sua reflexão e as suas propostas -, refletindo sobre a análise dos participantes do como permitindo a identificação de barreiras e facilitadores experienciados pelos mesmos na instituição, bem como sobre a conversa realizada com a Diretora Técnica com o objetivo de apresentar o Portfólio.

#### **3.7.1 ANÁLISE DO PROCESSO DE RECOLHA E SELEÇÃO DE FOTOGRAFIAS**

Considerando os desafios com que esta população se depara quotidianamente, consideramos necessário apresentar o processo de recolha e de seleção de fotografias como parte dos resultados deste estudo, refletindo sobre as dificuldades dos participantes e sobre a forma como a investigadora os procurou apoiar ao longo do processo.

O período de recolha fotográfica decorreu durante quatro dias úteis sendo que, após o Momento 1 (de introdução ao estudo), o Filipe, Ricardo, Tiago e Sara demonstraram-se muito motivados. Assim que este momento terminou, o Tiago, dirigiu-se à investigadora e questionou sobre que fotografias deveria tirar e quantas, tendo a investigadora clarificado “Experimenta tirar fotografias de qualquer coisa, pode ser algo que gostes ou algo que não gostes ou simplesmente porque te apetece. Tiras as fotografias que quiseres e te apetecer.” O facto de poderem utilizar os seus próprios instrumentos tecnológicos foi algo que os motivou bastante. Ainda assim nenhum deles utilizou o seu telemóvel pois estes estavam guardados no seu cacifo e acabavam por utilizar o tablet que se encontrava perto deles. Deste modo, logo no primeiro dia, estes três participantes começaram de imediato a captar fotografias:

- A Sara começou a tirar fotografias logo no início do dia. Tirou apenas a um dos colegas justificando que “Vou tirar ao Ricardo por gosto muito dele!”. Durante o restante dia tirou mais três fotografias após o almoço, pois viu o Ricardo a fazê-lo;
- O Ricardo capturou cinco fotografias (cantina, parede pintada do polivalente e cacifos) e disse querer tirar ao autocarro porque “Fazem muito barulho na viagem”;
- O Filipe tirou três fotografias, todas a uma colega, que diz ser sua namorada;
- O Tiago captou duas fotografias de paredes com pinturas.

No segundo dia, nenhum participante continuou a tirar fotografias, parecendo terem se "esquecido". O Momento 2 foi conduzido para explorar a captação, abordando dúvidas e motivando os participantes. Os participantes apresentaram diferentes razões para o facto de não terem tirado fotografias, como por exemplo: desinteresse, falta de tempo, necessidade de apoio, esquecimento. A Anabela disse: “Não trouxe o meu telemóvel por isso é que não tirei”, partilhando que, se tivesse alguém perto dela, seria bem mais fácil. O Luís explicou que se esqueceu, pois, mesmo nos momentos livres, tem estado ocupado. O Miguel explicou: “Eu ainda não trouxe o meu telemóvel...” e o Simão disse que se esqueceu. Na tabela seguinte é possível observar os motivos apontados pelos participantes para a reduzida adesão à captação de fotografias:

*Tabela 3 - Motivos para reduzida adesão à captura de fotografias no Momento 2*

Motivos	PREFERÊNCIA PELO USO DO SEU TELEMÓVEL	FALTA DE TEMPO	NECESSIDADE DE APOIO	ESQUECIMENTO	DESINTERESSE
Participantes	Anabela e Miguel	-	Anabela	Luís e Simão	-

Esta falta de motivação pode ser justificada pela rotina diária que têm na instituição. Existe um horário semanal e, sempre que ocorre algo diferente, são orientados para onde devem ir

ou o que devem de fazer. Raramente tomam a iniciativa em fazer algo e, quando o fazem, são questionados pelos colaboradores. Segundo González e colegas (2022) a rigidez nos horários e a sua reduzida adaptação às necessidades de cada um, são indicadores da necessidade de trabalho das instituições ao nível da promoção da autodeterminação das pessoas com deficiência. Nesta instituição os participantes opinam sobre a planificação semanal no início do ano. As alterações a esta planificação semanal são justificadas pelos técnicos, mas raramente consideram as necessidades apresentadas pelos próprios participantes, sendo a sua tomada de iniciativa comprometida e pouco estimulada.

A partir deste momento (Momento 2) em que se debateu dificuldades e a investigadora os procurou motivar e orientar, todos os participantes começaram a tirar fotografias de forma aparentemente aleatória, havendo sempre a necessidade de, no início do dia, a investigadora recordar o objetivo do estudo. Nos dois dias seguintes todos captaram fotografias, numa média de seis fotografias por participante. Posteriormente, os participantes reuniram com a investigadora para reflexão e levantamento de possíveis dificuldades sentidas (Momento 3). Estes disseram apenas que gostaram de tirar fotografias, mas sem conseguir explicar o porquê. Para além, disso alguns disseram que foi fácil, como, por exemplo, o Tiago “Foi fácil, eu fui lá e tirei ao que eu gostava”.

Assim, neste momento, foram desafiados a captar apenas dez fotografias, procurando reforçar os objetivos do estudo e concentrar os participantes na atividade:

- Anabela, acompanhada, capturou onze fotografias, demonstrando preocupação na contagem, questionando sobre fotografias iguais e decidindo eliminá-las depois. Tirou mais fotografias após dizer que terminou;
- Tiago, sozinho, tirou doze fotos livremente, sem ajuda ou dúvidas;
- Luís, sozinho, tirou catorze fotografias, preocupado com a qualidade e eliminou as semelhantes;
- Filipe, sozinho, tirou nove fotografias facilmente, preferindo afastar-se;
- Miguel, acompanhado, tirou dezassete fotografias, querendo mais e percebeu no final que excedeu o limite, optando por mantê-las;
- Ricardo, sozinho, tirou oito fotografias em 5 minutos sem fazer perguntas;
- Simão, acompanhado, capturou dez fotografias no mesmo espaço, terminando quando questionado se queria mais;

- Sara, sozinha, capturou catorze fotografias rapidamente, procurando reproduzir as fotografias de um colega.

Tabela 4 - Análise do número de fotografias capturadas por espaços e Participantes

PARTICIPANTES	DESAFIO 10 FOTOS	EXTERIOR	POLIVALENTE	CORREDORES	SALAS PISO SUPERIOR	SALAS DE PISO INFERIOR	CANTINA	SECRETARIA
ANABELA	11	2	3	1	0	3	2	0
TIAGO	12	4	1	0	0	5	2	0
LUÍS	14	2	5	5	0	1	0	1
FILIFE	9	7	0	2	0	0	0	0
MIGUEL	17	0	9	6	0	1	0	1
RICARDO	9	3	1	1	0	1	2	1
SIMÃO	10	2	0	0	8	0	0	0
SARA	14	6	4	0	0	4	0	0
TOTAL	96	26	23	15	8	15	6	3

Analisando os espaços escolhidos pelos participantes, é possível constatar que o espaço exterior é dos espaços a que mais fotografias foram tiradas, e foi o primeiro espaço escolhido pelos participantes para discutir no início do *Focus Group*, parecendo ser um local que valorizam muito e onde gostariam de passar mais tempo. De facto, o exterior é um local onde raramente vão, pois, as portas estão trancadas e existe a necessidade de um colaborador acompanhar. Assim, muitas vezes esta vontade/necessidade é recusada quando é solicitada. Pelo contrário, a secretaria foi um dos espaços a que menos fotografias foram tiradas não sendo selecionado em nenhum momento, possivelmente porque é o local que menos frequentam. O espaço seguinte com menos fotos, foi o espaço da cantina, sendo também o espaço com menos sugestões/opiniões apresentadas em portfólio. Contudo, foi possível verificar nos *Focus Groups* que é o espaço que mais debate provocou uma vez que a alimentação e refeições são momentos de grande ansiedade para alguns dos participantes. Relativamente ao processo de seleção de fotografias, nas duas tabelas seguintes poderemos analisar o tempo, motivo e excertos do discurso de cada participante aquando da seleção no Momento 4 e Momento 5.

Tabela 5 - Descrição do Momento 4 por participante - seleção de 3 fotografias

PARTICIPANTE	TEMPO DECORRIDO (OBSERVAÇÃO + SELEÇÃO)	MOTIVO DA SELEÇÃO	EXPRESSÕES UTILIZADAS
Anabela	1m15	Beleza	"Acho-as bonitas"
Tiago	1m10	Interesses pelos locais fotografados	"São sítios que eu gosto"
Luís	1m15	Apreço	"Eu gosto delas"
Filipe	1m10	Interesse pelos locais fotografados	"Posso correr estou mais à vontade"
Miguel	1m10	Beleza	"Acho que são bonitas"
Ricardo	2m30	Apreço	"Só gosto delas"
Simão	1m30	Apreço (devido a ser o autor)	"porque fui eu que as tirei"
Sara	1m	Justificação com momentos e sentimentos experienciados	"A parede dos sonhos é porque tem lá a palavra amor. E isso é muito importante para mim por causa do meu namorado"

Tabela 6 - Descrição do Momento 5 - seleção de 1 fotografia

PARTICIPANTE	TEMPO DECORRIDO (OBSERVAÇÃO + SELEÇÃO)	JUSTIFICAÇÃO PARA A SELEÇÃO DA FOTO QUE MAIS GOSTA	EXPRESSÃO UTILIZADA	TROCA OU ADIÇÃO DE MAIS UMA FOTO DAS 3
Anabela	3m35	Justificação com momentos e sentimentos experienciados	"Deixa-me feliz"	Não
Tiago	3m25	Sem justificação	"Não sei"	Não
Luís	8m55	Relação com os colaboradores	"Gostei muito porque foi um trabalho da Animadora e tu que fizeste as escadas e gostei muito."	Sim
Filipe	4m15	Relação com os colegas	"Estava lá a Sara"; "Ela tirou-me uma e eu tirei a ela."	Não
Miguel	2m15	Justificação com momentos e sentimentos experienciados	"Deixa-me feliz quando estou aqui"	Sim
Ricardo	10m	Justificação com momentos e sentimentos experienciados	"parece o mar e o céu"; "parece que fico mais calmo"	Sim
Simão	3m40	Apreço (devido a ser o autor)	"Eu gosto porque fui eu que tirei a foto"	Sim
Sara	1m	Justificação com momentos e sentimentos experienciados	"Tem uma palavra que gosta muito"; "Faz-me sentir bem. E quando estou na piscina das bolas sinto-me relaxada."	Sim

A partir da justificação de cada decisão pelos participantes procurámos categorizá-las no sentido de explorar possíveis explicações para estas opções. Assim, é possível constatar que no Momento 4, cinco dos participantes justificam a sua seleção referindo-se apenas à fotografia captada e as justificações sobre a escolha eram curtas e simples, sendo difícil compreender o motivo da seleção para além do gosto pela fotografia em causa. Apenas três participantes justificam as suas escolhas com referência ao que viam na fotografia e ao que esta representa para si (relacionando espaços com atividades ou com emoções positivas), aproximando-se mais a um dos objetivos específicos deste estudo e, portanto, expressando as suas perspetivas relativamente à rotina e atividades da instituição.

No Momento 5 estes dados alteram-se, verificando-se uma evolução na articulação dos motivos de escolha pelos participantes: apenas um participante (Simão) continua a justificar a sua opção referindo-se apenas à fotografia e um outro participante não consegue justificar a sua opção (Tiago). O Simão foi o único participante que manteve a sua justificação nos dois Momentos ("Eu gosto porque fui eu que tirei a foto"). Esta justificação parece demonstrar como esta atividade promoveu o sentido de competência do Simão, o qual desempenha um papel fundamental no comportamento humano e no bem-estar, com impacto na qualidade de vida (Sekaran & Wagner, 1980). De facto, a confiança na própria capacidade não só promove a autonomia, mas também impulsiona o envolvimento e participação ativa (Eraut, 1998). Deste modo, esta afirmação do Simão poderá refletir o seu prazer com a atividade proposta, confirmando a importância do desenvolvimento de atividades que promovam a

criação autónoma e, assim, um sentido de competência que poderá contribuir para o desenvolvimento da autoconfiança necessária para a participação.

Os restantes seis participantes refletem de modo mais aprofundado sobre as fotografias, relacionando as suas opções com o que a fotografia representa para si. Esta mudança poderá ser explicada pelo discurso orientador da investigadora, adaptado às necessidades de cada um dos participantes, de modo a que consigam expressar-se. De facto, Boardman e colegas (2014) explicam que a compreensão da pragmática é fundamental ao conduzir um diálogo com pessoas com deficiência, pois ajuda a adaptar a comunicação de acordo com suas necessidades individuais, garantindo que a interação seja eficaz. Por outro lado, tal como abordado no enquadramento teórico, ouvir o que os participantes têm a dizer motiva-os e promove a sua valorização e, conseqüentemente, a sua participação. Deste modo, o próprio processo de envolvimento dos participantes numa atividade em que são encorajados a expressar-se de diversas formas (verbais e não verbais) e apoiados no processo, em que lhes é dada a possibilidade de criar algo de forma autónoma e desenvolver uma reflexão sobre essa experiência pode ser, em si, promotora do seu desenvolvimento e da expressão de necessidades, motivações, desejos e, portanto, do potencial para a participação.

Observando o tempo decorrido em cada momento é possível constatar que o Momento 4 (11 minutos) foi bem mais curto comparado com o Momento 5 (39 minutos), o que se parece relacionar por um lado com a referida necessidade de orientação do discurso dos participantes, dando tempo para que esta se desenvolva, mas também refletindo uma maior partilha pelos participantes. Quando são aprofundadas e reformuladas as perguntas, dando tempo aos participantes, as suas respostas tornam-se também mais específicas, permitindo o desenvolvimento de significados em relação ao que a fotografia representa. Assim, enquanto no Momento 4, os participantes justificavam as suas opções de uma forma simples e a investigadora apenas interpelava dizendo “explicas o porquê se quiseres”, no Momento 5 o diálogo foi mais orientado, tendo a investigadora questionado diretamente “Porque gostas desta foto?” ou “o que te lembra esta foto?”, procurando demonstrar interesse em saber a opinião individual e como esta era importante para si.

Finalmente, é de notar que cinco dos participantes justificam as suas escolhas com base nas experiências positivas vividas em cada um dos espaços representados nas instituições, o que confirma a importância de as instituições promoverem conforto e apoio na rotina diária,

promovendo atividades que contribuam para relações positivas e a construção de relacionamentos positivos (Wallace et al., 2023).

Na tabela seguinte apresentamos os locais selecionados e o número de fotografias captadas em cada um.

*Tabela 7 - Locais selecionados para debate e o número de fotografias captadas em cada um*

PARTICIPANTES	EXTERIOR	POLIVALENTE	CORREDORES	SALAS PISO SUPERIOR	SALAS DE PISO INFERIOR	CANTINA	SECRETARIA
ANABELA	0	2	1	0	0	0	0
TIAGO	0	1	0	0	0	2	0
LUÍS	1	1	1	0	0	0	0
FILIPE	3	0	0	0	0	0	0
MIGUEL	0	1	2	0	0	0	0
RICARDO	1	1	0	0	0	1	0
SIMÃO	1	0	0	2	0	0	0
SARA	0	3	0	0	0	0	0
TOTAL	6	9	4	2	0	3	0

Assim, após a seleção de fotografias, o espaço Polivalente torna-se o mais fotografado, refletindo o facto de ser o espaço da instituição onde passam a maior parte do tempo. De facto, este local é um ponto de encontro e lazer, proporcionando-lhes momentos livres e de convívio. Em segundo lugar, o exterior também é amplamente captado, refletindo a forte necessidade que sentem de estar ao ar livre e de desenvolver atividades neste contexto. Quando tiveram a oportunidade de tirar fotografias, muitos dos participantes mostraram o desejo de aproveitar o espaço exterior de forma independente, o que habitualmente lhes é negado. O piso superior, embora esteja representado em duas fotografias, é um dos lugares em que passam menos tempo. No entanto, este é o local onde têm sessões individuais, permitindo-lhes trabalhar em questões pessoais com a equipa técnica em espaços de privacidade.

A cantina e os corredores têm respetivamente, três e quatro fotografias. O primeiro espaço é um dos locais que incita diferentes emoções em cada participante. Para alguns, por ser o local onde realizam as refeições, elícitas memórias de bem-estar e prazer. Para outros participantes, os momentos vividos neste espaço poderão ser negativos por demorarem muito tempo a comer, ou por terem diferentes restrições alimentares por motivos clínicos. Relativamente aos corredores, apesar de serem apenas locais de passagem, todas as paredes têm pinturas de que os participantes gostam, possivelmente por tornarem os locais mais acolhedores, apesar de não terem sido pintadas pelos próprios.

As fotografias selecionadas encontram-se em anexo com a respetiva legenda (Anexo D).

### 3.7.2 ANÁLISE TEMÁTICA DOS *FOCUS GROUP*

No sentido de explorar a evolução dos participantes ao longo dos vários momentos de debate, decidimos explorar uma série de dimensões que poderão exemplificar e demonstrar o envolvimento dos participantes ao longo do processo. Assim, calculámos as pausas existentes nos *Focus Groups*, o número de participações em resposta à investigadora ou colegas, o número de participações pela iniciativa dos participantes, e a duração de cada um dos *Focus Groups*. Assim, na tabela que se segue será possível observar as pausas realizadas durante os momentos dos *Focus Groups*:

*Tabela 8 - Participações estimuladas pelos colegas ou Entrevistadora*

Momento	Nº de pausas	Média do tempo de pausa	Tempo total
Momento 6	10	11,5 segundos	1,95 minutos
Momento 7	12	16,6 segundos	3,3 minutos
Momento 8	17	27 segundos	7,66 minutos
Momento 9	8	33,75 segundos	4,5 minutos
Momento 10	3	25 segundos	1,25 minutos

*Tabela 9 - Participações autónomas (por iniciativa própria)*

	Anabela	Tiago	Luís	Filipe	Miguel	Ricardo	Simão	Sara	Total
Momento 6	7	5	1	7	0	5	0	1	26
Momento 7	15	9	3	15	3	12	0	7	64
Momento 8	15	20	3	13	2	6	0	8	67
Momento 9	15	12	3	17	2	3	0	5	57
Momento 10	7	12	2	4	0	4	0	7	36
Total	59	58	12	56	7	30	0	27	

A análise destas duas tabelas, permite-nos concluir que os participantes mais participativos durante os momentos de *Focus Groups* foram a Anabela, Tiago, Filipe e Ricardo. Estes demonstram uma maior participação de forma autónoma sem necessidade de ser estimulados para a mesma. Contudo, estes resultados poderão também refletir a personalidade e competências de comunicação de cada participante uma vez que estes são aqueles que, na sua rotina dentro da instituição, mais opinam e criam diálogos com facilidade com qualquer colega ou colaborador. Já o Simão, Miguel, Luís e Sara são os participantes que menos participam de forma autónoma e mais necessitam de ser estimulados para apresentar uma resposta e para participar. De facto, dificuldades de comunicação são prevalentes nesta população e influenciadas por vários fatores (Smith, 2019). Como a evolução dos participantes ao longo deste processo demonstra, estas dificuldades podem ser abordadas e trabalhadas por meio de um foco nas habilidades de comunicação recetiva, e das habilidades expressivas (Kevan, 2003), sendo necessário a criação de um ambiente seguro, confortável, utilizando reforço positivo para apoiar o desenvolvimento da comunicação verbal (Remington, 1997).

*Tabela 10 - Duração dos Focus Groups em cada Momento*

Momento	Momento 6	Momento 7	Momento 8	Momento 9	Momento 10
---------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------

Duração em minutos	28	86	102	77	59
--------------------	----	----	-----	----	----

Cada momento dedicado aos *Focus Groups* foi desenvolvido com objetivos específicos, tendo sempre em consideração a disponibilidade, motivação e níveis de cansaço dos participantes, pelo que foram tendo durações distintas. Os Momentos 7 e 8 revelaram-se como sendo aqueles com maior duração e com maior participação, pelo que poderão ser aqueles em que os tópicos debatidos revelam maior interesse para os participantes (Meulenkamp et al., 2013), nomeadamente tópicos relativos à organização da sala polivalente e a limpeza dos espaços, bem como as pinturas das paredes e os momentos individuais com a equipa técnica. É importante salientar que o debate relativamente à ementa durou todo o Momento 9, demonstrando a importância deste tema para os participantes.

De seguida iremos apresentar os resultados da análise temática dos *Focus Groups* como um todo, ou seja, considerando o debate que teve lugar em todos estes momentos. De um corpus de texto de 9109 palavras (Anexo E) foram identificados três temas e sete subtemas. Faremos, de seguida, a apresentação do padrão discursivo dos participantes em torno de cada um dos temas e subtemas identificados.

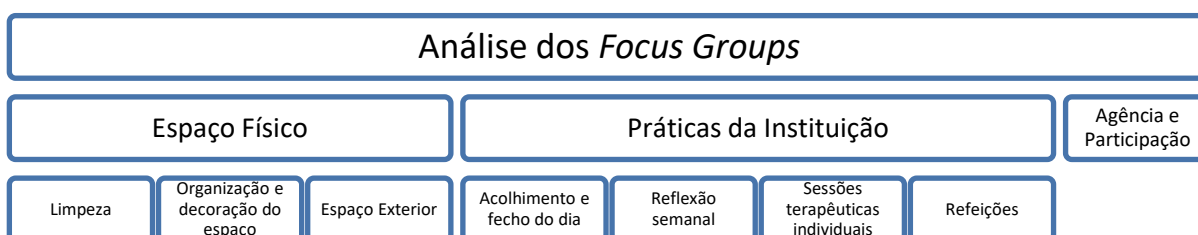


Figura 1 - Análise Temática dos Focus Group

### **Espaço Físico**

Neste tema foram agrupados subtemas que refletem o debate durante os *Focus Groups*, em que foram abordados contextos físicos da instituição, as vivências dos participantes e como atribuem significados às mesmas na relação com os espaços, e como poderão ter influência na rotina e conseqüente bem-estar dos participantes.

#### *Limpeza*

A limpeza do espaço foi um subtema bastante debatido por despoletar opiniões opostas. Para melhor compreender este tema será importante explicar como decorre na instituição.

A limpeza está à responsabilidade da Auxiliar de Serviços Gerais que higieniza os espaços do piso inferior todos os dias, enquanto, os espaços do primeiro piso são limpos uma vez por semana. Alguns participantes viam a limpeza como algo importante, como o Filipe “Eu acho que as escadas estão muito sujas.” e “Deviam ser limpas mais vezes” e o Simão “Sim, eu as

vezes vejo o chão muito sujo.” apontando para algo que reparam no dia-a-dia como sendo um incómodo. Contudo, o Ricardo, referiu que, “É um bocado injusto, a Auxiliar já se esforça tanto.”, parecendo temer a reação dos colaboradores da instituição e procurando preservar uma boa relação com os mesmos. O levantamento deste problema no grupo parece ter despoletado a necessidade de desenvolver capacidades de resolução de problemas, levando a um debate sobre como resolver a situação sem sobrecarregar os colaboradores da instituição. Assim, alguns participantes sugeriram a limpeza do espaço pelos próprios, em grupo, proposta que não obteve acordo entre todos, visto que alguns preferiam descansar nas pausas, uma vez que este é o único momento livre de atividades em que podem fazer o que quiserem. Surge a sugestão do Luís “Eu e o Tiago a partir de segunda [feira] limpamos as salas”, tendo todos os participantes concordado.

Este debate permite-nos também identificar o significado atribuído pelos participantes às pausas (único momento em que se poderiam dedicar à limpeza dos espaços). De facto, em relação a estas pausas, é importante referir que a audição de música e o descanso após o almoço foram salientados como positivos por todos os participantes, confirmando a necessidade de atividades autodeterminadas e adaptadas às suas necessidades e desejos individuais, pelo que seria importante o debate na instituição sobre a existência de momentos em que os participantes possam decidir o que desejam fazer.

#### *Organização e Decoração do Espaço*

Durante os *Focus Groups* foram referidas várias vezes as questões de organização do espaço. A Anabela por várias vezes refere, na análise das diferentes fotografias que “Podemos criar um espaço confortável e organizado.” e “Por mim, podíamos tornar o jardim, todos juntos, mais confortável.”. Todos concordam sem oposição e sem explicar porque é importante para eles um espaço organizado. Contudo num dos momentos individuais, o Ricardo havia já explicado que “Por exemplo, o armário, acho que os materiais deviam estar mais arrumados porque deixa-me confuso e parece mal para nós e quando vem aqui alguém.”.

Manter um espaço decorado é essencial para os participantes. O Luís chegou mesmo a sugerir que “gostava de pintar nas paredes os desenhos que eu costumo fazer”. A decoração parece ser importante como estratégia para os envolver na criação do espaço, refletindo os seus gostos, e o seu quotidiano, o que poderia contribuir para o seu sentido de competência, ao participar na construção do espaço. Por exemplo, o Filipe gostaria de ter uma baliza pois joga futsal e gostaria de alterar a disposição das mesas para refeições de modo que pareça “quando

vamos jantar fora” (e menos como uma cantina). Já o Tiago abordou apenas as pinturas já existentes “Tirei esta foto porque gosto da boneca, faz-me lembrar o rancho e eu gosto do rancho.” Estas propostas e reflexões dos participantes refletem a importância referida por Kim e colegas (2021) do espaço promover um sentido de pertença. Assim, torna-se clara a necessidade para os participantes de serem envolvidos no desenvolvimento e decoração dos espaços, contribuindo para um sentido de pertença, num espaço seguro livre de rejeição e estigmatização.

### *Espaço Exterior*

No Momento 6 foi discutido o espaço exterior. Este espaço, apesar de vedado, o acesso dos participantes ao mesmo é condicionado. Quando querem ir para o exterior têm de pedir autorização e por vezes, o seu pedido é rejeitado (porque não existem colaboradores ou por questões meteorológicas). As atividades no exterior são escassas, justificadas por dificuldades logísticas acontecendo maioritariamente nos meses de julho e agosto. Foi possível compreender a importância dada a este espaço pelo número de sugestões dadas pelos participantes em relação a este local da instituição. Por exemplo, o Filipe foi o primeiro a sugerir, “Eu acho que devia ter mesas lá fora” e a Anabela justificou “Para fazermos jogos e atividades.” Sendo aqui demonstrada a necessidade que têm de estar no exterior. Também o Filipe sugeriu que “Eu acho que podíamos ir quando quisermos sem pedir”, referindo-se ao facto de as portas permanecerem trancadas. Todos os colegas apontaram motivos diferentes para esta prática, desde o risco de fuga, pelo próprio Filipe ou o risco de queda dos colegas que têm mobilidade reduzida. De facto, o exterior poderá ser importante para os participantes pela sensação de liberdade que poderão ter neste contexto, considerando que a maioria das atividades acontecem no interior do edifício. A recreação ao ar livre não apenas promove a saúde física, mas também proporciona benefícios psicológicos, como aumento da felicidade, autoeficácia e redução da ansiedade, sendo que resultados de investigação têm demonstrado impactos positivos na autoconfiança e qualidade de vida de pessoas com deficiência (Armstrong et al.,2023; Jakubec et al., 2016;).

### **Práticas Institucionais**

As práticas institucionais moldam o funcionamento interno, influenciando a resposta às necessidades dos participantes e a tomada de decisões, sendo moldadas pela cultura e valores da instituição. Os subtemas aqui identificados refletem as experiências dos participantes e os significados atribuídos a algumas destas práticas, permitindo identificar práticas que

valorizam, bem como práticas com as quais não estão satisfeitos e, portanto, demonstrando a sua capacidade de expressar as suas necessidades.

#### *Acolhimento e Fecho do Dia*

Estes momentos acontecem no Polivalente, que é um local de passagem para diferentes espaços. Por estar presente toda a equipa de colaboradores é muitas vezes um momento em que são passadas informações entre os mesmos. O Miguel explicou que “Quando chegamos de manhã fala toda a gente ao mesmo tempo os colaboradores e tudo e é muito barulho.” Todos os colegas concordaram sem hesitação, sendo uma opinião unânime. O Acolhimento e Fecho do Dia têm como objetivo lembrar as atividades a realizar durante esse dia ou as do dia seguinte, providenciando previsibilidade aos participantes e, portanto, maior segurança e conforto. De facto, as rotinas estruturadas, incluindo horários visuais e sistemas de trabalho previsíveis, têm-se mostrado eficazes para aumentar a motivação de pessoas com deficiência nestes contextos, facilitando a conclusão de tarefas e a redução de comportamentos de oposição ou desregulação (Bennett et al., 2011; Flannery & Horner, 1994). Contudo, os participantes parecem sentir estes momentos como desestabilizadores pela forma como decorrem (com barulho e conversas simultâneas), o que pode estar relacionado com a localização em que esta atividade decorre e o momento em que decorre (logo ao chegar). Este problema poderia ser resolvido com a alteração do espaço passando para uma sala, onde o ambiente é mais controlado e se os próprios colaboradores e participantes tivessem atenção ao tipo de comportamento adotado.

#### *Reflexão Semanal*

Este tema foi iniciado pela Anabela ao dizer: “A mim incomoda-me quando há discussões no polivalente”, tendo o Ricardo respondido de imediato que “já temos uma reflexão semanal onde podemos resolver isso!”, referindo-se à Reflexão Semanal. As atividades de grupo não são referidas nos debates dos *Focus Groups*, com a exceção deste momento, possivelmente refletindo a importância atribuída pelos participantes a este momento em grupo para colmatar dificuldades sentidas nas relações interpessoais. Esta atividade permite trabalhar problemas que possam surgir nas outras atividades de grupo, ainda que estas não tenham sido referidas em nenhum momento dos debates. Isto poderá dever-se ao facto das restantes atividades serem planeadas pelos colaboradores não havendo uma participação ativa no planeamento pelos participantes. E por isso não são atividades tão interessantes, motivadores e conseqüentemente existe uma menor participação. Para além disso, esta atividade é

realizada com o objetivo de ouvir a opinião dos participantes relativamente à semana estimulando-os a uma opinião crítica, sobre si e o que os rodeia. Contudo, as dificuldades demonstradas pelos participantes deste projeto em, inicialmente, expressar as suas opiniões, poderão demonstrar que esta atividade poderia beneficiar de reformulações, desenvolvendo novas estratégias que garantam o envolvimento e a participação destes adultos nesta atividade de uma forma mais eficaz. Um estudo recente de Christie-White (2022) corrobora esta última ideia, defendendo uma abordagem centrada no participante, que respeita e capacita a pessoa com deficiência, promovendo sua participação ativa nas tomadas de decisão como um benefício para a qualidade de vida. Essa poderia ser a premissa utilizada pelas instituições para organizar uma planificação semanal tendo em conta a opinião de cada um.

#### *Sessões Terapêuticas Individuais*

As sessões individuais foram apontadas como um facilitador para a evolução e desenvolvimento dos participantes ao longo da vida. A maioria apresentou interesse em novas aprendizagens e novidades, como a Anabela: “Eu também quero aprender mais.”; o Filipe “É como eu, quando vou lá para cima, vou aprender coisas. Aprendo a ler e escrever.”. Estes momentos parecem ser sentidos pelos participantes como essenciais não só como oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento, mas também pelo espaço de conforto e confiança que providenciam: para a Anabela “Eu gosto de ir lá para cima porque estou à vontade para falar de certas situações. Situações privadas e evoluir. Faço coisas novas. Eu sinto-me confortável lá”; e para o Tiago.” Eu gosto de ter sessões individuais e de estar um pouco mais sossegado e calmo. Quando vou lá para cima fico melhor”. De facto, a literatura confirma a eficácia da personalização e adaptação de cuidados às necessidades individuais de cada pessoa com deficiência no contexto da terapia individual como fator promotor da sua confiança, autonomia e capacitação (Dixon et al, 2016; Sayles et al., 2019).

#### *Refeições*

O subtema gerou um vasto diálogo e apesar das opiniões diversas, foi valorizado pelos participantes. O facto de a Anabela ter uma compulsão alimentar impulsionou que esta defendesse a diversificação na alimentação de uma forma persistente, apresentando várias sugestões e soluções de mudança nas refeições na instituição. Apesar de alguns colegas concordarem, como o Filipe (“sobre a cantina eu não gosto da comida. É sempre a mesma coisa ... eu acho que podíamos mudar um bocadinho...”) ou o Miguel (“Eu isso até gosto, não gosto é daquela fruta em papa, isso é que não gosto; eu só quero mudar aquele dia em que é

aquela papa de fruta...”). O mesmo sugeriu que “Nós podíamos escolher...”. No entanto, os outros colegas mantiveram a sua opinião em relação à manutenção das ementas existentes, conseguindo sempre oferecer argumentos para defender a sua opinião, tendo conseguido convencer os colegas a não propor alterações a este nível. Por outro lado, o debate que decorreu sobre este subtema permite-nos compreender a forma como os participantes experienciam a sua possibilidade de escolha e participação, pelo que será retomada a reflexão sobre a afirmação de um dos participantes sobre as refeições no tema seguinte – agência e participação.

### **Agência e Participação**

Este tema reflete um dos objetivos principais deste estudo, bem como a revisão da literatura anteriormente apresentada, suportando evidências que demonstram que a voz das pessoas com deficiência não é ouvida. De facto, a agência de pessoas com deficiência na tomada de decisões é um aspeto crucial para o seu empoderamento. A agência é um conceito complexo e multifacetado, influenciado por vários fatores, como a participação nos processos de tomada de decisão (Ton et al., 2021), capacitação (Segal et al., 1993) e a promoção da autodeterminação e valorização do papel social (Brock et al., 2019). O facto de, ao longo da sua vida, as pessoas com deficiência não serem encorajadas e suportadas na tomada de decisões poderá contribuir para que, em momentos como estes *Focus Groups*, nos quais têm a liberdade e abertura para indicar aquilo de que não gostam e fazer sugestões de mudança, apresentem dificuldades em apresentar críticas ou ideias. Aliás, parecem mesmo percecionar a possibilidade de participação como algo surpreendente. A Anabela foi um exemplo disso, dizendo: “Então podemos criar regras novas?”. Contudo, parece que, gradualmente, os participantes foram demonstrando um maior à vontade em expressar as suas opiniões, desejos e propostas de mudança, parecendo revelar maior dificuldade inicialmente (nos momentos individuais) e ganhar maior autoconfiança para participar, ao longo das várias sessões de *Focus Group*, o que parece ser sugerido pela sua maior participação individual e pela maior duração das sessões, tal como anteriormente discutido.

Tal como observámos no subtema dedicado ao espaço exterior, este parece ser um local muito valorizado por todos os participantes e onde gostariam de passar mais tempo. De facto, os participantes demonstraram o seu desagrado por terem as portas de acesso ao exterior trancadas e o desconforto que sentem sempre que têm de pedir para estas serem abertas. Discursos como o do Luís (“Porque não se pode ir sem ordem”) refletem práticas de

acessibilidade institucionalizadas e rígidas (Egard et al., 2022). Esta afirmação do Luís reforça a reflexão de Neto (2019) e em como estas instituições, apesar dos seus objetivos benevolentes, podem transformar-se em contextos que reforçam a estigmatização das pessoas com deficiência como pessoas incapazes de gerir a sua própria vida e as suas necessidades, o que confirma a necessidade de transformação das suas práticas institucionais no sentido do empoderamento desta população.

Segundo Magalhães e Cardoso (2010), a forma como pessoas com deficiência são caracterizadas e reconhecidas é importante para a formação da sua identidade, pelo que práticas que os percecionam como adultos com responsabilidades são fundamentais para promover a sua autonomia, desenvolvimento e participação. Assim, o facto de os participantes não conseguirem explicar os motivos das suas opiniões e desejos, demonstra que o seu desenvolvimento e os contextos em que se movem não os prepararam ao longo da vida para expressar e argumentar opiniões e, portanto, para desenvolver competências para tomarem decisões. Deste modo, as práticas institucionais e atividades desenvolvidas nestes contextos têm um papel fundamental no sentido de os envolver como adultos responsáveis, promovendo a sua liberdade, autonomia e agência e, assim, a sua responsabilidade na tomada de decisão. A par da surpresa demonstrada pelos participantes relativamente à possibilidade de proporem e reconstruírem novas regras, foi possível também observar uma certa descrença relativamente à possibilidade das suas sugestões serem colocadas em prática, ou seja, de que sejam realmente implementadas as alterações por si propostas. Esta descrença pode ser ilustrada pela afirmação do Filipe aquando do debate sobre possíveis alterações nas ementas da cantina. O Filipe era da opinião de que se poderia propor alterações e, perante o desacordo de outros participantes, refere: “Mas não vai mudar tanto”, o que parece sugerir uma crença de que, mesmo quando são ouvidos, as alterações poderão não ser implementadas de forma consistente nem, possivelmente, explicados os motivos para tal. Esta crença poderá refletir uma experiência consistente de desvalorização da sua opinião e, portanto, o desenvolvimento de desânimo relativamente ao potencial das suas opiniões para gerar mudança, gradualmente minando a sua participação.

No sentido de melhor compreender a evolução da sua participação, foi realizada uma análise dos tipos de participação mais comuns ao longo dos vários momentos de *Focus Groups*, explorando o impacto deste espaço de debate aberto, livre e seguro na participação dos adultos envolvidos. Para tal, foi realizada uma categorização das afirmações dos vários

participantes em: sugestões; colocação de um problema; sugestões para resolução de um problema; defesa da sua opinião com argumentação; mudança de opinião. A tabela doze apresenta estes resultados por participante.

Tabela 11- Tipo de participação dos Participantes

	Anabela	Tiago	Luís	Filipe	Miguel	Ricardo	Simão	Sara	Total
Sugestões	6	8	4	8	2	2	0	4	34
Colocação de um problema	3	0	0	4	1	5	0	0	13
Sugestões para Resolução de um Problema	10	3	3	4	1	0	0	2	23
Defesa da sua opinião com argumentação	9	2	0	11	0	1	0	10	33
Mudança de opinião	1	2	0	2	0	2	0	0	7

É interessante constatar como, no total, os participantes apresentam um número de sugestões e defesa da sua opinião superior ao número de vezes que mudam de opinião. Isto poderá indicar que, quando lhes é permitido falar e sentem que são ouvidos, o seu envolvimento aumenta, promovendo, em paralelo, a sua capacidade de argumentação e defesa da sua opinião. Assim, é possível verificar que os participantes têm opiniões, sugestões e capacidade de argumentação, apesar de, possivelmente, terem desenvolvido crenças de que não o conseguem fazer pelas reduzidas oportunidades que lhes são oferecidas nesse sentido (sugeridas pela reduzida argumentação nas fases iniciais e individuais deste estudo).

### 3.7.3 RESULTADO DO PROCESSO PARTICIPATIVO

O Portfólio (Anexo F) foi construído no Momento 11 e por decisão dos participantes, este seria entregue à Diretora Técnica em papel. Os participantes pediram à investigadora para escrever todas as decisões tomadas (o Ricardo questionou “e se puséssemos as decisões do papel?” e todos os colegas concordaram), tendo o Tiago justificado que “em papel, é melhor”. A Anabela sugeriu colocar as decisões e fotografias associadas. Após perceberem que ao colocar cada umas das fotografias sem uma seleção prévia teriam de falar sobre cada uma delas (Ricardo: “Todas juntas vamos ter de falar de cada uma delas”), concordaram em organizar o Portfólio por espaços da instituição e selecionar duas fotografias por cada espaço seguidas das decisões e opiniões para cada um dos mesmos.

Ao longo dos *Focus Groups*, os participantes partilharam a sua opinião com base nas experiências que têm na instituição. Aparentemente, foi mais simples para os participantes comentar as características do espaço físico, eventualmente pois participam na sua organização e decoração com frequência. Relativamente a aspetos da rotina da instituição, as contribuições focavam-se principalmente no que gostavam ou não gostavam em relação às atividades realizadas. Assim, nesta última sessão foram discutidas e sintetizadas as conclusões

a que o grupo chegou e as suas propostas, as quais se focaram em duas dimensões: rotina e espaço físico. A tabela 13 sintetiza os resultados do processo, indicando doze sugestões de mudança distribuídas pela rotina, espaço físico ou abrangendo as duas dimensões, e dois aspetos valorizados na prática da instituição, os quais se enquadram nas rotinas da mesma. Esta síntese foi desenvolvida pelo grupo em conjunto.

Tabela 12 - Categorização das sugestões/opiniões

DIMENSÕES	ROTINA	ESPAÇO FÍSICO	AMBAS
SUGESTÕES DE MUDANÇA	“Ter uma coluna som para andarmos com ela e ouvirmos música sempre que quisermos.”	“mais mesas”	“mais desenhos nas paredes das salas e atividades para isso”
	“Almoçar no jardim, uma vez por semana, no verão.”	“mudar o espaço das esponjas para um espaço de descanso com puffs e colchões”	“como há alguns espaços sujos o Tiago e o Luís não se importam de limpar, após o almoço”
	“Manter as portas abertas, sempre que alguém quiser ir lá fora avisar.”	“pintar a parede do benny com a frase “bom relaxamento””	
	“Acolhimento e fecho do dia sem barulho dos participantes e dos colaboradores.”	“deixar apenas as bolas pequenas, na piscina das bolas. Porque gostam da piscina das bolas”	
	“os colaboradores devem ter mais atenção quando um participante pede para falar com ele”	“colocar as mesas ao comprido, na cantina”	
ASPETOS VALORIZADOS NA PRÁTICA DA INSTITUIÇÃO	“Gostamos da atividade de reflexão semanal para resolver problemas”		
	“Gostam de ter sessões individuais”		

A reunião com a Diretora Técnica iniciou com a entrega do portfólio e a leitura deste pela Diretora Técnica. Das doze sugestões de alterações apresentadas durante a reunião, foram aceites dez sugestões e debatidas e adaptadas as outras duas sugestões. A Diretora iniciou o seu discurso explicando aceitar as doze sugestões e valorizar a identificação de aspetos positivos na rotina promovida. Contudo, apontou duas sugestões que gostaria de debater. Relativamente à sugestão “Manter as portas abertas, sempre que alguém quiser ir lá fora, avisar”, esta explicou que as portas estão trancadas uma vez que o espaço é partilhado com as crianças e jovens da vertente -18 e que estes podem sair para o exterior sem noção do perigo e com risco de fuga. Assim, por receio de algum acontecimento inesperado e grave, a diretora afirmou preferir manter estas portas fechadas. De forma a proteger os participantes de potenciais riscos de segurança, verificamos uma tendência, frequente nas instituições e técnicos destes contextos, de superproteção gerada por uma aversão ao risco, privilegiando um racional protetor e regulatório sobre um racional de suporte, com efeitos negativos ao nível da autonomia, desenvolvimento e participação (ten Brummelaar et al., 2017). González e colegas (2022) demonstram que comportamentos superprotetores são das maiores barreiras para o desenvolvimento da autodeterminação, bem como a falta de flexibilidade na adaptação aos objetivos e necessidades da pessoa com deficiência. Neste caso, temos a dimensão acumulada de envolvimento de crianças e adultos no mesmo espaço, o que complexifica estes processos e definição de procedimentos. Assim, deparados com esta

justificação da diretora todos os participantes compreenderam e concordaram com a decisão, dizendo que não se importavam de pedir a chave para ir ao exterior. A Diretora acrescentou que nunca seria recusada a saída ao exterior e que poderiam usufruir desse espaço sempre que quisessem. Em contraste com os momentos de *Focus Group*, em que todos os participantes se manifestavam em relação às propostas, neste caso, todos concordaram e nenhum questionou a diretora sobre esta decisão. Podemos interpretar esta postura dos participantes como refletindo a sua consciência do seu reduzido poder em relação à diretora da instituição, restringindo o seu poder de argumentação e levando a um maior conformismo perante a situação. Por outro lado, podemos considerar que este facto confirma que se conseguiu desenvolver um ambiente de segurança e confiança nos *Focus Groups*. Por outro lado, parece sugerir que os participantes interpretaram que a reunião com a diretora não lhes oferecia as condições necessárias para contra-argumentarem, possivelmente pela relação de hierarquia e poder existente entre estes e a diretora.

A outra sugestão debatida relacionou-se com a limpeza, tendo a Diretora exprimido a sua satisfação com a organização e higiene do espaço. Por outro lado, a diretora considerou que não seria justo apenas dois participantes serem responsabilizados por essas tarefas. Após a diretora expor o seu ponto de vista, os participantes não opinaram com a exceção do Filipe que afirmou que, de facto, a limpeza seria algo que não queria fazer. Assim, a diretora sugeriu que as limpezas fossem realizadas sempre no final de cada atividade, por todos. Todos concordaram com a exceção do Filipe. Tal como em relação à questão anterior, foi clara a diferença entre este momento e o debate potenciado durante os *Focus Groups* pois, neste momento, parece não ter sido possível aos participantes darem as suas sugestões e argumentos, levando-os apenas a concordar ou discordar. Após um diálogo entre a diretora e o Filipe (que não queria ajudar nas limpezas), este acabou por concordar em apoiar na limpeza após a realização das atividades.

De facto, as interações, interesses e relações de poder, presentes na sociedade influenciam a forma como o indivíduo se constitui como pessoa no mundo (Magalhães & Cardoso, 2010), sendo a Diretora Técnica uma figura de poder dentro da instituição. Provavelmente, a expressão de opinião e argumentação sobre as barreiras apresentadas em portfólio pelos participantes diminuiu neste momento devido ao que a Diretora representa - poder e autoridade. Assis e Carvalho-Freitas (2014) corroboram esta hipótese ao explicarem que o contexto social e o poder que um indivíduo exerce pelo seu cargo podem influenciar

significativamente as atitudes das pessoas com deficiência. Em paralelo, estes autores refletem sobre como as pessoas com poder poderão ajudar na mudança e na formação de atitudes positivas para com pessoas com deficiência, o que comprova a responsabilidade de quem assume este papel e a necessidade de desenvolver autocrítica e autorreflexão no sentido de estabelecer relações que mitiguem os efeitos do poder do seu cargo. Segundo Hammel e colegas (2008), a participação está fortemente associada à escolha e ao poder pessoal, pelo que as instituições e técnicos das mesmas têm uma responsabilidade acrescida no sentido de, não só ouvir as pessoas com deficiência, mas também de desenvolver processos e atividades que promovam a sua autodeterminação e agência, preparando-os para a defesa dos seus direitos.

No final da reunião, a Diretora informou que planeia apresentar o Portfólio à equipa de colaboradores e, posteriormente, à organização para implementar as decisões tomadas. Contudo, nenhum dos participantes foi convidado a estar presente nessa reunião para apresentar as suas sugestões e o processo que levou às mesmas. De facto, esta parece uma oportunidade perdida, considerando o que a literatura nos sugere relativamente às vantagens da participação dos usuários das instituições nas reuniões de equipa, permitindo o fornecimento de informações e explicações pelos próprios e, portanto, a partilha das suas próprias experiências, perceções, opiniões e necessidades.

### **3.8. DISCUSSÃO GERAL**

Através da metodologia de *Photovoice*, este estudo pretendeu promover a participação e tomada de decisão de jovens/adultos com deficiência na instituição em que vivem o seu quotidiano. Por outro lado, através da análise das suas participações ao longo deste projeto (realizada através de análise temática), este estudo pretendeu explorar as perspetivas destes jovens/adultos sobre a sua rotina diária no sentido de identificar facilitadores e barreiras à sua participação e tomada de decisão na instituição.

Sendo o *Photovoice* uma metodologia participativa, foi possível encorajar os participantes a captar fotografias representativas do espaço onde se encontram diariamente e das experiências que aí têm para posterior discussão das mesmas, no sentido de promover a sua participação na tomada de decisão sobre a instituição, seus espaços, rotinas e práticas. O *Photovoice* é uma metodologia frequentemente aplicada para facilitar a identificação das necessidades das comunidades, através da participação dos próprios membros, incentivando-

os a se envolverem nas decisões, tornando-a numa estratégia promotora da colaboração e participação, no sentido do seu empoderamento. Tal como noutros estudos (e.g., Heffron, 2018; Kim et al., 2021; Tjim et al., 2011; Wang et al., 2000) também neste estudo esta metodologia se revelou um meio facilitador para explorar as perspetivas dos jovens/adultos, possibilitando uma recolha de dados visual (fotografias) e discursiva (através dos momentos de análise individual das fotografias e seu debate em grupo, através dos *Focus Groups*) permitindo a participação, envolvimento na tomada de decisão e, assim promovendo a agência e empoderamento dos participantes no contexto em que vivem a sua rotina diária.

Nos debates dos *Focus Groups*, os participantes discutiram ideias que poderiam ser identificadas como contribuições positivas ou obstáculos para o seu desenvolvimento e qualidade de vida. Com base na literatura, esses elementos foram classificados como facilitadores (que se referem a fatores que reduzem a incapacidade, melhoram o funcionamento, promovem maior participação e facilitam o progresso) ou barreiras (que, por outro lado, são condições ou fatores no ambiente que prejudicam o funcionamento de uma pessoa, resultando em incapacidade, menor participação e dificultam ou limitam o desenvolvimento) (OMS, 2011). Foi realizada uma tabela síntese de como os participantes discutiram os temas e subtemas que se encontra em anexo (Anexo G).

Inicialmente, os participantes parecem ter tido maior facilidade em discutir os espaços físicos, os quais poderão ser percecionados como menos melindrosos em termos de potenciais críticas, e, portanto, refletir um receio de apontar críticas a atividades desenvolvidas. Apesar de valorizarem a atividade de “Reflexão Semanal” como uma oportunidade para a sua participação, os participantes experienciam barreiras à mesma de diversas formas. Por um lado, parecem não ter a consciência do seu direito à participação (e.g., “podemos mudar as regras”; “não vai mudar assim tanto”), a qual poderá decorrer de uma experiência de desvalorização das suas opiniões (Goldberg & Kleintjes, 2022). Por outro lado, identificam áreas em que sentem necessidade de participar mais do que aquilo que habitualmente lhes é possível, nomeadamente, na organização e decoração e na escolha de refeições. Poderemos também considerar que as limitações que experienciam no acesso ao espaço exterior da instituição, que muito valorizam, poderão refletir uma reduzida responsabilização que limita o seu potencial de tomada de decisão, escolha e, portanto, agência (Benwell, 2013).

Contudo, a evolução dos participantes ao longo do projeto, demonstrando um maior conforto na expressão das suas opiniões e em participar, parece demonstrar a necessidade sentida de

ser envolvido nas tomadas de decisão da instituição e a necessidade de a instituição reformular algumas atividades (e.g., abertura e fecho do dia) ou de desenvolver outras de modo que possa contribuir para o desenvolvimento da sua autonomia, agência e participação (Rimmer, 2002). De facto, podemos identificar diferentes aspetos possíveis de aplicar neste tipo de instituições. Por um lado, o desenvolvimento de atividades e trabalho direcionado para a promoção da participação dos jovens naquela que é a sua rotina diária irá contribuir para a sua qualidade de vida. Tal como observado anteriormente, o investimento em atividade que promovam a qualidade de vida dos usuários de um serviço institucional terá efeitos significativos ao nível da qualidade do serviço. Deste modo, sintetizamos alguns aspetos que poderão ser tidos em consideração numa instituição para pessoas com deficiência no sentido de promover a sua qualidade de vida e participação e, assim, a qualidade dos serviços:

- A construção da planificação deverá ser realizada em conjunto, com a participação das pessoas com deficiência;
- A organização e dinamização de atividades que permitam a expressão de opinião dos usuários, através de metodologias participativas, como o *Photovoice*, poderá ser benéfica para identificar dimensões da rotina diária que se constituem como barreiras ou facilitadores para os participantes e, conseqüentemente, melhorar o seu bem-estar;
- Inclusão dos participantes ou seus representantes em reuniões de equipa com o objetivo de expressarem as suas vivências e realidades dentro da instituição, possibilitando um diálogo inclusivo que contribua para a sua qualidade de vida e conseqüente trabalho individualizado com cada um deles para que atinjam os seus objetivos individuais pela via mais confortável e adequada às suas necessidades;
- Permitir que falem/discursem sem interrupções, sendo demonstrado que se valoriza que as suas opiniões e assim fomentando a sua capacidade de participação na instituição de modo continuado, através de atividades quotidianas;
- Colocar em prática as suas sugestões e propostas como demonstração da valorização das suas opiniões e direito à participação.

Deste modo, esperamos que o presente estudo tenha contribuído para a literatura, oferecendo aos profissionais deste tipo de instituições uma reflexão sobre os facilitadores e barreiras existentes à participação de pessoas com deficiência nas mesmas, contribuindo para o desenvolvimento de avaliações críticas sobre o trabalho das instituições nesta área. Por outro lado, através da implementação da metodologia de *Photovoice*, da descrição das

dificuldades enfrentadas e de como estas foram trabalhadas pela investigadora, bem como através da reflexão sobre a experiência dos participantes, esperamos ter contribuído para que as instituições possam mais facilmente utilizar e adaptar estratégias como esta no sentido da promoção da participação dos usuários no quotidiano das instituições. Finalmente, oferecemos um conjunto de recomendações para a prática quotidiana destas instituições, de modo que estas possa promover a qualidade de vida, bem-estar, participação e agência das pessoas com deficiência, no sentido do seu empoderamento, de forma continuada e consistente.

Naturalmente, este estudo tem algumas limitações, nomeadamente devido à dificuldade de envolver uma amostra maior devido aos condicionalismos da instituição onde o estudo foi desenvolvido. Apesar de esta ser uma limitação, a utilização de metodologias qualitativas e participativas possibilitou um diálogo aprofundado e direcionado com cada um dos jovens, permitindo a promoção do seu envolvimento e participação ao longo do tempo. De facto, a utilização de metodologias qualitativas com amostras reduzidas inviabiliza o potencial da investigação para a generalização de resultados (Crouch & McKenzie, 2006; Yates, 2003). Contudo, permite ao investigador explorar de modo aprofundado a riqueza da experiência individual e, neste caso, também em grupo. Por outro lado, sendo uma estratégia participativa, permite também uma intervenção sobre o grupo, envolvendo-o e empoderando-o para a participação neste contexto (Cowie et al., 2014; Kramer-Roy, 2015). Assim, no futuro seria interessante explorar como os usuários de uma instituição poderão construir a planificação das atividades da mesma de acordo com os objetivos de vida de cada um, envolvendo-os nesse processo, bem como explorar como esta metodologia poderia ser aplicada ao desenvolvimento e construção de um PDI com cada um dos usuários, considerando os objetivos específicos de cada um. Por outro lado, seria interessante utilizar a metodologia *Photovoice* com famílias de usuários (procurando identificar barreiras e facilitadores dentro do ambiente familiar e como influenciam as relações familiares), bem como realizar um estudo comparativo com *Photovoice* em diferentes instituições no sentido de avaliar a qualidade do serviço do ponto de vista dos usuários, procurando explorar se o aumento da participação dos usuários influencia a qualidade do serviço.

## 4. CONCLUSÃO

Utilizando o *Photovoice* como metodologia participativa, este projeto constituiu uma intervenção com os participantes a partir da qual se desenvolveu uma investigação sobre a sua experiência, no sentido de explorar: Quais as barreiras e facilitadores que os participantes identificam nesta instituição; qual o significado atribuído à sua possibilidade de participação na tomada de decisão na instituição? Será possível promover a participação de jovens com incapacidade intelectual na tomada de decisão na instituição em que trabalham através da metodologia *Photovoice*?

Relativamente à primeira questão de investigação os participantes identificaram catorze indicadores: doze barreiras e dois facilitadores. Estes poderão ser indicadores para aumentar a qualidade de vida dos usuários e conseqüente aumento da qualidade dos serviços. Através da segunda questão foi possível compreender que os participantes parecem não ter consciência do seu direito à participação, potencialmente devido ao reduzido esforço da instituição em envolvê-los na tomada de decisão, o que implica uma desvalorização das suas opiniões e responsabilidade para tomar decisões, fazendo com que o envolvimento em processos de tomada de decisão pareça mais difícil ou mesmo inalcançável.

Por fim, e refletindo sobre a terceira questão de investigação, este projeto permitiu a implementação de uma intervenção com impacto positivo, considerando os dados oferecidos pela equipa técnica. De facto, para além dos resultados acima mencionados sobre a evolução da participação dos participantes neste projeto, foi partilhado com a investigadora pela equipa técnica que estes se tornaram mais participativos na instituição, expressando mais vezes a sua opinião em relação a momentos anteriores. Como explicado pela Terapeuta Ocupacional: “Noto uma diferença no grupo, são mais participativos. Também tenho utilizado a abordagem de estimular o debate entre eles e partilharem opiniões.” Assim, parece que a própria equipa técnica também adotou uma abordagem mais participativa com os participantes, permitindo a exploração das suas opiniões, estimulando o debate e tomada de decisão. Assim, foi identificado um aumento na participação e expressão da sua opinião, principalmente pela Anabela e pelo Tiago.

Assim, competências importantes para a autodeterminação, como, por exemplo, a participação, podem e devem ser trabalhadas nestes contextos. Conseqüentemente, como

vimos na revisão da literatura efetuada, a promoção da autodeterminação de pessoas com deficiência contribuirá para a sua qualidade de vida e, conseqüentemente, para a qualidade do serviço prestado nestas instituições, beneficiando os usuários, e a própria instituição. Poderemos concluir que a promoção de atividades que trabalhem a tomada de decisões, a autonomia, a expressão de opinião, entre outras dimensões importantes para a autodeterminação, serão tarefas/atividades fundamentais a incluir num serviço para pessoas com deficiência. De facto, tal como Sánchez e colegas (2020) afirmam, a autodeterminação e seus elementos constituem pontos-chave na vida das pessoas com deficiência e nas práticas dos profissionais, garantindo uma base sólida para prestar apoio, avaliar resultados centrados na pessoa, promover a transformação dos serviços e mudar sistemas (González, Sánchez & Mumbadó-Adam, 2022).

Apesar de, até ao momento, de um modo geral, a sociedade não reconhecer nas pessoas com deficiência a capacidade para escolher, tomar decisões, participar como agentes de seu desenvolvimento, participar é um direito de todos, é formar parte ativa da sociedade (Fernandes 2017; Pereira, 2009). Deste modo, a metodologia *Photovoice* sendo uma abordagem participativa que promove a agência das pessoas com deficiência, mas principalmente o respeito que estas merecem, poderá assumir um papel crucial para que, no futuro, estes direitos sejam reconhecidos e salvaguardados para todas as pessoas com deficiência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alonso M. A. V., Sánchez L. E. G & Martínez B. A. (2009). *Evaluación de la calidad de vida en personas mayores y con discapacidad: la Escala Fumat*. Instituto Universitario de Integración en la Comunidad
- Armstrong, M., Sharaievska, I., Crowe, B. M., & Gagnon, R. J. (2023). Experiences in outdoor recreation among individuals with developmental disabilities: Benefits, constraints, and facilitators. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 1–12. <https://doi.org/10.3109/13668250.2022.2104449>
- Assis, A. M., & Carvalho-Freitas, M. N. (2014). Estudo de caso sobre a inserção de pessoas com deficiência numa organização de grande porte. *Revista Eletrônica de Administração*, 78(2), 496–528. <https://doi.org/10.1590/1413-2311022201342126>
- Bennett, K., Reichow, B., & Wolery, M. (2011). Effects of Structured Teaching on the Behavior of Young Children With Disabilities. *Focus on Autism and Other Developmental Disabilities*, 26(3), 143–152. <https://doi.org/10.1177/1088357611405040>
- Benwell, M. C. (2013). Rethinking conceptualisations of adult-imposed restriction and children’s experiences of autonomy in outdoor space. *Children’s Geographies*, 11(1), 28–43. <https://doi.org/10.1080/14733285.2013.743279>
- Boardman, L., Bernal, J., & Hollins, S. (2014). Communicating with people with intellectual disabilities: a guide for general psychiatrists. *Advances in Psychiatric Treatment*, 20(1), 27–36. <https://doi.org/10.1192/apt.bp.110.008664>
- Bonaccio, S., Connelly, C. E., Gellatly, I. R., Jetha, A., & Martin Ginis, K. A. (2019). The Participation of People with Disabilities in the Workplace Across the Employment Cycle: Employer Concerns and Research Evidence. *Journal of Business and Psychology*, 35, 135-158. doi:10.1007/s10869-018-9602-5
- Booth, T., & Booth, W. (2003). In the Frame: Photovoice and mothers with learning difficulties. *Disability & Society*, 18(4), 431–442. <https://doi.org/10.1080/0968759032000080986>
- Brake, L. R., S. J. Schleien, K. D. Miller, and G. Walton. 2012. “Photovoice: A Tour through the Camera Lens of Self-Advocates.”. *Social Advocacy and Systems Change Journal*. 3(1), 44–53.

[https://sites.cortland.edu/sasc/wpcontent/uploads/sites/12/2012/10/Brake\\_etal\\_Photovoice.pdf](https://sites.cortland.edu/sasc/wpcontent/uploads/sites/12/2012/10/Brake_etal_Photovoice.pdf)

- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. doi:10.1191/1478088706qp063oa
- Brock, M. E., Schaefer, J. M., & Seaman, R. L. (2019). Self-determination and agency for all: Supporting students with severe disabilities. *Theory into Practice*, 59(2), 162-171. <https://doi.org/10.1080/00405841.2019.1702450>
- Brown, L. (2021). *Um Pioneiro da Inclusão: Coletânea de textos de Lou Brown*. FORMEM.
- Buntinx, W. H. E., & Schalock, R. L. (2010). Models of Disability, Quality of Life, and Individualized Supports: Implications for Professional Practice in Intellectual Disability. *Journal of Policy and Practice in Intellectual Disabilities*, 7(4), 283–294. <https://doi.org/10.1111/j.1741-1130.2010.00278.x>
- Cabaço, L., Brás, H., & Motta, G. (2017). *Relatório Nacional sobre a implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável Portugal*. Ministério dos Negócios Estrangeiros
- Cavalcanti, V. C., Torres, C. & Campos, F. (2017, janeiro). *Qualidade das Evidências obtidas utilizando o método "Focus Group": um estudo de caso*. Interaction South America 2017, Floripa, Brasil.
- Christie-White, R. (2022). Acceptance V. Inclusion: Reframing the Approach to Helping Individuals with Disabilities in Social Settings. *Studies in Social Justice*, 16(2), 496. DOI:10.26522/ssj.v16i2.3819
- Convenção das nações unidas sobre os direitos das pessoas com deficiência (2006), acedido em: [Convenção - INR, I.P.](#)
- Cowie, H., Huser, C., & Myers, C. A. (2014). The use of participatory methods in researching the experiences of children and young people. *Croatian Journal of Education*, 16(Sp. Ed. 2), 51-66.
- Crouch, M., & McKenzie, H. (2006). The logic of small samples in interview-based qualitative research. *Social Science Information*, 45(4), 483–499. <https://doi.org/10.1177/0539018406069584>
- Derby, J. (2013). Nothing about Us Without Us: Art Education’s Disservice to Disabled People. *Studies in Art Education*, 54(4), 376–380. <https://doi.org/10.1080/00393541.2013.11518910>

- Dixon, L. B., Holoshitz, Y., & Nossel, I. (2016). Treatment engagement of individuals experiencing mental illness: review and update. *World Psychiatry*, 15(1), 13-20. <https://doi.org/10.1002/wps.20306>
- Egard, H., Hansson, K., & Wästerfors, D. (2021). *Accessibility Denied. Understanding Inaccessibility and Everyday Resistance to Inclusion for Persons with Disabilities*. In Routledge eBooks. Informa. <https://doi.org/10.4324/9781003120452>
- Embregts, P. J. C. M. (2017). Kennisontwikkeling en kennisdeling in gelijkwaardige verbinding tussen praktijk en wetenschap. *NTZ: Nederlands Tijdschrift voor de Zorg aan Mensen met Verstandelijke Beperkingen*, 3, 219-226.
- Eraut, M. (1998). Concepts of competence. *Journal of Interprofessional Care*, 12(2), 127–139. <https://doi.org/10.3109/13561829809014100>
- Fernandes L. (2017). *Ação Organizacional e Qualidade de Vida. Um estudo comparado do Norte de Portugal e Galiza no campo da Deficiência Mental*. (Tese de Doutoramento Não Publicada). Universidade do Minho.
- Flannery, K. B., & Horner, R. H. (1994). The relationship between predictability and problem behavior for students with severe disabilities. *Journal of Behavioral Education*, 4(2), 157–176. <https://doi.org/10.1007/bf01544110>
- Foley, K.-R., Dyke, P., Girdler, S., Bourke, J., & Leonard, H. (2012). Young adults with intellectual disability transitioning from school to post-school: A literature review framed within the ICF. *Disability and Rehabilitation*, 34(20), 1747–1764. doi:10.3109/09638288.2012.660603
- Fontes, Fernando. (2016). *Pessoas com deficiência em Portugal*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Lisboa
- Friedman, C. (2019). The Relationship Between Disability Prejudice and Institutionalization of People With Intellectual and Developmental Disabilities. *Intellectual and Developmental Disabilities*, 57(4), 263–273. DOI:10.1352/1934-9556-57.4.263
- Gabinete de Estratégia e Planeamento (2023). *CARTA SOCIAL - Rede de serviços e equipamentos - Relatório 2021*. Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. Lisboa. Acedido em: <https://www.cartasocial.pt/relatorios>
- Goldberg, C., & Kleintjes, S. (2022). Hearing Their Voices: Self Advocacy Strategies for People with Intellectual Disabilities in South Africa. *Disabilities*, 2(4), 588–599. <https://doi.org/10.3390/disabilities2040042>

- González, O. Á., Sánchez, E. V., & Mumbardó-Adam, C. (2022). Mejora de la autodeterminación y la calidad de vida en adultos con necesidades generalizadas de apoyo. *Revista Española sobre la Discapacidad Intelectual*, 53(4), 109–129. <https://doi.org/10.14201/scero2022534109129>
- Greenhalgh, T., & Wieringa, S. (2011). Is it time to drop the “knowledge translation” metaphor? A critical literature review. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 104(12), 501–509. <https://doi.org/10.1258/jrsm.2011.110285>
- Grimshaw, J., Eccles, M., & Tetroe, J. (2004). Implementing clinical guidelines: Current evidence and future implications. *Journal of Continuing Education in the Health Professions*, 24(1), 31–37. <https://doi.org/10.1002/chp.1340240506>
- Gutterman, P. (2023). Definitions and Models of Disability. *Social Science Research Network*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.4500074>
- Hammel, J., Magasi, S., Heinemann, A., Whiteneck, G., Bogner, J., & Rodriguez, E. (2008). What does participation mean? An insider perspective from people with disabilities. *Disability and Rehabilitation*, 30(19), 1445–1460. <https://doi.org/10.1080/09638280701625534>
- Heffron, J. L., Spassiani, N. A., Angell A. M. & Hammel. J.(2018) Using Photovoice as a participatory method to identify and strategize community participation with people with intellectual and developmental disabilities, *Scandinavian Journal of Occupational Therapy*, 25(5), 382-395, DOI: 10.1080/11038128.2018.1502350
- Henninger, N. A., & Taylor, J. L. (2014). Family Perspectives on a Successful Transition to Adulthood for Individuals With Disabilities. *Intellectual and Developmental Disabilities*, 52(2), 98–111. doi:10.1352/1934-9556-52.2.98
- Hogg, J., & Lambe, L. (1997). An ecological perspective. *Quality of Life for People with Disabilities: Models, Research and Practice*, 201.
- Jakubec, S. L., Hoed D. C. D., Ray, H., & Krishnamurthy, A. (2016). Mental well-being and quality-of-life benefits of inclusion in nature for adults with disabilities and their caregivers. *Landscape Research*, 41(6), 616–627. <https://doi.org/10.1080/01426397.2016.1197190>
- Kersten, M. C. O., Taminiau, E. F., Weggeman, M. C. D. P., & Embregts, P. J. C. M. (2022). Contextual factors related to the execution of knowledge strategies in intellectual

- disabilities organizations. *Knowledge and Process Management*. 29(1),242–254.  
<https://doi.org/10.1002/kpm.1700>
- Kevan, F. (2003). Challenging behaviour and communication difficulties. *British Journal of Learning Disabilities*, 31(2), 75–80. <https://doi.org/10.1046/j.1468-3156.2003.00226.x>
- Kim, M. A., Yi, J., Bradbury, L., Han, K., Yang, J., & Lee, J. (2021). A Photovoice Study: The life experiences of middle-aged adults with intellectual disabilities in Korea. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 34(3), 852–865.  
<https://doi.org/10.1111/jar.12870>
- King G. A., Baldwin P. J., Currie M., & Evans J. (2005). Planning Successful Transitions From School to Adult Roles for Youth With Disabilities, *Children's Health Care*, 34(3), 193-216. DOI: 10.1207/s15326888chc3403\_3
- Kohli, A. K., & Jaworski, B. J. (1990). Market Orientation: The Construct, Research Propositions, and Managerial Implications. *Journal of Marketing*, 54(2), 1–18.
- Kramer-Roy, D. (2015). Using participatory and creative methods to facilitate emancipatory research with people facing multiple disadvantage: a role for health and care professionals. *Disability & Society*, 30(8), 1207–1224.  
<https://doi.org/10.1080/09687599.2015.1090955>
- Magalhães, R. C. B. P., & Cardoso, A. P. L. B. (2010). A pessoa com deficiência e a crise das identidades na contemporaneidade. *Cadernos de Pesquisa*, 40(139), 45–61.  
<https://doi.org/10.1590/s0100-1574201000010000>
- McGilton, K. S., Heath, H., Chu, C. H., Boström, A.-M., Mueller, C., M. Boscart, V., McKenzie-Green, B., Moghabghab, R., & Bowers, B. (2012). Moving the agenda forward: a person-centred framework in long-term care. *International Journal of Older People Nursing*, 7(4), 303–309. <https://doi.org/10.1111/opn.12010>
- Meulenckamp, T. M., Cardol, M., Hoek, L. S. V.H., Francke, A. L., & Rijken, M. (2013). Participation of People With Physical Disabilities: Three-Year Trend and Potential for Improvement. *Archives of Physical Medicine and Rehabilitation*, 94(5), 944–950.  
<https://doi.org/10.1016/j.apmr.2012.12.017>
- Neto S. (2019). Vida independente – Um estudo comparado sobre pessoas com deficiência que vivem institucionalizadas ou na comunidade. (Dissertação de Mestrado Não Publicada). Universidade de Lisboa

- Oliveira, M., & de Freitas, H. M. R. (1998). Focus Group—pesquisa qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planejamento. *RAUSP Management Journal*, 33(3).
- ONU. Organização das Nações Unidas. Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. 2015. Disponível em: [ods\\_2educacao\\_web\\_pages.pdf](https://ods2educacao.org/ods_2educacao_web_pages.pdf) ([instituto-camoes.pt](http://instituto-camoes.pt))
- Palibroda, B., Krieg, B., Murdock, L., & Havelock, J. (2009). *A Practical Guide To Photovoice: Sharing Pictures, Telling Stories And Changing Communities*. Prairie Women's Health Network.
- Pereira J. R. T. (2009). Aplicação do questionário de qualidade de vida em pessoas com deficiência intelectual. *Revista Psicologia Em Pesquisa*, 3(1), 59–74. <https://doi.org/10.24879/200900300100395>
- Pinto. P. C.& Neca P. (2020). *Pessoas Com Deficiência Em Portugal: Indicadores De Direitos Humanos 2020*. Observatório da Deficiência e Direitos Humanos. Lisboa, Portugal. – instituto superior de ciências sociais e políticas. Acedido em: <http://oddh.iscsp.ulisboa.pt/index.php/pt/2013-04-24-18-50-23/publicacoes-dos-investigadores-oddh/item/483-relatorio-oddh-2020>
- Portaria nº 70/2021 do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. *Regulamenta as condições gerais do edificado, os termos e as condições técnicas de instalação e de organização, funcionamento e instalação a que deve obedecer a resposta social do Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI)*. Diário da República nº 60/2021 – Série I de 26 de março de 2021.. Lisboa. Acedido em: [Portaria n.º 70/2021 | DR \(diariodarepublica.pt\)](https://diariodarepublica.pt/Portaria.n.º.70.2021)
- Povee, K., Bishop, B. J., & Roberts, L. D. (2014). The use of photovoice with people with intellectual disabilities: reflections, challenges and opportunities. *Disability & Society*, 29(6), 893–907. <https://doi.org/10.1080/09687599.2013.874331>
- Reid, D. H., Parsons, M. B., & Green, C. W. (2001). Evaluating the Functional Utility of Congregate Day Treatment Activities for Adults With Severe Disabilities. *American Journal on Mental Retardation*, 106(5), 460. DOI:10.1352/08958017(2001)106<0460:etfuoc>2.0.co;2
- Reinders, H. S., & Schalock, R. L. (2014). How Organizations Can Enhance the Quality of Life of Their Clients and Assess Their Results: The Concept of QOL Enhancement. *American*

- Journal on Intellectual and Developmental Disabilities*, 119(4), 291–302.  
<https://doi.org/10.1352/1944-7558-119.4.291>
- Remington, B. (1997). Verbal Communication in People With Learning Difficulties: An Overview. *Tizard Learning Disability Review*, 2(4), 6–14.  
<https://doi.org/10.1108/13595474199700032>
- Rimmer, J. H. (2002). Health promotion for individuals with disabilities: the need for a transitional model in service delivery. *Disease Management & Health Outcomes*, 10(6), 337-343. <https://doi.org/10.2165/00115677-200210060-00002>
- Ryan, K. E., Gandha, T., Culbertson, M. J., & Carlson, C. (2014). Focus Group Evidence: Implications for Design and Analysis. *American Journal of Evaluation*, 35(3), 328-345. <https://doi.org/10.1177/1098214013508300>
- S.C. Moss & J. Hogg (1990) Factorial and hierarchical cluster analysis of the Adaptive Behavior Scales (Part I & II) in a population of older people (50 years +) with severe intellectual impairment (mental handicap), *Australia and New Zealand Journal of Developmental Disabilities*, 16:4, 381-392, DOI: 10.1080/07263869000034191
- Sánchez, E. V., Coma-Roselló, T., Mumbardó-Adam, C., & Simó-Pinatella, D. (2020). Self-determination and people with intellectual disability: a construct analysis from a professional perspective. *International Journal of Disability, Development and Education*, 1–15. <https://doi.org/10.1080/1034912x.2020.1735625>
- Sayles, K. A., Ayoub, M., & van Schalkwyk, G. I. (2019). Individual Therapy on Inpatient Units: Flexibility in the Face of Resistance. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 58(9), 837–840. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2019.04.017>
- Schalock, R. L., & Verdugo M. A. (2007). El concepto de calidad de vida en los servicios y apoyos para personas con discapacidad intelectual. *Revista Española sobre la Discapacidad Intelectual*. 38(4), 21–36.
- Segal, S. P., Silverman, C., & Temkin, T. (1993). Empowerment and self-help agency practice for people with mental disabilities. *Social work*, 38(6), 705-712.
- Sekaran, U., & Wagner, F. R. (1980). Sense of Competence: A Cross-Cultural Analysis for Managerial Application. *Group & Organization Studies*, 5(3), 340–352.  
<https://doi.org/10.1177/105960118000500307>

- SILVA, M. da C., MIETO, G. S. de M., & OLIVEIRA, V. M. de. (2019). Estudos Recentes sobre Inclusão Laboral da Pessoa com Deficiência Intelectual. *Revista Brasileira de Educação Especial, 25(3)*, 469–486. doi:10.1590/s1413-65382519000300008
- Smith, M., Manduchi, B., Burke, É., Carroll, R., McCallion, P., & McCarron, M. (2020). Communication difficulties in adults with Intellectual Disability: Results from a national cross-sectional study. *Research in Developmental Disabilities, 97*, 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2019.103557>
- Stack, E., & McDonald, K. E. (2014). Nothing About Us Without Us: Does Action Research in Developmental Disabilities Research Measure Up? *Journal of Policy and Practice in Intellectual Disabilities, 11(2)*, 83–91. <https://doi.org/10.1111/jppi.12074>
- Stănescu N. (2020). Institutionalization / deinstitutionalization of people with disabilities a contemporary social problem. *Technium Social Sciences Journal, 13(1)*, 496–500. <https://DOI.org/10.47577/tssj.v13i1.1851>
- Tanabe, M., Pearce, E., & Krause, S. K. (2017). “Nothing about us, without us”: Conducting participatory action research among and with persons with disabilities in humanitarian settings. *Action Research, 1-19*. <https://doi.org/10.1177/1476750316685878>
- TeN Brummelaar, M. D. C., Harder, A. T., Kalverboer, M. E., Post, W. J., & Knorth, E. J. (2017). Participation of youth in decision-making procedures during residential care: A narrative review. *Child & Family Social Work, 23(1)*, 33–44. <https://doi.org/10.1111/cfs.12381>
- Thompson S. (2018). *Mobile technology and inclusion of persons with disabilities*. K4D Helpdesk Report. Brighton, UK: Institute of Development Studies. Acedido em: [https://assets.publishing.service.gov.uk/media/5b43205a40f0b678b369e262/Mobile\\_tech\\_and\\_inclusion\\_of\\_persons\\_with\\_disability.pdf](https://assets.publishing.service.gov.uk/media/5b43205a40f0b678b369e262/Mobile_tech_and_inclusion_of_persons_with_disability.pdf)
- Tijm, M., Cornielje, H., & Kwaku, A. E. (2011). ‘Welcome to My Life!’ Photovoice: Needs Assessment of, and by, Persons with Physical Disabilities in the Kumasi Metropolis, Ghana. *Disability, CBR & Inclusive Development, 22(1)*, 55–72. <https://doi.org/10.5463/dcid.v22i1.12>
- Ton, K. T., Gaillard, J. C., Adamson, C. E., Akgungor, C., & Ho, H. T. (2021). Human agency in disaster risk reduction: theoretical foundations and empirical evidence from people with disabilities. *Environmental Hazards, 20(5)*, 514-532. <https://doi.org/10.1080/17477891.2021.1887798>

Universidade Católica Editora.

- USAID. 2013. *Study on Deinstitutionalization of Children and Adults with Disabilities in Europe and Eurasia*: Final Report. Washington, DC, US Agency for International Development
- VIEIRA I. (2015), *A Participação – um paradigma para a intervenção social*, Lisboa,
- Wallace, R. A., Rimes, J., & Bitsika, V. (2023). Boards of Disability Service Provider Organizations for Adults With Intellectual Disability and Their Role in the Delivery of Quality Service. *Journal of Disability Policy Studies*, 33(4) 275–288.  
<https://doi.org/10.1177/10442073221094809>
- Wallerstein, N., & Bernstein, E. (1988). Empowerment Education: Freire’s Ideas Adapted to Health Education. *Health Education Quarterly*, 15(4), 379–394.  
<https://doi.org/10.1177/109019818801500402>
- WANG, C. C. (1999). Photovoice: A Participatory Action Research Strategy Applied to Women’s Health. *Journal of Women’s Health*, 8(2), 185–192.  
<https://doi.org/10.1089/jwh.1999.8.185>
- Wang, C. C., & Redwood-Jones, Y. A. (2001). Photovoice Ethics: Perspectives from Flint Photovoice. *Health Education & Behavior*, 28(5), 560–572.  
<https://doi.org/10.1177/109019810102800504>
- Wang, C. C., Cash, J. L., & Powers, L. S. (2000). Who Knows the Streets as Well as the Homeless? Promoting Personal and Community Action through Photovoice. *Health Promotion Practice*, 1(1), 81–89. <https://doi.org/10.1177/152483990000100113>
- Wang, C., & Burris, M. A. (1997). Photovoice: concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health Education & Behavior*, 24(3), 369–387.  
<https://doi.org/10.1177/109019819702400309>
- Wehmeyer, M. L. (1999). A Functional Model of Self-Determination. *Focus on Autism and Other Developmental Disabilities*, 14(1), 53–61.  
<https://doi.org/10.1177/108835769901400107>
- Wehmeyer, M. L. (2005). Self-Determination and Individuals with Severe Disabilities: Re-Examining Meanings and Misinterpretations. *Research and Practice for Persons with Severe Disabilities*, 30(3), 113–120. <https://doi.org/10.2511/rpsd.30.3.113>
- Willig, C. (2013). *Introducing qualitative research in psychology*. (3ª Edição). McGraw-hill education (UK).

- World Health Organization. *Bridging the “know-do” gap meeting on knowledge translation in global health*: 10-12 Oct 2005; Geneva, Switzerland. Geneva: WHO; 2006.
- World report on disability, 2011, acedido em: [World Report on Disability \(who.int\)](http://www.who.int/world-report-on-disability/)
- Yates, L. (2003). Interpretive claims and methodological warrant in small-number qualitative, longitudinal research. *International Journal of Social Research Methodology*, 6(3), 223–232. <https://doi.org/10.1080/1364557032000091824>
- Yeo, R., & Moore, K. (2003). Including Disabled People in Poverty Reduction Work: “Nothing About Us, Without Us.” *World Development*, 31(3), 571–590. [https://doi.org/10.1016/s0305-750x\(02\)00218-8](https://doi.org/10.1016/s0305-750x(02)00218-8)
- Zimmerman, M. A. (1990). Toward a theory of learned hopefulness: A structural model analysis of participation and empowerment. *Journal of Research in Personality*, 24(1), 71–86. [https://doi.org/10.1016/0092-6566\(90\)90007-s](https://doi.org/10.1016/0092-6566(90)90007-s)

# ANEXOS

## Anexo A – Consentimento Informado Para os Participantes



ESCOLA  
SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO



### CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

#### de acordo com a Declaração de Helsínquia<sup>1</sup> e a Convenção de Oviedo<sup>2</sup>

*Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorrecto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.*

**Título do estudo:** A Perspetiva de jovens/adultos sobre as barreiras e facilitadores à rotina em CACI, através da metodologia *Photovoice*.

**Enquadramento:** O presente pedido de autorização surge no âmbito de um trabalho de dissertação referente ao 2º ano do Mestrado em Educação Especial: Multideficiência e Problemas de Cognição na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, que está a ser orientado pela Professora Doutora Manuela Sanches-Ferreira e que decorre também da experiência enquanto colaboradora da [REDACTED].

O projeto de estudo que se pretende implementar, pretende documentar o funcionamento diário, envolvendo cada um dos participantes, identificando, com base na perspetiva dos próprios, aspetos que distingam as barreiras e os facilitadores para que cada um atinja os objetivos previamente definidos. **Explicação do estudo:** O *Photovoice*, metodologia que irá ser utilizada no estudo, recorre a evidências fotográficas dos participantes para ajudar os outros a verem o mundo através de seus olhos. Utiliza a fotografia e o diálogo em grupo como meio para aprofundarem a sua compreensão de uma questão ou preocupação na comunidade. Convidamos assim o participante, a fazer parte do estudo que consistirá na elaboração de um portefólio digital.

Haverá recolha de fotografias e de objetos que sejam representativos da sua experiência para que sejam arquivados no portfolio e para que com base nesses elementos se possam discutir e identificar as experiências que se tornam barreiras e facilitadores.

**Confidencialidade e anonimato:** Será garantido o anonimato, a confidencialidade e uso exclusivo dos dados para o presente estudo. Para mais esclarecimentos, não hesite em contactar o investigador responsável.

Grato pela sua colaboração!

**Assinatura/s:** .....

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

*Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela/s pessoa/s que acima assina/m. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a*

<sup>1</sup> [http://portal.arsnorte.min-saude.pt/portal/page/portal/ARSNorte/Comiss%C3%A3o%20de%20C3%89tica/Ficheiros/Declaracao\\_Helsinqia\\_2008.pdf](http://portal.arsnorte.min-saude.pt/portal/page/portal/ARSNorte/Comiss%C3%A3o%20de%20C3%89tica/Ficheiros/Declaracao_Helsinqia_2008.pdf)

<sup>2</sup> <http://dre.pt/pdf1sdip/2001/01/002A00/00140036.pdf>

*utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.*

Nome: .....

Assinatura: .....

Data: ..... /..... /.....

SE NÃO FOR O PRÓPRIO A ASSINAR POR IDADE OU INCAPACIDADE (se o menor tiver discernimento deve <u>também</u> assinar em cima, se consentir)	
NOME: .....	
BI/CD Nº: .....	DATA OU VALIDADE ..... /..... /.....
GRAU DE PARENTESCO OU TIPO DE REPRESENTAÇÃO: .....	ASSINATURA .....
.....	

**ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 1 PÁGINA/S E FEITO EM DUPLICADO:  
UMA VIA PARA O/A INVESTIGADOR/A, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE**

## Anexo B – Tabela Síntese da Organização Do Projeto

<b>MOMENTOS</b>	<b>GRUPO/INDIVIDUAL</b>	<b>DURAÇÃO</b>	<b>OBJETIVOS</b>
<b>MOMENTO 1</b>	GRUPO	35 minutos	Apresentação do estudo e realização do Convite
<b>MOMENTO 2</b>	GRUPO	10 minutos	Percepção das dificuldades sentidas
<b>MOMENTO 3</b>	GRUPO	5 + 45 minutos	Percepção das dificuldades + Desafio de apenas 10 fotos
<b>MOMENTO 4</b>	INDIVIDUAL	11 minutos (Média de 1m37s com cada participante)	Seleção de 3 fotos
<b>MOMENTO 5</b>	INDIVIDUAL	39m85s (Média de 4,98 com cada participante)	Exploração da importância das três fotografias escolhidas e qual a que mais gosta
<b>MOMENTO 6</b>	GRUPO	45 minutos	Início da discussão das fotos
<b>MOMENTO 7</b>	GRUPO	1 hora	Discussão das Fotos
<b>MOMENTO 8</b>	GRUPO	1 hora e 5 minutos	Discussão das Fotos
<b>MOMENTO 9</b>	GRUPO	1 hora e 10 minutos	Discussão das Fotos
<b>MOMENTO 10</b>	GRUPO	1 hora	Discussão das Fotos
<b>MOMENTO 11</b>	GRUPO	30 minutos	Construção do Portfólio

## Anexo C - Calendarização dos Momentos com os Participantes

### JUNHO 2023

SE	TE	QU	QU	SE	SA	DO
		M1 31	1	2	3	4
M2 5	6	7	M3 8	9	10	11
M4 12	13	M5 14	15	16	17	18
19	20	M6 21	22	23	24	25
26	27	M7 28	29	30		

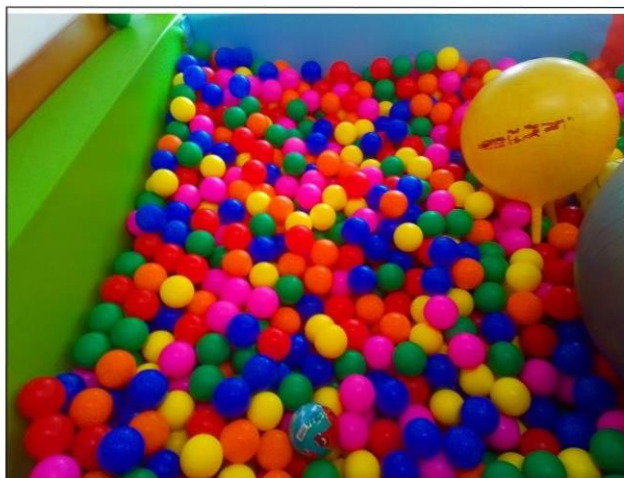
### JULHO 2023

SE	TE	QU	QU	SE	SA	DO
					1	2
3	4	M8 5	6	7	8	9
10	11	M9 12	13	14	15	16
17	18	M10 19	20	21	22	23
24	25	M11 26	27	28	29	30
31						

#### Legenda:

<b>M1</b>	Momento 1
<b>M2</b>	Momento 2
<b>M3</b>	Momento 3
<b>M4</b>	Momento 4
<b>M5</b>	Momento 5
<b>M6</b>	Momento 6
<b>M7</b>	Momento 7
<b>M8</b>	Momento 8
<b>M9</b>	Momento 9
<b>M10</b>	Momento 10
<b>M11</b>	Momento 11

Anexo D – Fotografias Seleccionadas pelos Participantes após o Momento



Anabela 1



Ricardo 3



Tiago 1



Filipe 1



Miguel 1



Ricardo 1



Simão 1



Sara 1



Sara 2



Anabela 2



Sara 3



Luís 1



Miguel 2



Tiago 2



Luís 2



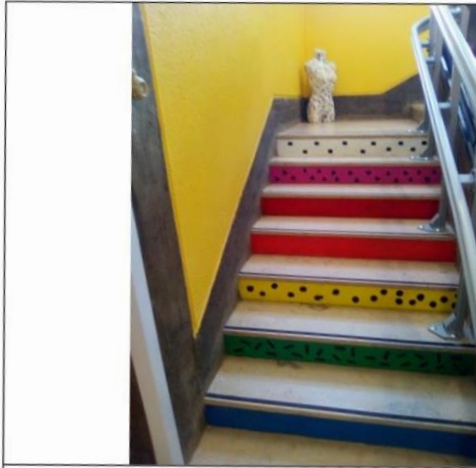
Simão 3



Filipe 2



Ricardo 2



Luis 3



Simão 3



Anabela 3



Miguel 3



Tiago 3



Filipe 3

## **Anexo E – Transcrições dos Momentos *Focus Groups***

E: Entrevistador

### **Momento 1**

E: Boa tarde. Antes de iniciar, gostaria de questionar se autorizam a gravação deste momento para posterior transcrição de informações?

Todos – Sim.

E: Agora que vamos começar vou pedir para tentarem manter a máxima atenção no que vou explicar, pode ser?

Todos: Sim

E: – Como sabem, alguns de vocês, eu estou a terminar o mestrado. Que é o quê após terminar a escola tal como muitos de vocês que andaram até ao 12ºano eu continuei e tirei uma licenciatura e depois da licenciatura podemos tirar várias formações ou cursos. Eu estou no mestrado. Este é um curso de 2 anos. No primeiro ano tenho aulas e avaliações de cada disciplina. Já no 2º ano eu tenho de realizar um projeto, uma investigação sobre o tema que estou a estudar.

(Neste momento todos se apresentaram bastante curiosos e falaram de familiares que também tiraram o mestrado. Visto que a conversa começou a dispersar para outros temas foi necessário voltar a falar sobre o verdadeiro assunto para aquela formação).

E: Têm alguma dúvida? Conseguiram perceber?

Todos: Sim

E: Então o meu mestrado chama-se Educação Especial: Multideficiência e Problemas de Cognição. E neste momento estudo mais sobre a deficiência e como posso melhorar o meu trabalho, neste caso aqui convosco.

(Neste momento a Anabela pediu para repetir a última informação, disse não ter ouvido. Esta situação é normal pois os seus períodos de atenção são reduzidos (entre 5 e 10 minutos). E: O que eu quero fazer? O meu mestrado ensina-me como posso trabalhar com crianças jovens adultos com deficiência de forma que aumentem a sua qualidade de vida, ou seja, sejam mais felizes. Então para a minha investigação quero estudar algumas coisas sobre as instituições tal como a nossa instituição. Compreenderam?

Todos: Sim

E: Este tipo de instituições fazem várias atividades. Por norma, os participantes inscrevem-se e ficam lá para sempre, não existe uma progressão ou evolução. E muitas vezes mantêm-se com a mesma rotina, as mesmas atividades e os mesmo colaboradores. No meu estudo eu quero que os participantes possam dar a sua opinião de alguma forma.

Anabela: Descobriremos e aprendermos coisas novas.

E: Eu gostava que participassem neste estudo para compreender o que acham que aqui, está bem ou mal e assim pudermos mudar isso.

Filipe: Por mim sim.

E: Assim podemos mudar as coisas e sermos cada vez melhores. E para vocês que são as pessoas que mais beneficiam estejam bem e felizes. Alguma dúvida?

Todos: Não

E: O objetivo é que cada pessoa com deficiência possa dar a sua opinião e seja ouvida. Essas mudanças deverão sempre ser para melhor e onde vocês identificam o que é bom e o que é mau. Compreenderam?

Todos: Sim

E: O Projeto não vai ser realizado apenas com momentos de conversa. Então às quartas-feiras iremos ter encontros para conversarmos um pouco. Mas eu irei vos dar os tablets ou poderão utilizar os vossos telemóveis para irem tirando fotos. Poderão tirar fotos a qualquer coisa o que vocês queiram. Pode ser nos vossos intervalos ou na vossa hora livre após o almoço. Todos os colaboradores irão estar informados e poderão vos fornecer os tablets. Também nas atividades poderão tirar fotos a partir do momento que não perturbem ou que diminuam a vossa participação por estarem a tirar fotos. Dúvidas?

Filipe: Posso utilizar o meu telemóvel?

E: Sim, claro.

E: Ao longo das semanas eu irei explicar cada uma das fases que iremos passar, mas no final iremos utilizar as vossas fotos para fazerem um portfólio com sugestões a entregar à direção para possíveis mudanças.

Tiago: Eu vou trazer o meu tablet.

Anabela: Eu também vou trazer o meu, então.

E: Podem trazer os vossos aparelhos ou utilizar os tablets daqui. Compreenderam?

Todos: Sim

E: o objetivo de tudo é que vocês possam participar na mudança. Possam dar a vossa opinião porque são vocês que participam e que realizam as atividades.

Filipe: Mas eu gosto de estar aqui. Tiago: Eu

também gosto de estar aqui Anabela: Para mim está tudo bem.

E: Fico feliz por saber que gostam de cá estar, mas tenho a certeza de que existem coisas que poderemos melhorar. E isso só será possível com a vossa colaboração com a vossa opinião.

E: Agora vou ler o consentimento informado para que me digam se querem participar ou não. Podem tirar dúvidas a qualquer momento.

Todos: OK.

Filipe: Eu quero.

E: Por favor, ouçam com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

**Título do estudo:** A Perspetiva de jovens/adultos sobre as barreiras e facilitadores à participação da rotina em CACI, através da metodologia Photovoice.

João: O Photovoice?

Filipe: O que é isso?

E: É a metodologia que vamos utilizar. É o nome técnico.

João: Eu tenho uma dúvida. Eu não percebi aquela palavra “barreira”.

E: Barreira! o que é?

Filipe: É quando temos alguma coisa á frente que não nos deixa passar.

Anabela: é uma batalha

E: Por norma é algo que poderá ser considerado negativo e que não nos deixa avançar. As barreiras são aquilo que não nos deixa atingir os nossos objetivos. E é isso que quero descobrir na minha investigação. Por exemplo: quando não tínhamos o elevador para o piso de cima, as escadas eram uma barreira para alguns de vocês aceder à sala do piso 1. Compreenderam?

Todos: Sim.

E: Os facilitadores é aquilo que vos pode ajudar. Neste momento já existe um elevador e por isso é um facilitador no acesso ao piso superior. Como outras coisas que poderão fazer e poderá ajudar na aprendizagem de novas coisas e alcançar os vossos objetivos.

Compreenderam?

Filipe: Sim, sim.

E: Posso continuar?

Todos: Sim

E: O presente pedido de autorização surge no âmbito de um trabalho de dissertação referente ao 2º ano do Mestrado em Educação Especial: Multideficiência e Problemas de Cognição na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, que está a ser orientado pela Professora Doutora Miguela Sanches-Ferreira e que decorre também da experiência enquanto colaboradora desta instituição. O projeto de estudo que se pretende implementar, pretende documentar o funcionamento diário, envolvendo cada um dos participantes, identificando, com base na perspectiva dos próprios, aspetos que distingam as barreiras e os facilitadores para que cada um atinja os objetivos previamente definidos. Têm dúvidas?

Todos: Sim

E: Vou continuar então. O Photovoice, metodologia que irá ser utilizada no estudo, recorre a evidências fotográficas dos participantes para ajudar os outros a verem o mundo através de seus olhos. Utiliza a fotografia e o diálogo em grupo como meio para aprofundarem a sua compreensão de uma questão ou preocupação na comunidade. Convidamos assim o participante, a fazer parte do estudo que consistirá na elaboração de um portefólio digital.

Filipe: Eu gostava.

E: Haverá recolha de fotografias e de objetos que sejam representativos da sua experiência para que sejam arquivados no portfolio e para que com base nesses elementos se possam discutir e identificar as experiências que se tornam barreiras e facilitadores. Perceberam tudo?

João: Eu por exemplo, tenho receio de andar com a cadeira de rodas elétrica porque a rua não está adaptada e tenho medo de me magoar é uma barreira.

E: Boa, conseguiste identificar uma barreira no exterior. Mais alguma coisa que queiram partilhar?

(Sem resposta, por 15 segundos) E:

Então posso continuar?

Todos: Sim

E: “Confidencialidade e anonimato: Será garantido o anonimato,” Sabem o que é anonimato?

Filipe: Anonimato??

João: É não dizer a ninguém.

E: Eu quando for a escrever a tese e sobre estes momentos que temos nunca vai estar o vosso nome pode dizer o Participante 1 ou o Participante 4. “a confidencialidade” que é que toda a vossa opinião fica como e mais ninguém. “e uso exclusivo dos dados para o presente estudo. Para mais esclarecimentos, não hesite em contactar o investigador responsável” que neste caso sou eu. Compreenderam?

Todos: Sim.

E: De seguida vocês vêm a minha assinatura. E tem uma frase muito importante. “Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela/s pessoa/s que acima assina/m” que é aquilo que estou a fazer neste momento. “Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências.” Isto quer dizer que vocês podem assinar e dizer que querem fazer parte deste estudo, mas se para a semana não quiserem mais podem sair. Se vocês me quiserem dizer eu não quero estar aqui, esta tudo bem não há nada de negativo para vocês. Obviamente que gostava que todos participassem, mas se essa não for a vossa vontade tudo bem, perceberam?

Todos: Sim

E: “Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a. Este documento é composto por 1 página e feito em duplicado: um via investigador, outra para a pessoa que consente, que são vocês.” Compreenderam?

Todos: Sim

E: Agora gostava de vos ouvir e saber, um a um, qual de vocês quer participar, ok?

Filipe: Eu quero.

Tiago: Eu quero

João: Eu não quero.

Carlos: Eu não quero E: Ok, tudo bem sem problema.

Anabela: Sim.

Ricardo: Eu quero.

Simão: Eu quero.

Anabela: Eu quero.

Sara: Eu quero.

Miguel: Eu quero.

E: E tu LUÍS?

Luís: Eu quero.

E: Então participa no projeto o Anabela, Tiago, Luís, Filipe, Miguel, Ricardo, Simão e Sara?

Todos: Sim.

E: Então amanhã de manhã vou deixar os tablets no espaço de convívio e quando quiserem podem ir tirar fotos quando quiserem.

Tiago: Posso trazer a minha máquina fotográfica?

E: Sim, claro.

Filipe: E eu posso tirar com o meu telemóvel?

E: Sim, sem problema.

E: Então eu vou falar com a equipa, para saberem o porquê de vocês andarem com os tablets.

Filipe: Posso tirar no futsal?

E: Tem de ser aqui dentro na nossa rotina. Quem sabe mais para a frente vermos isso. O que achas?

Filipe: Sim, pode ser

E: Então até amanhã.

## **Momento 2**

E: Alguns de vocês já foram tirando fotos aleatórias ao espaço.

Filipe: Eu já.

E: Sim, mas alguns de vocês não o fizeram. Por exemplo o Miguel, Anabela E Luís. E está tudo bem com isso, mas gostava de saber qual o motivo para que não tenham tirado fotos. Não estão motivados, não se lembraram ou não vos apetecia.

(Silêncio de 15 segundos)

E: Anabela, queres partilhar o porquê. Achas que me consegues dizer para eu te puder ajudar?

Anabela: Não sei dizer.

E: Precisas de ajuda?

Anabela: Não eu não sei porquê (apresentou-se desmotivada).

E: Anabela queres partilhar o porquê de não teres tirado? Há algum motivo específico? Achas que falta tempo ou não te apetece?

Anabela: Não é falta de interesse, eu não trouxe o meu telemóvel por isso é que não tirei.

E: OK, mas não há problema de tirares com os tablets daqui ok?

Anabela: ok. Há certas coisas que eu não me sinto à vontade e preciso de ajuda.

E: Então precisas de alguém contigo?

Anabela: Sim.

E: Então eu vou tentar estar contigo para que possa tirar as fotos pode ser? E não há problema de utilizares os tablets daqui.

E: Luís e tu queres partilhar?

Luís: Eu esqueci-me, estive com uma colaboradora e estava entretido com ela, a terminar a decoração do teto.

E: Está bem. Não há problema. Vamos ter oportunidade para isso.

E: Miguel e Simão ainda não vos ouvi hoje querem partilhar se tiveram alguma dificuldade ou se tiveram algum problema?

Simão: Eu esquecia-me.

Miguel: Eu ainda não trouxe o meu telemóvel e por isso não posso tirar.

E: Já percebi que vocês gostavam muito de utilizar o vosso telemóvel e não há problema nenhum, mas se vocês não puderem trazer as vossas coisas podem sempre utilizar os tablets que aqui temos, eles existem para vocês os usarem.

E: Então vamos fazer assim, hoje vamos dar aqui algum tempinho e poderão tirar fotos aleatórias, todos aqueles que ainda não foram tirar. Pode ser?

Todos: Sim

E: Se quiserem caso não queiram tudo bem. Eu estou aqui por perto e se precisarem de mim eu ajudo.

### **Momento 3**

E: Boa tarde. Hoje voltamos a juntarmo-nos para que passemos mais uma fase do nosso projeto. Querem partilhar alguma coisa sobre estes últimos dias como tem sido?

Filipe: Eu não...

Tiago: Não...

(Após um silêncio de 10 segundos, todos movimentaram a cabeça de forma negativa)

E: Muito bem, hoje tenho um desafio para vocês.

Filipe: Um desafio?

E: Hoje gostava que fossem tirar fotos, mas desta vez só podem tirar 10 fotos nem mais nem menos. O que acham?

Anabela: Sim pode ser.

*Após serem distribuídos os tablets cada um foi saindo da sala para tirar as fotos e alertados para o caso de necessitarem de ajuda, poderiam pedir.*

### **Momento 4:**

#### **ANABELA**

E: Tens aqui todas as fotos que tu tiraste, foram 11 fotos. Eu gostava que observasses cada uma das fotos e de seguida dizes-me 3 que queres escolher.

Anabela: A piscina das bolas... E: E a segunda?

(Observou todas as fotos por 10 segundos) Anabela:  
Esta (pintura de assas na parede).  
Anabela: E falta uma, não é?  
E: Sim  
Anabela: Quero uma do pescador na parede.  
E: Ok. Muito bem. Consegues-me dizer porque escolheste estas fotos há algum motivo?  
Anabela: Eu gosto delas só isso. Acho-as bonitas.  
E: Está bem. Obrigada  
(Durou 1 minuto e 15 segundos)

### **TIAGO**

E: Tens aqui todas as fotos que tu tiraste, foram 12 fotos. Eu gostava que observasses cada uma das fotos e de seguida dizes-me 3 que queres escolher.  
Tiago: Posso escolher qualquer uma?  
E: Sim  
Tiago: O quadro na cantina e a boneca na parede.  
E: Ainda falta 1. Queres escolher.  
Tiago: Esta (escolheu uma parede pintada por eles onde colocaram os seus sonhos).  
E: Queres dizer-me porque escolheste estas?  
Tiago: São sítios que eu gosto acho-os bonitos.  
(Durou 1m 10 segundos)

### **LUÍS**

E: Tens aqui todas as fotos que tu tiraste, foram 14 fotos. Eu gostava que observasses cada uma das fotos e de seguida dizes-me 3 que queres escolher.  
Luís: Esta (momento em que uma colaboradora fazia algum trabalho de recortarem para decoração do espaço).  
(Pausa de 5 segundos para observar).  
Luís: Esta (espaço exterior onde se vê o canteiro construído por eles). E esta das escadas interiores.  
E: Queres dizer-me porque escolheste estas?  
Luís: Eu gosto delas.  
(Durou 1 minuto e 15 segundos)

### **FILIPE**

E: Tens aqui todas as fotos que tu tiraste, foram 9 fotos. Eu gostava que observasses cada uma das fotos e de seguida dizes-me 3 que queres escolher.  
Filipe: OK. Pode ser esta. Eu tirei bem. (foto do exterior com um canteiro de flores feito por eles em formação onde se vê uma colega).  
Filipe: Eu também gostei muito desta (voltou a repetir a mesma).  
E: Não sei se reparaste, mas é igual. Não sei se queres manter a mesma ou preferes outra diferente  
Filipe: Ah foi esta, esta (referiu-se a um outro lado do canteiro).  
E: Muito bem. Até agora escolheste 2.  
Filipe: e quero esta (espaço amplo de relva com várias árvores com sombra).

E: ok. Escolheste as tuas 3 fotos. Queres partilhar comigo o porquê de escolheres estas?  
Filipe: Sim eu gosto muito de ir lá para fora, posso correr estou mais à vontade. (Durou 1 minuto e 10 segundos)

### **MIGUEL**

E: Tens aqui todas as fotos que tu tiraste, foram 17 fotos. Eu gostava que observasses cada uma das fotos e de seguida dizes-me 3 que queres escolher.

Miguel: Esta (asas pintadas na parede). Esta (pintura de um pescador) e esta.

E: Essa já está. Queres igual?

Miguel: Não, pode ser esta (Pintura de parede de um navio antigo).

E: Queres partilhar porque escolheste estas fotos?

Miguel: Acho que são bonitas estas pinturas o nosso espaço fica mais bonito.  
(Durou 1 minuto 10 segundos)

### **RICARDO**

E: Tens aqui todas as fotos que tu tiraste, foram 9 fotos. Eu gostava que observasses cada uma das fotos e de seguida dizes-me 3 que queres escolher.

Ricardo: Falta aí uma que é do autocarro.

E: Ok tudo bem. Pode ser uma foto a incluir aqui e ao escolheres agora essa pode ser uma opção.

Ricardo: Está bem. Queres que explique o porquê.

E: Como tu te sentires mais confortável. Senão podemos falar depois como quiseres.

Ricardo: Achava que tinha tirado mais.

(Após 20 segundos a observar todas) Ricardo:

Quero a do pavilhão.

(10 segundos a observar novamente)

Ricardo: Quero esta aqui. (Canteiro do exterior construído em formação).

E: Muito bem só falta 1.

(após 10 segundos a observar)

Ricardo: Tem as duas da cantina, mas vai ser esta porque apanha o relógio.

E: ok. Queres explicar alguma coisa.

Ricardo: Não, só gosto delas.

(Durou 2 minutos e 30 segundos)

### **SIMÃO**

E: Tens aqui todas as fotos que tu tiraste, foram 10 fotos. Eu gostava que observasses cada uma das fotos e de seguida dizes-me 3 que queres escolher.

Simão: Só 3?

E: Sim

(Observou em silêncio por 15 segundos)

Simão: Esta (Foto da secretária de uma das terapeutas onde são realizadas sessões individuais)

(Observou em silêncio por 20 segundos)

Simão: Esta (Conjunto de materiais utilizados nas sessões). E esta (foto do exterior tirada do piso superior).

E: Podes dizer-me por escolheste estas 3?

Simão: Porque fui eu que as tirei.  
(Durou 1 minuto e 30 segundos)

## **SARA**

E: Tens aqui todas as fotos que tu tiraste, foram 14 fotos. Eu gostava que observasses cada uma das fotos e de seguida dizes-me 3 que queres escolher.

Sara: A bola gigante na piscina das bolas. A parede dos sonhos (parede pintada por eles) e o Benny (urso gigante no espaço de convívio utilizado como a mascote da instituição)

E: Queres me dizer o porquê de escolheres estas fotos.

Sara: A parede dos sonhos é porque tem lá a palavra amor. E isso é muito importante para mim por causa do meu namorado. O Benny eu gosto muito dele porque é fofo e a bola gigante por gosto de me deitar nela.

(Durou 1 minuto)

## **MOMENTO 5**

### **ANABELA**

E: Estiveste comigo a escolher fotos. Sem ver as fotos todas, lembras-te quais eram?

Anabela: Achas que posso ver era mais fácil.

E: Sim claro

(Observou por 10 segundos)

Anabela: Foi esta (apontou para uma foto da sala onde são recebidos os participantes de complemento à escola).

Continuou a observar e acabou por acenar com a cabeça de forma negativa.

E: OK. Mais alguma?

Anabela: Já não sei mais.

E: ok tudo bem. Tu tinhas escolhido a foto da piscina das bolas e das pinturas de parede, o pescador e as asas. Consegues dizer-me qual a que mais gostas?

(Observou as fotos por 15 segundos acompanhados por pequenos sussurros como "Acho que é")

Anabela: Pode ser a piscina das bolas.

E: Porque é que esta é a que mais gostas?

Anabela: Tem muitas bolas coloridas.

E: E isso faz-te diferença?

Anabela: Deixa-me feliz.

E: Tu usas a piscina das bolas?

Anabela: Não, nunca uso. Mas gosto deixa-me feliz.

E: OK. Queres dizer mais alguma coisa sobre a piscina das bolas ou em relação a esta foto.?

Anabela: Não.

E: Qual é a foto que menos gostas, destas três?

Anabela: Eu gosto muito das três.

E: Mas não tens assim nenhuma que até trocavas?

Anabela: Não.

E: Aos olhares para estas fotos e pensares naquilo que fazemos aqui desde que saís de casa de manhã até chegares de casa ao fim do dia, há alguma coisa que elas te façam lembrar?

Anabela: Não há nada.

E: Por exemplo esta foto aqui é da piscina das bolas, que está no polivalente, o que é que acontece no polivalente?

Anabela: (Discurso impercetível referindo-se a temas pessoais)

E: Queres acrescentar alguma coisa sobre estas fotos que seja importante para ti e sobre o trabalho que é feito aqui?

Anabela: Não, para já não há nada. Nós vamos a um parque aquático?

E: Isso está relacionado com o trabalho que fazemos?

Anabela: Não não, não é nada.

E: Ok, mas queres falar sobre isso?

Anabela: Não não quero.

E: OK, então queres escolher outra foto ou trocar?

Anabela: Não não quero gosto assim.

E: Mas no início apontaste para uma da sala dos mais novos... Anabela:

Mas eu prefiro estas.

(Durou 3 minutos e 35 segundos)

## **TIAGO**

E: Estiveste comigo a escolher fotos. Sem ver as fotos todas, lembras-te quais eram?

Tiago: Tenho de ver.

E: Então aqui estão.

Tiago: Esta, esta e esta.

E: Boa acertaste. Então qual delas é a mais importante para ti ou a que tu mais gostas?

Tiago: A boneca pintada na parede (espaço da cantina)

E: Ok, mas porquê

Tiago: Eu gosto de bonecas.

E: Mas este espaço é importante para ti?

Tiago: Não sei, não sei dizer.

E: Qual destas 3 fotos gostas menos.

Tiago: O quadro na cantina.

E: Mas porquê?

Tiago: Não sei.

E: Então observa com atenção o que aqui está na foto o que está à volta do quadro. Há alguma coisa que não gostes?

Tiago: Não gosto de ver os caixotes do lixo.

E: Mas não gostas por algum motivo específico.

Tiago: Esta é a minha ideia, não gosto do lixo e não sei explicar.

E: OK, tudo bem. De tudo o que temos e fazemos aqui o que é que nós podemos fazer melhor?

Tiago: Por mim tirávamos este quadro e fazíamos outro.

E: OK. Aqui dentro nós trabalhamos muitas coisas, porque temos objetivos. O que achas da nossa rotina, o que fazemos todos os dias que te ajudam a ser melhor?

Tiago: Não sei dizer. Eu não sei. Não me lembro

E: Então vamos olhar para estas fotos. Tens estas duas na cantina e o polivalente. De tudo o que acontece lá o que achas que pode ser diferente?

Tiago: Não gosto, quando a Anabela diz palavras feias eu não gosto.

E: Isso incomoda-te. Mais algum colega?

Tiago: Não só um colega

E: E na nossa rotina alguma coisa? Ou obre os espaços e o que acontece lá.

Tiago: Lá fora, eu gostava de ir mais vezes lá para fora e fazer atividade lá fora.

E: OK. Queres dizer mais alguma coisa?

Tiago: Não está tudo.

E: Obrigada

(Durou 3 minutos e 25 segundos)

## **LUÍS**

E: Nós estivemos a escolher 3 fotos há dois dias, lembraste?

Luís: Sim

E: Tu lembraste como eram essas fotos?

Luís: Acho que era... (silêncio de 10 segundos). Era balões e... acho que já não me lembro mais.

E: OK, tudo bem. Aqui estão as 14 fotos que tu tiraste. Ao veres consegues dizer quais eram as 3 fotos escolhidas?

Luís: Era a da escada.... Não era a boneca pintada....

(silêncio de 15 segundos a observar)

E: Mais alguma? Eram 3

Luís: Era a escada (silêncio de 20 segundos) e acho que foi esta (secretaria) e esta da piscina das bolas.

E: Ok. As que tinhas escolhido foi a das escadas, o polivalente e uma foto do exterior do canteiro onde estiveste. Consegues-me dizer qual a que mais gostas?

(Apontou para a foto do polivalente onde aparecem colegas e colaboradores num momento de convívio e trabalho de artes plásticas?)

E: e porque é que essa é a tua preferida?

Luís: Porque trato bem os meus colegas trato-os bem e com carinho. Mesmo que estão de cadeira de roda eu trato os meus colegas bem e ajudo-os a pôr a mesa. A única que me trata mal é a Anabela porque ela começou a “mandar vir”. Mas os outros eu gosto deles e trato-os com carinho. E quando eu tenho as minhas tonturas eles ajudam-me e vão sempre chamar alguém. (Começou a falar sobre as suas tonturas e a relatar cada um dos dias que acordou com tonturas e quem o foi ajudar.)

E: Então e qual é a foto que menos gostas?

Luís: A que tem as escadas.

E: Porquê?

Luís: É trabalho que as minhas colegas fizeram nas escadas e ficou bonita. Gostei de fazer este trabalho com a Animadora.

E: Tu gostas deste tipo de trabalho?

Luís: Gostei muito porque foi um trabalho da Animadora e tu que fizeste as escadas e gostei muito.

E: OK. Mas ajudou em quê este trabalho?

Luís: Ajudou porque eu gostei ficou bonito.

E: Então destas três fotos, qual é aquela que tu trocavas por outra?

Luís: Eu gostei a do polivalente com os meus colegas.

E: ok mas tiravas fora alguma fora?

Luís: Sim, a do meio (do exterior).

E: Porquê?

Luís: Porque na jardinagem fiz com muito carinho e gostei de fazer...

E: Mas tiravas porquê? Se tiravas é porque poderá haver alguma coisa que não gostes muito. Qual seria?

Luís: Eu gostei muito de fazer isto. Eu não sei se tirava esta ou esta (apontou para a foto das escadas).

E: Ok. Tudo bem. Então se pudesses escolher mais uma foto das que tu tiraste qual seria? Luís: Também gostei da foto da secretária onde aparece a Sara. Porque eu gosto dela, ela tratame bem, dá-me cainho. E uma amiga de confiança e nunca me tratou mal. Porque eu estou aqui só para fazer o meu trabalho...

E: Achas que aqui te ajudam no teu trabalho? Nos teus objetivos?

Luís: Sim, ajudam-me muito.

E: Há coisas que podemos fazer diferente.

Luís: Eu gostava que os meus colegas me ajudassem mais. E.

Em que é que achas que precisas de ajuda.

Luís: Que me ensinem mais a Cátia e a Psicóloga (a psicóloga) porque ela dá-me fichas para trabalhar a cabeça e eu gosto disso. Porque melhora-me o cérebro.

(Durou 8 minutos e 55 segundos)

## **FILIFE**

E: Estamos aqui hoje para falarmos um pouco sobre as fotos que tiraste. Pode ser?

Filipe: Sim, por mim pode ser.

E: Então podes apontar para aqui e dize-me quais foram?

Filipe: Esta. Por que estava aqui a Sara. Esta. Esta. Esta e Esta (apontou para 5 fotos)

E: Já me disseste 5...

Filipe: Foi então esta, esta e esta.

E: Boa foram mesmo essas. Mas porque tiras-te estas fotos o que gostas nelas?

Filipe: Tem estes vasos porque são diferentes.

E: Então é algo diferente é isso?

Filipe: Sim.

E: Então vamos ver uma a uma, pode ser?

Filipe: Sim

E: A tua primeira foto porque gostas dela?

Filipe: Estava a Sara.

E. Isso quer dizer que gostas dos teus colegas?

Filipe: Sim porque ela tirou-me uma e eu tirei a ela.

E: E Esta que tiraste deste espaço verde?

Filipe: Porque eu gosto de tirar fotos e acho que esta foto ficou bem. E a outra ficou bonita. ~

E: OK. Muito bem. Há aqui alguma que não goste muito ou até tiravas daqui.

Filipe: Eu gosto de tudo.

E: Quando olhas para estas fotos achas que consegues pensares em coisas que gostas aqui e o que não gostas.

Filipe: Eu aqui consigo ver a estrada e eu gosto de estar cá fora. E era "altamente" se pudessem entrar autocarros cá dentro e eu assim podia andar neles.

E: Como assim andar nos autocarros?

Filipe: Para eu ir embora, ia sozinho. Eu não preciso motorista da instituição eu podia ir sozinho de autocarro.

E: Muito bem parece-me uma boa ideia. Tu mudavas alguma das fotos por outra?

Filipe: Não eu gosto destas.

(Durou 4 minutos e 15 segundos)

## **RICARDO**

E: Estamos aqui hoje para falarmos um pouco sobre as fotos que tiraste. Pode ser?

Ricardo: Sim, por mim pode ser.

E: Lembras-te de alguma daquelas que escolheste?

Ricardo: Acho foi a do gabinete da Diretora, a secretaria e... já não me lembro qual foi a outra.

E: Ok, não tem mal não te lembrares. As fotos que escolheste foram estas 3. Se fosse hoje o dia da escolha, mantinhas estas 3?

(Alguma indecisão, dizia a primeira sílaba e depois parava para pensar, durante 10 segundos).

Ricardo: Eu tirava a da cantina e escolhia uma de lá de fora.

E: OK. Destas que escolheste qual a que mais gostaste.

Ricardo: Quando tirei as fotos eu escolhi tirar esta (parede dos sonhos). Porque gosto da parede pintada e ao longe até parece que é o Céu. E. Gostas daquele espaço?

Ricardo: Sim parece o mar e o céu.

E: Como é que isso te faz sentir?

Ricardo: Faz-me sentir bem, parece que fico mais calmo.

E: Está bem. E destas qual a que tiravas?

(15 segundos a observar em silêncio).

Ricardo: É esta da cantina, porque à quarta-feira tenho culinária e como sabes eu não gosto de estar aí deixa-me "stressado".

E: E se eu te deixasse escolher mais uma? Qual escolhias?

Ricardo: Escolhia uma foto dos cacifos E: E porquê.

Ricardo: Porque gostava de mudar a minha foto do cacifo e ser uma foto diferente e puder por uma coisa que gosto mais.

E: Parece-me bem. Destas fotos que vês aqui como te fazem sentir quando olhas para ela.

Ricardo: Esta foto (canteiro criado por eles) faz-me lembrar de bons momentos. Momentos felizes na formação de jardinagem. E gostei muito da Professora.

E: Fico contente. Mais alguma coisa?

Ricardo: Ao olhar faz-me pensar numa coisa. Lembro-me da formação e acho que devíamos ter mais atividades lá for.

E. Aos olhares para as restantes fotos mais alguma coisa que queiras comentar ou tens alguma coisa a acrescentar?

Ricardo: Quando vejo esta foto do espaço. Por exemplo o armário acho que os materiais deviam estar mais arrumados porque deixa-me confuso e parece mal para nós e quando vem aqui alguém.

E: OK. Achas que aqui consegues atingir os teus objetivos, conseguimos ajudar-te para a tua vida?

Ricardo: Sim. Eu olho para a foto da cantina e lembro-me que não gosto de culinária, mas eu faço na mesma porque eu tenho de aprender. É só porque ali está muita gente é só muito barulho e fico confuso.

E: OK. Queres dizer-me mais alguma coisa?

Ricardo: Não E: Ok.

(Durou 10 minutos)

## **MIGUEL**

E: Miguel, estivemos aqui nesta sala há 2 dias a escolher as tuas 3 fotos lembraste?

Miguel: Sim eu lembro-me.  
E: E quais eram?  
Miguel: A do barco pintado, aquela do... A do mapa de Portugal na parede e... não sei mais.  
E: E agora se vires as fotos consegues dizer-me?  
Miguel: Esta (Asas abertas pintadas e apontou para o pescador e o barco pintado).  
E: Foi isso mesmo. Qual é a que mais gostas?  
(apontou para as asas) E:  
Porquê?  
Miguel: Tem muitas cores.  
E: E isso ajuda – te de alguma forma?  
Miguel: Sim  
E: Em quê  
Miguel: Deixa-me feliz quando estou aqui.  
E: OK. Das três qual é a que tiravas fora, aquela que menos gostas?  
Miguel: A do pescador.  
E: Porquê?  
Miguel: Eu gosto dela, mas prefiro as outras.  
E: OK. De todas as que tiraste, escolhias alguma agora?  
Miguel: Esta do teto com fitas de cores.  
E: Porquê?  
Miguel: Também tem muitas cores.  
E: Então e aos olhares para estas fotos de tudo o que aqui fazemos desde que entres no autocarro até aqui, o que achas que corre bem aqui.  
Miguel: Gosto das atividades.  
E: Gostas de todas as atividades?  
Miguel: De todas.  
E: Mudavas alguma?  
Miguel: Não, acho que está tudo bem.  
E: Obrigada.  
(Durou 2 minutos e 15 segundos).

## **SIMÃO**

E: Estiveste comigo a escolher fotos. Sem ver as fotos todas, lembras-te quais eram?  
(Silêncio de 20 segundos e por fim acenou a cabeça de forma negativa) E.  
Ok então vou te mostrar todas as que tu tiraste. Já te lembras?  
Simão: A que era de lá para fora, à sala de terapia e à sala da criatividade.  
E: Ok tu na verdade não tinhas escolhido a da sala da criatividade, mas sim uma aos matérias terapêuticos.  
Simão: Ah ok.  
E: Consegues-me dizer porque escolheste estas fotos?  
Simão: Não sei. Só gosto.  
E: Olha eu gosto desta porque é uma sala que me deixa calma e tu?  
Simão: Eu gosto porque fui eu que tirei a foto.  
E: Muito bem. Então e qual a que gosta menos.  
Simão: Esta porque eu aqui gostava de ir ao Facebook (apontou para a foto que tem um computador em cima da mesa)  
E: Gostavas que te ensinássemos a mexer no Facebook?

Simão: Sim, eu gostava.  
E: Qual delas é importante para ti?  
Simão: A de lá de fora.  
E: Porquê  
Simão. Porque acho bonito.  
E: Como te faz sentir?  
Simão: Não sei. E: Feliz,  
triste, zangado... Simão:  
Feliz.  
E: Quando vês as fotos achas que podemos mudar alguma coisa aqui dentro.  
Simão: Não, aqui está tudo bem.  
E. Gostavas de mudar alguma destas 3?  
Simão: Não.  
E: Ok. Obrigada.  
(Durou 5 minutos)

## **SARA**

E: Estiveste comigo a escolher fotos. Sem ver as fotos todas, lembras-te quais eram?  
Sara: Não, tenho de ver.  
E: Tudo bem. Então quais são.  
Sara: Esta, esta e esta. (apontou para as suas fotos) E:  
Muito bem. Qual destas fotos gostas mais?  
(Apontou para a parede dos sonhos, pintada por cada participante).  
E: Ok. Então porque gostas desta parede?  
Sara: Porque lá tem uma palavra que eu gosto muito.  
E: É importante para ti?  
Sara: Sim é.  
E: E como te faz sentir este espaço?  
Sara: Faz-me sentir bem. E quando estou na piscina das bolas sinto-me relaxada.  
E: Isso ajuda-te de alguma forma no teu dia-a-dia?  
Sara: Sim, fico mais calma.  
E: Muito bem. E destas três fotos qual é a que gostas menos?  
(Apontou para o peluche gigante) E:  
Porquê?  
Sara: Porque o Benny não dá abraços.  
E: E tu precisas de abraços?  
Sara: Sim, do Benny  
E: Queres dizer mais alguma coisa sobre estas fotos Sara:  
São muito bonitas.  
E: Consegues explicar-me porquê  
Sara: Não  
E: Há alguma coisa nestas fotos aos olhares para elas te lembras de coisas que são importantes para ti trabalhar?  
Sara: (Muito rapidamente) Aqui (Apontando para a parede dos sonhos, onde consta a palavra amor).  
E: Porquê?

Sara: Porque estou a trabalhar com a Psicóloga sobre as relações sexuais e o que é ter namorado

E: Achas isso importante para ti?

Sara: Sim porque eu quero ter um namorado e casar. E:

Consegues me dizer o que achas que devíamos melhorar

Sara: O namoro, nós devíamos poder namorar cá dentro.

E: Se agora pudesses escolher mais uma foto, qual escolhias?

Sara: Esta (Espaço exterior) E:

Porquê?

Sara: Porque está ao ar livre representa ar puro. Eu lá inspiro e relaxo.

E: OK. Mais alguma coisa que queiras acrescentar?

Sara: Não

E: Obrigada.

(Durou 3 minutos e 40 segundos)

## **MOMENTO 6**

E: Então... Já passamos, no nosso projeto, por várias fases. As primeiras perceberam o objetivo do projeto, uma segunda fase onde vocês foram tirando fotos, uma outra fase onde eu vos dizia tirem só 10 fotos, depois dessas 10 fotos vocês tiveram de escolher... quantas?

Tiago: 3!

E: Boa. E dessas 3 fotos, vocês reuniram comigo e explicaram porque escolheram aquelas, qual a que mais gostam e a que menos gostam e porquê, como se sentem ao observá-las, se existe alguma que retiravam e se são importantes de alguma forma. Certo?

Filipe: Sim

E: Para recordar o objetivo é que nós a partir das fotos consigamos ver as coisas que aqui possamos melhorar. Que vocês possam ter voz, que possam dar a vossa opinião e... Anabela: Ter liberdade de expressão.

E: Certíssimo. E que possam ser vocês mesmos a tomar decisões no vosso dia-a-dia. E como estamos a trabalhar para vocês e para os vossos objetivos, por isso faz todo o sentido que sejam vocês a tomarem essas decisões. Poemos falar de coisas que queiram mudar ou de coisas que vocês gostam muito. Compreenderam ou têm dúvidas?

Filipe: Sim, percebemos.

Todos: Sim.

E: Aqui projetadas estão 24 fotos. São as 3 fotos que cada um de vocês escolheu. E que cada um tirou. Agora eu gostava que conversássemos sobre estas fotos, o que acham?

Tiago: Sim

Anabela: Sim

(Os restantes acenaram com a cabeça de forma positiva) E:

E como querem fazer isto?

(silêncio por 10 segundos)

E: Podemos conversar todos juntos, podemos fazer grupos, ou pares, podemos escrever no quadro... pode ser como vocês acharem melhor.

Filipe: Em grupo.

Tiago: Pode ser em 2?

E: Vocês em conjunto podem tomar qualquer decisão, têm é de todos dar a sua opinião e chegar a um acordo.

(Filipe aproximou-se de Sara)

E: Antes disso vamos tomar a decisão. Alguns de vocês ainda não deu a opinião.  
Tiago: Eu já falei com o Luís e vamos fazer os dois.  
E: Ok, mas alguns dos teu colegas ainda não deram a opinião deles.  
(silêncio por 10 segundos)  
E: Então o Filipe, Anabela, Tiago e Luís querem fazer um par é isso?  
FILIPE, Anabela, Tiago e Luís: Sim  
E: Ok então Anabela, o que achas?  
Anabela: Sim E:  
Simão? Simão:  
Pares E: Ricardo?  
(silêncio de 5 segundos, olhando para as mãos)  
Ricardo: Acho que para ficar melhor era melhor todos juntos porque senão ninguém se entende. Tiago: Por mim era só dois Anabela: Pares!  
Filipe: Eu também acho melhor só dois!  
(Silêncio de 5 segundos)  
E: Então Miguel? Ainda não te ouvimos hoje?  
Miguel: Por mim era todos juntos.  
E: Então como ficamos?  
Ricardo: Temos de ter todos a mesma opinião.  
Tiago: Todos juntos.  
Filipe: Todos juntos.  
E: Então já mudaram assim tão rápido de opinião?  
Ricardo: Meu deus.  
Tiago: O que achas Luís? Todos juntos?  
Luís: Por mim pode ser todos juntos.  
Ricardo: E tu Simão? Como queres?  
(Simão não respondeu)  
Anabela: Tu queres que falemos só duas pessoas ou todos juntos?  
Simão: Em dois.  
Filipe: Eu em dois também.  
Anabela: Ui assim não está fácil.  
E: Vocês é que decidem, mas com a mesma opinião.  
Tiago: Por mim e pelo LUÍS é todos juntos.  
E: O Luís, pode ser ele a falar e explicar a sua opinião até porque ainda mal o ouvimos hoje.  
Luís: Eu quero falar com o grupo todo.  
(silêncio de 10 segundos)  
E: Anabela qual é a tua opinião?  
Anabela: Eu por mim, ficava com o grupo todo.  
Filipe: Eu quero só dois.  
E: Uma opinião diferente. E se quem quer falar com o grupo todo desses argumentos e explicasse porque quer o grupo todo e quem quer a pares explicasse porque prefere dessa forma?  
Filipe: Ah eu não sei....  
Anabela: Eu também quero só dois.  
E: Tudo bem, mas têm de conversar entre vocês eu não posso decidir por vocês.  
Tiago: Por mim é todos. Já falei.  
Ricardo: Eu também me mantenho.

(silêncio de 5 segundos)

Anabela: Eu quero em grupo.

E: Olhem Anabela, Tiago, Luís, Miguel e Ricardo querem em grupo e Filipe, Simão e Sara querem a pares. Tentem conversar entre vocês para conseguirem decidir como discutir as fotos.

Anabela: Eu posso falar. A ideia é que nos ajudemos uns aos outros e respeitarmo-nos.

E: E se trabalharmos em grupo isso ajudamo-nos?

Anabela: Sim chama-se a isso trabalho de equipa.

Filipe: Aquilo que a Anabela disse é verdade. A ideia dela é boa.

E: Achas que deve ser em grupo?

Filipe: Sim.

Ricardo: Eu também ia dizer isso.

Anabela: Eu é para ajudar o grupo.

E: Em pares?

Anabela: Sim.

E: Então vocês o que acham disto que acabaram de dizer?

Tiago: Para mim é em grupo.

E: Sim nós sabemos. Mas como ainda existem pessoas com opiniões diferentes é importante explicarmos o porquê.

Tiago: Eu digo o porquê. Eu prefiro falar com todos.

Anabela: Tu gostas de falar com todos? Comunicar?

Tiago: Sim. E tu Simão?

Simão: Em grupo.

(silêncio de 10 segundos)

E: Então Sara neste momento ainda tens a mesma opinião queres explicar mais alguma coisa?

Sara: Eu fico em grupo.

E: Boa. Chegamos a uma conclusão. Então nós temos de falar sobre a nossa rotina durante o dia aqui. Certo?

Todos: Certo.

E: Por onde querem começar? Vendo estas fotos?

Tiago: Pelas escadas.

Anabela: Parede...

Filipe: Parede...

E: Qual delas? Temos de várias?

Anabela: A dos sonhos.

E: Então querem falar foto a foto?

Filipe: Ah não sei.

*(A entrevistadora olhou um a um e todos se mantiveram em silêncio)*

E: Querem ver cada uma das fotos? Querem falar sobre a rotina e ver as fotos que vos lembre algum momento, dos espaços?

Filipe: Foto a Foto

Tiago: As escadas ....

E: Ok eu percebi. Mas vocês querem falar sobre o que fazemos num dia e ir buscar essa foto?

Filipe e Anabela: Sim.

E: Podem querer ir foto a foto e discutir o que vos faz lembrar?

Filipe, Anabela e Tiago: Sim.

E: Só para lembrar o objetivo é vermos o que gostamos e não gostamos e nesse ter uma decisão para apresentarmos à nossa Diretora. Fazer um Portfólio com algumas fotos mostrando as vossas decisões.

Filipe: Eu acho que na cantina podíamos mudar o espaço.

E: OK, boa já estás a ver coisas a melhorar. Mas vamos nos organizar e tomar uma decisão. Pensem como podemos explorar estas fotos?

(Silêncio por 20 segundos)

E: Então sabemos que vamos conversar em grupo, mas temos de saber como vamos organizar as fotos ou como começamos.

Filipe: Eu posso ir buscar o meu telemóvel.

E: Para quê?

Filipe: Para escrevermos as decisões que tomamos.

E: OK, podemos tomar notas do que falamos. Mas acham que no telemóvel toda a gente consegue ver?

Filipe: Sim sim.

Ricardo: Só se for com um projetor.

Anabela: Dá para pormos um telemóvel a projetar.

E: infelizmente neste projetor não dá.

Filipe: Mas eu posso ir buscar o meu telemóvel.

Ricardo: Filipe esquece não dá.

(Silêncio de 20 segundos) E:

Então como fazemos?

Anabela: Eu quero falar da parede dos sonhos. E: Sim e podemos falar de tudo mas temos de nos organizar.

Anabela: E ti LUÍS tens alguma ideia?

Luís: Eu estou aqui para ajudar os meus colegas pelo carinho que lhes tenho. Aqui dentro toda a gente me ajuda.

E: Ok, mas vamos tentar organizar primeiro como vamos conversar sobre o que fazemos aqui.

Luís: Esta bem

E: O que precisamos é que vocês decidam como querem discutir isto. Vocês podem dizer o que gostam de fazer e como fazer nas atividades. Por exemplo na atividade do Sobrevoar nós falamos sobre vários assuntos a partir do teatro, concursos, com os computadores, falamos de diferentes assuntos de várias formas. Por isso nós temos de decidir como vamos fazer isso.

Filipe: Eu posso por o meu telemóvel.

E: Tínhamos falado que isso não dava não foi?

Filipe: Sim (Desanimado).

E: E se pusermos as opções no quadro?

Todos: Sim

E: OK, já tínhamos falado foto a foto. Mais?

Anabela: Discutir em grupo.

E: Sim, isso foi uma decisão que vocês já tomaram. Agora temos de decidir como vamos organizar os assuntos.

(Silêncio de 10 segundos)

E: Miguel eu não te ouvi...

Miguel: Por mim era foto a foto.

Ricardo: Aquela foto que eu tirei de lá de fora não se vê muito bem, devíamos mudar.

E: Eu depois aumento e ponho em grande.

Filipe: Devíamos aumentar a entrada para ter mais autocarros.  
E: Certo, mas isso é uma decisão ou uma opinião para mudarmos. Precisamos é de saber por onde começar.  
Tiago: Vamos falar do jardim?  
E: OK, querem falar por espaços?  
Filipe e Tiago: Sim  
E: Mais ideias temos?  
(Acenaram com a cabeça de forma negativa) E: Então temos ou falar de foto a foto ou por espaços?  
Simão: Por espaços.  
E: Todos concordam?  
Todos: Sim.  
E: Ok então vamos falar quais os espaços que existem. Querem que continue a escrever?  
Todos: Sim  
E: Quem vem escrever?  
Sara: Eu não quero.  
Ricardo: Eu posso ir, mas demoro muito Filipe:  
Eu também.  
Anabela: Escreve tu.  
E: Todos concordam que eu escreva?  
Todos: Sim.  
E: Então qual o espaço que começamos.  
Anabela: Exterior  
E: Pode ser para todos?  
Todos: Sim  
E: Ok então eu vou selecionar todas as fotos que temos do exterior para se ver melhor.  
(começaram a falar entre eles sobre outros temas) E:  
ok, vamos lá então continuar.  
(Continuaram a falar, já se passaram 20 minutos desde que iniciamos.  
E: Querem parar ou fazer uma pausa? Caso já estejam cansados?  
Tiago: Não eu estou bem.  
Ricardo: Bora malta vamos lá.  
E: Então estas são as fotos que temos, são 6 fotos. O que querem falar sobre o exterior.  
Quando quiserem eu escrevo.  
Filipe: Eu acho que devia ter mesas lá fora.  
Tiago: Só algumas  
E: Mas para quê?  
Anabela: Para fazermos jogos e atividades.  
E: Mesmo nos tempos livres?  
Todos: Sim  
E: Irem lá fora quando quiserem, em atividades?  
Tiago: Pedimos para ir lá para fora e temos lá as mesas.  
Filipe: Eu acho que podíamos ir quando quisermos sem pedir.  
Ricardo: Temos de pedir sempre.  
E: Vocês podem dizer tudo aquilo que quiserem para melhorar as coisas que quiserem. Se vocês gostavam de ir lá fora sem pedir, sempre que precisassem não tem mal nenhum em sugerir isso.

Anabela: Então podemos criar regras novas?

E: Sim podemos sugerir e depois conversamos e dizemos o porquê.

Filipe: Eu quero ir até lá fora.

E: Escrevo o quê?

Tiago: **Mais mesas.**

E: E pedir autorização?

Tiago: Sim sempre.

Anabela: Não precisar de pedir.

Anabela: **Podíamos ter uma coluna para andarmos com ela e ouvirmos música sempre que quisermos.**

E: Escrevo?

Todos: Sim.

E: Mais coisas. Falamos sobre pedir permissão para ir lá fora. O que acham disto?

Filipe: Eu acho injusto a porta estar sempre trancada.

E: Então e se tentarmos perceber porque é que as portas estão trancadas?

Luís: Porque não se pode ir sem ordem.

E: Mas se vocês são adultos e têm de pedir autorização.

Tiago: Têm medo que alguém fuja.

Anabela: Neste caso é o Filipe, que pode fugir.

Ricardo: Eu acho que não tem a ver com Filipe, mas sim porque podemos cair. Muitos de nós tem problemas a andar, pouco equilíbrio e se formos lá fora sem ninguém a ver podemos aleijar e ninguém saber.

Tiago: É isso.

Anabela: Podes repetir, por favor, mas mais devagar porque eu não percebi, Ricardo?

Ricardo: Sim, posso.

(repetiu tudo o que tinha explicado) E:

Miguel ainda não te ouvi.

Miguel: Se deixarmos aberta pode alguém vir aqui roubar.

E: Só para lembrar que estamos a falar das portas para o jardim certo?

Todos: Sim

Sara: Eu já caí aqui 2 vezes.

Filipe: Eu também.

E: Então que decisão tomamos sobre isto?

Filipe: Eu acho que a Diretora devia dizer que devíamos por mesas lá fora. Fazer picnic almoçar lá fora.

E: OK, todos concordam? Querem que escreva?

Todos: Sim

E: Mas sempre.

Tiago: Uma vez por semAnabela.

E: No inverno também?

Ricardo: Não, só no Verão.

Anabela: No inverno não.

Anabela: é melhor só no Verão.

E: Ok então posso escrever?

Todos: Sim.

E: Então vou escrever: **Almoçar no jardim, uma vez por semana, no verão.**

E: Em relação às portas ainda não decidimos nada. SIMÃO e tu tens uma opinião sobre isto?

Filipe: Podemos não pedir.

Anabela: Por mim podíamos tornar o jardim, todos juntos, mais confortável.

E: ok, outra sugestão. Mas e as portas?

Ricardo: Podíamos deixar as portas abertas, mas um colaborador estava perto de uma janela e via o que acontecia.

E: Mas como o colaborador sabia que estaríamos lá fora?

(Vários murmúrios) E:

Alguém avisa?

Filipe: Olha sim.

Tiago: Sim é isso, eu prefiro.

E: E acham que todos avisam que vão lá fora? Toda a gente cumpre?

Filipe: Sim

Anabela: Sim

Ricardo: Caso aconteça alguma coisa nós vamos avisar alguém.

E: Simão conseguiste perceber o que falamos?

Simão: Sim, por mim está tudo bem. Pode ficar trancado.

E: Então escrevo alguma coisa sobre isto?

Filipe: Por mim sim.

Tiago: Ficam abertas, mas têm de avisar.

Ricardo: Podes escrever.

E: Concordam?

Todos: Sim

E: Então vou escrever: **“Deixar as portas abertas, mas sempre que alguém for lá fora vai avisar um colaborador!”**.

E: Há mais alguma sugestão sobre o espaço exterior mais alguma opinião?

Todos: Não.

E: Miguel tens alguma opinião? estás mais caladinho?

Miguel: Eu estou a gostar e acho que aquilo que falamos eu concordo.

E: Boa. Alguém quer comentar alguma coisa sobre o exterior?

Todos: Não.

E: Vou pedir para que voltem a olhar para as fotos do exterior e se quiserem podem dizer alguma coisa, se existe alguma foto que gostam ou que seja importante.

Tiago: Para mim esta foto é importante (*Foto tirada do piso superior onde se vê um conjunto de mesas ainda por arrumar de uma festa realizada para a comunidade*) E: Então porquê?

TIAGO: Eu gosto desta foto porque tem as mesas.

E: Ok. E o que tem as mesas?

Tiago: Eu gosto de jogar às cartas lá.

E: Então é alguma decisão?

Tiago: Não, se nós formos mais vezes lá para fora eu posso também jogar às cartas.

E: Muito bem. Querem dizer mais alguma coisa sobre o jardim?

Todos: Não.

E: Querem terminar por hoje ou ver outro espaço?

Todos: Acabar.

## **Momento 7**

E: Boa tarde! Então estamos outra vez aqui para debatermos as fotografias que tiramos. Lembram-se qual foi o espaço que debatemos na semana passada?

Tiago: Não me lembro.

Anabela: Foi sobre o espaço exterior

E: Boa isso mesmo. Então esta semana querem falar sobre qual espaço.

Tiago: Gosto da foto das escadas.

Filipe: Sim pode ser.

E: Então todos concordam?

Filipe: Eu acho que quero aquela foto (foto de quadro da cantina) E:

Então qual é o próximo espaço?

Filipe: Por mim era o polivalente.

E: Ok, vocês concordam? Anabela, Luís, Miguel, Ricardo e Simão ainda não vos ouvi.

Filipe: Eu quero o polivalente.

Tiago: Sim o Polivalente.

*(A Entrevistadora espera propositadamente à espera de alguma resposta ou que todos acordem um espaço)*

*(Demoraram 20 segundos a responder)*

Filipe: Eu gostava de falar sobre o polivalente sim. O que acham?

Todos: Sim

E: Vamos então ver as fotos que temos do polivalente. Temos 2 fotos da parede dos sonhos. Uma foto do Benny., temos duas fotos da parede das asas. A piscina das bolas também tem duas fotos, incluindo aqui a bola de pilates. Temos aqui uma foto, a um momento de pós-almoço, onde vocês estão ali... onde vocês estavam a fazer alguma tarefa, com alguns colaboradores presentes. E mais uma onde se vê o Benny e a parede dos sonhos. Querem que eu abra algo com uma foto específica?

Filipe: Eu gostava de falar onde se vê o Benny e a parede dos sonhos?

E: Pode ser?

Todos: Sim

E: Então ao observarem esta foto o que vos faz lembrar? Ou que gostam e é importante para vocês?

Filipe: Eu não gosto. Tem muitas esponjas. Gostava de por ali uma baliza.

E: OK e os teus colgas o que acham?

Tiago: Sim

Ricardo: Não me parece

Anabela: isso deveria de ser lá fora.

Filipe: (ao dirigir-se para a entrevistadora) Nós devíamos ter uma baliza...

E: Não te esqueças que isso é algo que tens de falar com os teus colegas eu não vou decidir nada. São vocês que decidem.

Filipe: (Dirigindo-se aos colegas) Se nós tivéssemos uma baliza poderíamos jogar sempre que quiséssemos, cá dentro.

Ricardo: Ali uma baliza ia ocupar muito espaço e aquele espaço até poderia ser um espaço para relaxamento.

E: OK, então estás a sugerir que neste espaço seja um espaço para o relaxamento. Vou então colocar aqui as fotos da parede dos sonhos para ser mais fácil perceber. Ok então? Escrevo isso? Filipe: Eu acho que sim e uma baliza E: Todos concordam?

Todos: Sim

E: Miguel Não te ouvi.

Miguel: Eu acho que aí uma baliza não.  
E: Simão E tu o que achas? Colocamos uma baliza?  
Simão: Não, é muito grande.  
E: Temos outra opção?  
Ricardo: Eu acho que poderíamos fazer ali um momento para o relaxamento depois do almoço e para algumas atividades que acontecem ali e têm um relaxamento.  
(Silêncio de 20 segundos)  
E: Então já decidiram algo? Concordam?  
Todos: Sim  
E: Então escrevo?  
Todos: Sim  
E: Ok, então fica:” **Espaço de relaxamento à beira do Benny**”  
Filipe: Devíamos por “puffs”  
Ricardo: E Colchões...  
Anabela: Podemos criar um espaço confortável e organizado.  
E: O que achas que podemos colocar aí?  
Anabela: Podemos colocar os puf que temos aí.  
E: Boa concordam ou querem acrescentar alguma coisa?  
Anabela: Tem de ser confortável.  
E: Simão ainda não deste a tua opinião?  
Simão: Por mim sim, fica um sítio para relaxamento.  
E: E tu Luís tens sugestões de materiais?  
Luís: podemos tirar as esponjas que estão atrás e por puffs e colchões.  
Tiago: Pode ser.  
E: Decidam vocês. (Pausa de 10 segundos) E: Miguel e tu?  
Miguel: Devíamos de tirar as fitas do teto.  
Ricardo: Não se esqueçam que se tirarmos temos de pensar noutra coisa.  
Filipe: Eu tirava.  
Ricardo: E vais pensar noutra coisa para ali, FILIPE?  
Tiago: Eu vou falar para todos devemos tirar? eu acho que não.  
Filipe: eu tiro, porque estamos a jogar à bola e depois estraga.  
E: Anabela e tu?  
Anabela: Eu deixo estar.  
Miguel: Podíamos aproveitar as pinturas que vamos fazer nas Oficinas da Comunicação e escrever no espaço do relaxamento, na parede, a dizer espaço do relaxamento.  
Filipe: Eu concordo  
Tiago: Eu concordo e tu Simão?  
Simão: Sim  
Tiago: e tu Luís?  
Luís: Sim  
Tiago: E Tu Sara?  
Sara: Eu ainda não percebi o que querem fazer?  
Ricardo: Nesta parede, que vês ali na foto colocar uma frase sobre o relaxamento.  
Sara: E se fosse “Bom relaxamento”  
Tiago: Sim

Ricardo: Só relaxamento até poderia ser agora a parte do bom... E... se fosse “Espaço do relaxamento?”

(Pausa de 10 segundos)

Sara: Vocês são muito complicados a sério?

E: É para escrever?

Sara: Sim é para escrever sim. “Bom relaxamento” E:

Todos concordam?

Tiago: Sim

Luís: Sim

E: Então Ricardo?

Ricardo: Eu não sei

E: Podes sempre dar outra sugestão.

Ricardo: Eu estou sem ideias

(Pausa de 20 segundos)

E: O que se faz num relaxamento?

Sara: descansar

Anabela: descontraír

Ricardo: Relaxar

E: Então pensem sobre isso.

Tiago por mim é bom relaxamento. O que achas Miguel?

Miguel: Por mim sim Tiago: E

tu Sara?

Sara: Eu gosto.

E: Então como ficamos? Escrevo alguma coisa?

(Pausa de 30 segundos)

Anabela: Espaço de relaxamento

E: Boa...

Tiago: Eu não mudo

E: Não se esqueçam que temos de chegar a uma decisão em conjunto ok? Alguém vai ter de mudar a sua opinião em algum momento.

Filipe: Eu não mudava nada e gosto da frase da Sara.

Tiago: Só relaxamento

(Pausa de 10 segundos)

Anabela: Por mim está fechado e podes escrever bom relaxamento E:

Tem de ser uma decisão de todos.

Anabela: o que vocês acham?

Tiago: Sim.

Anabela: E tu Miguel?

Miguel: Pode ser

Anabela: E tu Luís? Luís: Sim,

e gosto do sítio Anabela: E tu

Simão?

Simão: Não

(Pausa de 5 segundos)

Tiago: Por mim é tirar papeis.

(Pausa de 15 segundos)

E: Estão a olhar para mim como se estivessem à espera que eu decida, mas como já vos disse eu não vou decidir nada.

Anabela: Simão podes explicar porque não queres a frase bom relaxamento?

Simão: ah...

Sara: Não é na parede azul é na outra.

Simão: Ah sim pode ser... E:

Então escrevo? Tiago: Sim

pode escrever E: e todos

concordaram?

(Silêncio de 20 segundos)

Luís: Podíamos por um sofá?

Filipe: Não

Luís: Por mim tirávamos do outro lado e colocamos para o relaxamento.

Sara: Não

Ricardo: Não precisamos

Sara: Só os pufs e colchões

Anabela: Também acho Filipe:

Também acho.

Tiago: E tu Miguel o que achas?

Miguel: Por mim o sofá fica no mesmo sítio.

Tiago: E tu Simão?

Simão: Eu já tinha dito que era só sofás e puffs

Filipe: Não é preciso o Sofá ali, E

E: Não é a mim que tens de dizer isso, mas sim a quem quer fazê-lo

Filipe: olha Luís nós precisamos do sofá para o acolhimento e ele não dá para o relaxamento.

Põe-se só os colchões e pufs

Rúben: Isso chega

Luís: Pronto, eu concordo com os meus colegas

E: Muito bem. Então ainda nos falta um dilema

Ricardo: A frase...

Anabela: Pode ser Bom Relaxamento...

E: Mas ainda há uma pessoa que não concorda.

Ricardo: Mas essa frase não faz sentido porque já sabemos que é um sitio para o relaxamento

Filipe: eu acho que pomos só uma palavra, como disse a Sara, Ricardo ela fica bem.

(Silêncio de 10 segundos)

Ricardo: Pronto, tudo bem fica essa.

E: Então escrevo?

Todos: Sim

Ricardo: e pintamos quando pintarmos a sala dos computadores.

E: Ok então vou escrever: **"Pintar a parede do Benny com a frase "Bom Relaxamento"** e será pintada ao mesmo tempo que a parede da sala dos computadores.

E: OK, então sobre o polivalente olhando para as restantes fotos, querem falar de mais alguma coisa?

Anabela: E que tal termos um cesto de basquetebol maior?

Filipe: Maior?

Ricardo: Já temos um cá dentro mais 1 lá fora, é preciso mais.

Anabela: Então esquece.

E: OK, mais alguma coisa?

Filipe: Sabes eu penso nos miúdos. E a piscina das bolas parece que magoa. É melhor tirá-la dali.

Sara: Eu já fui lá para dentro e não magoa.

Filipe: Pois eu também fui e realmente não magoa. Deixamos ficar.

E: Então sobre a piscina das bolas? Alguma coisa? Vou por as fotos de lá, em grande.

Anabela: Devíamos tirar a bola grande de lá porque não é o sítio dela devia ser só as bolas pequenas

Tiago: Sim é melhor

Filipe: Sim

E: Todos concordam

Todos: Sim

Anabela: Eu arranjava um espaço para arrumar essas bolas.

E: Então escrevo?

Todos: Sim

E: OK. **“Deixar apenas as bolas pequenas, na piscina das bolas”** E:

Porque é que vocês gostam da piscina das bolas?

Filipe: A mim ajuda-me a relaxar.

(Todos responderam de forma aleatória de que concordam) E:

Ok mais alguma foto que queiram falar?

Filipe: Aquela onde tem colaboradores.

(Todos acenam de forma positiva)

(Pausa de 30 segundos)

E. Ok pensem o que realizamos ali naquele espaço que atividades.

Anabela: Fazemos desporto

Tiago: Jogamos futebol

Filipe: Eu gosto, devíamos por relvados Ricardo:

Relvado sintético?

Miguel: Aqui dentro não.

(Sussurram sobre o tema)

Anabela: A mim incomoda-me quando há discussões no polivalente. E.

OK, então o que podemos fazer.

Anabela: Podemos ajudá-los, para se acalmarem

Ricardo: Isso já temos uma reflexão semanal onde podemos resolver isso

Anabela. Pois é

E: Você gostam dessa atividade?

Todos: Sim

E: Querem que escreva?

Todos: Sim

E: Então vou escrever: **“Gostamos da atividade de Reflexão SemAnabelal para resolver problemas”**

(Silêncio de 20 segundos)

E: Pensem sobre as atividades e como é rotina desde que entram no autocarro e saem do autocarro. Quando passam pelo Polivalente há alguma coisa que não gostem?

Miguel: Quando chegamos de manhã fala toda a gente ao mesmo tempo os colaboradores e tudo e é muito barulhos. Ricardo: Concordo

Todos: Sim, é verdade

E: Então posso escrever

Todos: Sim

E: Esta sugestão é também para o fecho do Dia?

Todos: Sim

E. Então vou escrever: **“Momento de acolhimento e de Fecho do Dia, deve ser feita silencio e ouvir quem está a falar”**.

E: Ok, então vamos ver outras coisas que acontecem na nossa rotina que passem pelo polivalente. Temos os horários do lanche e o pós-almoço, onde podem fazer o que quiserem...

Ricardo: Pois isso... E: Sim podes falar.

Ricardo: Não é nada... E:

Podes partilhar....

Ricardo: Estava confuso....

E: Tudo bem. Ainda temos a parede das asas. Querem falar alguma coisa sobre isso?

Tiago: Eu gosto muito...

Anabela: São bonitas...

(Em simultâneo disseram que gostam) E:

Escrevo?

Sara: Não é preciso

E: Ok, tudo bem... mais alguma coisa?

Todos: Não

E: Querem passar para outro espaço ou continuamos na próxima sessão

Ricardo: Eu estou cansado Sara:

Sim depois continuamos.

E: Mais alguém.

(Todos concordaram ao acenar com a cabeça que sim ou a responder verbalmente)

## **Momento 8**

E: Boa tarde a todos. Cá estamos para mais um momento. Alguém se recorda da área que falamos na semana passada?

Sara: Sim do polivalente.

E: Boa. Então hoje poderemos abordar outras áreas. Aqui estão todas as fotos que já tiraram... quais das áreas querem falar hoje?

Filipe: Aquela foto das escadas...

E: Querem falar sobre os corredores?

Todos. Sim

E: Então temos aqui uma foto das escadas de acesso ao piso superior. Uma foto de uma parede do corredor com um pescador e outra com um navio. Vamos todos observar os elementos destas fotos e perceber o que poderemos conversar sobre estas fotos.

Tiago: Abre a foto do navio...

Miguel: Sim

Filipe: Sim

E: Então gostam desta foto?

Filipe: Eu gosto

Tiago: Eu gosto.

Anabela: Eu gosto.

Tiago: E tu Luís? Gostas?

Luís: Sim eu gosto.

E: Mas porque é que gostam?  
Filipe: Eu gosto porque eu gosto de ver navios.  
Anabela: Eu também gosto. Porque é que nós não fazemos mais desenhos na parede?  
(silêncio de 20 segundos)  
E: Ok, o que acham  
Filipe: Olha sim, parece-me. Gostava de fazer um desenho noutra parede.  
Sara: Sim podemos fazer lá m cima.  
Ricardo: E dentro das salas.  
E: E como poderemos fazer isso?  
Tiago: Eu gosto dessa ideia.  
Anabela: Temos de criar uma atividade.  
Luís: Eu gostava de pintar nas paredes os desenhos que eu costumo fazer.  
Anabela: Podemos ter uma atividade para pintar ou até ter uma formação. Podemos propor isso à Diretora. O que acham?  
(Pausa de 10 segundos) Anabela:  
Concordam?  
Filipe: Sim  
Sara: Sim  
Tiago: Eu não.  
Anabela: Porquê?  
Tiago: Eu não sei.  
E: Tem de haver um motivo para não concordar.  
Tiago: Eu concordo Anabela: E tu Miguel?  
Miguel: Sim pode ser.  
Anabela: E tu Luís?  
Luís: Sim.  
Anabela: E tu Simão?  
Simão: Sim  
Anabela: E tu Ricardo e Sara?  
Ricardo: Sim  
Sara: Sim  
Anabela: E tu, Filipe? Só faltas tu.  
Filipe: Sim eu acho bem Anabela:  
Está fechado.  
E: Posso escrever?  
Anabela: Sim  
E: Mas é para colocar já em que atividade querem fazer isto?  
Tiago: Depois Filipe:  
Sim.  
E: Então escrevo: **“Realizar uma atividade para pintar as paredes do espaço.”** É isto?  
Todos: Sim  
E: Podemos passar para as restantes fotos?  
Todos: Sim  
E: Então qual coloco? Escadas ou pescador?  
Tiago: Pescador  
Filipe: Escadas

Sara: Escadas

Ricardo: Escadas

(Simão move a cabeça de forma positiva) E:

Pode ser as escadas?

Todos: Sim

Filipe: Eu acho que as escadas estão muito sujas.

Tiago: Também acho. E tu Luís o que acham?

Luís: Para mim as escadas estão bem. E gosto mais desde que puseram a plataforma.

E: E sobre a sujidade o que acham?

Filipe: Eu acho que está sujo.

Anabela: Eu também concordo.

Tiago: Sim concordo.

Luís: Eu também acho. Podia ser alguma colega que limpe de manhã e à tarde antes de ir embora.

E: Então como resolvemos este problema?

Anabela: Podíamos dizer à Auxiliar para usar lixívia.

Miguel: Ela podia usar mais líquido.

Filipe: Sim pode ser.

E: Ricardo mal te ouvi ainda.

Filipe: Deviam ser limpas mais vezes.

(silêncio de 20 segundos)

Filipe: Por exemplo a tua sala está sempre suja.

E: Então vocês acham que para além das escadas há mais coisas sujas.

Filipe: A sala da Psicóloga e da Terapeuta Ocupacional estão também sujas.

(silêncio de 20 segundos) E: E

tu Sara?

Sara: Eu acho que está limpo Anabela: Eu

acho que está sujo.

E: Consegues dar um exemplo?

Anabela: Às vezes vejo tinta que cai no chão. É um desperdício.

Filipe: Eu ando por aí e está tudo sujo.

E: Têm alguma solução para isso?

Anabela: Limpar mais vezes e desinfetar

E: Então é uma possível solução a apresentar à Diretora?

Anabela: sim.

E: Então e tu Ricardo? Gostava de ouvir a tua opinião?

Ricardo: É um bocado injusto, a Auxiliar já se esforça tanto.

E: Tens alguma sugestão para os teus colegas?

(movimentou a cabeça de forma negativa)

E: Simão ainda não te ouvi. Achas que as coisas estão sujas?

Simão: Sim eu as vezes vejo o chão muito sujo.

E: Como podemos resolver isso?

(encolheu os ombros)

E: OK. Luís o que achas?

Luís: Eu acho que aqui está tudo limpo. A Auxiliar de manhã cedo limpa tudo E:

Ok. E tu Miguel?

Miguel: Eu acho é que lá fora está tudo sujo.

Tiago: Sim pois é.  
E: Então todos concordam que está sujo e é preciso resolver este problema?  
Todos: Sim E:  
Como?  
Tiago: Nós podemos limpar...  
E: Então são vocês que vão fazer limpezas?  
Ricardo: Sim  
Tiago: Sim  
E: Quando?  
Filipe: Eu quando tiver sessões não posso.  
Tiago: Quando estivermos no Polivalente?  
Filipe: Sim, a seguir ao almoço.  
Anabela: Eu tenho de dormir.  
Sara: Eu também tenho de descansar  
Tiago: Eu não, eu posso limpar Filipe: Eu também posso fazer isso.  
E: Todos concordam?  
(olharam para os colegas que ainda não responderam)  
E: Luís? Luís: Eu vou dormir E: Simão?  
Simão: Eu vou sempre dormir E:  
Ricardo?  
(silêncio de 10 segundos)  
Filipe: Eu não... Não quero  
(Silêncio 20 segundos)  
Ricardo: Eu não sei...  
Tiago: Eu não me importo mesmo de limpar. E tu Luís?  
Luís: Eu não me importo de limpar. Eu na segunda vou limpar as salas.  
E: Tens de falar com os teu colegas Luís, é uma decisão vossa.  
Luís: Eu e o Tiago a partir de segunda limpo as salas.  
Tiago: E tu Anabela? Concordas?  
Anabela: Com o quê?  
Tiago: Eu e o Luís vamos limpar.  
Anabela: Sim concordo.  
Tiago: E tu Sara?  
Sara: Sim  
Tiago: E tu Ricardo? Ricardo:  
Eu não sei... Tiago: E tu Filipe?  
Filipe: Eu não quero limpar. Vocês os dois pode ser.  
Tiago: E tu Miguel?  
Miguel: Por mim pode ser vocês os dois Tiago: E,  
já está.  
E: Concordaram todos?  
Tiago: Falta o Ricardo e o Simão.  
(Pausa de 25 segundos)  
Tiago: Eu estou à espera.  
(silêncio de 35 segundos) Tiago: é  
melhor fazer um sorteio.

E: Isso são vocês que têm de decidir.

Tiago: Então Ricardo? Sim ou Não?

(silêncio de 1m10segundos)

Anabela: O Simão também conta.

(silêncio de 1minuto e 10 segundos) E:

Posso ajudar.

Tiago: Sim

E: Então e se vocês conversassem e dissessem o que vocês concordam ou não e porquê. Por exemplo o Ricardo pode explicar porque está com dúvidas em relação ao Tiago e ao Luís realizarem a limpeza.

(silêncio de 10 segundos)

Ricardo: Eu acho bem sermos nós a fazer a fazer a limpeza. Mas eu acho que a Auxiliar já limpa tudo.

E: OK. Então achas ou não que as coisas estão sujas?

(silêncio de 20 segundos) Anabela:

Nós podemos limpar.

E: Todos?

Anabela: Sim.

E: Mas vocês, ainda há pouco, concordaram que seria o Luís e o Miguel a limpar após o almoço.

Anabela: Sim, Sim. O Luís e o Tiago. E tu Miguel concordas?

Miguel: Sim

Anabela: E Tu Tiago e o Luís?

Tiago e Luís: Sim

Anabela: E tu Simão?

(silêncio de 10 segundos)

Simão: sim

Anabela: E tu Sara?

Sara: Sim

Anabela: Eu também concordo.

Ricardo: Pronto ok.

Anabela: Malta é para escrever?

Todos: Sim

E: Ok, então vou escrever: **“Após o almoço o Luís e o Tiago vão limpar os espaços que possam estar mais sujos”**.

E: Então passamos para outras fotos?

Todos Sim

E: Cantina ou Piso Superior?

Filipe: Salas de lá de cima E:

Pode ser?

Todos: Sim

E: Temos aqui então 3 fotos da sala onde eu dinamizo as sessões. Mas podemos falar sobre o que acontece nestas salas. Digam-me o que gostam nestas salas?

Filipe: Eu gosto de ter sessões individuais.

E: Simão, foste tu que tiraste estas fotos, porquê?

(silêncios de 30 segundos) Simão: Eu gosto.

Luís: Eu gostava de ir para a tua sala. Para eu aprender coisas como quando eu vou com a Psicóloga.

Filipe: É como eu quando vou lá para cima vou aprender coisas. Aprendo a ler e escrever.

Anabela: Eu também quero aprender mais.

E: Aprender o quê?

Anabela: Não sei aprender coisas novas e ser uma pessoa melhor.

E: E tu Ricardo?

(silêncio de 20 segundos)

E: Tu estás bem? Hoje não parece bem?

Ricardo: Sim estou.

E: Quere partilhar a tua opinião?

Ricardo: Sim

E: Diz-me então tu gostas de ir lá para cima?

(silêncio de 20 segundos)

E: OK já percebi que não estas bem. Queres sair um bocadinho?

Ricardo: Sim

E: Então Sara, tu gostas de ir lá para cima?

Sara: Sim eu gosto

E: Porquê?

Sara: Faço coisas divertidas.

E: E tu Anabela?

Anabela: Eu gosto de ir lá para cima porque estou à vontade para falar de certas situações. Situações privadas e evoluir. Faço coisas novas.

E: O que é isso evoluir?

Anabela: É fazer mais coisas é crescer e aprender.

E: E há alguma coisa que gostava de aprender?

Anabela: Coisas novas que me façam crescer E:

OK e tu Simão gostas de ir lá para cima?

Simão: Sim eu gosto E:

Porquê?

Simão: Porque aprendo

E: O que gostas de aprender?

Simão: Sobre o trabalho E:

Luís?

Luís: Sim eu gosto de conversar com a Psicóloga e os trabalhos que ela me dá para fazer.

E: Boa, e tu Tiago?

Tiago: Eu gosto de aprender a ler. E quero saber ler jornais.

E: Isso já está a acontecer?

Tiago: Sim eu já estou a aprender.

E: E tu Miguel?

Miguel: Sim eu gosto estive com a Psicóloga e gostava de aprender a escrever?

E: Ok, mais alguma coisa?

Todos: Não

E: Eu vou ver o Ricardo, para ver como está.

(silêncio de 1 minuto onde falaram sobre outras coisas que têm para fazer)

E: Então Ricardo estávamos a falar sobre o espaço das salas das sessões individuais e por isso gostávamos de saber o que é importante para ti lá em cima esse tu gostas de ir lá para cima.

Ricardo: Eu gosto de ter sessões individuais e de estar um pouco mais sossegado e calmo. Quando vou lá para e fico melhor.

E: Muito bem. Há alguma coisa que gostassem de alterar ou está tudo bem?

Tiago: Está tudo bem.

Anabela: Eu sinto-me confortável lá.

Filipe: Sim eu também.

E: Então querem manter as sessões ou acham que podem diminuir?

Todos: Não.

Filipe: Eu quero ter mais.

Tiago: Eu também

Ricardo: Eu gostava de ter mais vezes Psicologia.

E: Então queres estar com a Psicóloga 2 vezes por semana?

Ricardo: Não tem de ser sempre.

E: Então tu queres me dizer ter sempre 2 vezes por semana psicologia ou só quando precisas?

Ricardo: Exato, quando preciso.

E: Então quer dizer que quando precisas de falar com ela não consegues? Não está disponível?

Ricardo: Exato

E: O que vocês acham disto?

Filipe: Sim é verdade.

Anabela: Sim eu também acho.

Ricardo: É que as vezes eu preciso de falar com alguém e estão ocupados e depois esquecem-se. Por exemplo, uma vez eu falei com a Psicóloga que precisava de falar com ela e disse-me que estava ocupada, mas que já ia falar comigo e depois esqueceu-se de mim.

E: Então querem dizer-me que é algo que vos incomoda.

Filipe: Eu também queria estar mais vezes com a Educadora Social.

E: Ok, então o Filipe quer estar mais vezes com a Lígia e o Ricardo quer que os Técnicos não se esqueçam dele quando pedir para conversar com eles. É isto?

Sara: Eu tenho a mesma opinião que o Ricardo.

Tiago: Nunca aconteceu comigo... não se esquecem, mas demoram muito.

Filipe: Às vezes quero falar com a Educadora Social e ela não está não pode...

E: Isso incomoda-te?

Filipe: Sim, muito.

Sara: Também já aconteceu. Eu pedi a opinião da Psicóloga ela disse que ia pensar e nunca mais me disse nada.

E: E tu Miguel?

Miguel: Comigo nunca me aconteceu

Anabela: Já me aconteceu a mim. E é "chato"... E sei que às vezes não podem falar.

E: E tu Luís?

Luís: Quando preciso respondem.

E: Boa, então e tu Miguel?

Miguel: Já me aconteceu.

Filipe: Eu acho que isto acontece a toda a gente e por isso os colaboradores deviam ter mais tempo.

E: Ok, mas como lhes vamos dar mais tempo?

Filipe: Dizer a eles que têm de falar conosco.

E: E se estiverem ocupados?

Filipe: Não sei...

E: Este é um problema para vocês, mas temos de ter uma solução. E o que vamos colocar no nosso portfólio.

Sara: Devíamos por uma foto do colaborador?

E: Como assim?

Sara: Dizer que aquele colaborador devia de nos dar mais atenção.

E: Querem que escreva isso?

Sara: Podes escrever que os colaboradores têm de ter mais atenção quando precisamos de falar com eles.

E: OK, é para escrever?

Anabela: não é preciso

Todos: Não

E: Sobre as salas mais alguma coisa?

Todos: Não

E: Vocês falaram sobre as sessões individuais?

Anabela: Podemos escrever que gostamos das sessões?

E: Sim claro. Concordam?

Todos: Sim

E: Então vou escrever: **“Gostamos das sessões individuais”**.

E: Olhando para as fotos há alguma coisa a acrescentar?

Filipe e Tiago: Não.

Restantes: Não

E: Querem passar para o outro espaço ou terminamos?

Tiago: por mim terminamos.

E: Vê se os teus colegas concordam?

Tiago: Podemos parar e depois continuamos? Para a semana?

Todos: Sim

E: Ok, então para a próxima semana falamos sobre as fotografias de mais um espaço.

## **Momento 9**

E: Boa tarde a todos. Então na semana passada terminámos mais um espaço e agora só falta falar sobre um. Lembram-se qual?

Miguel: A cantina

E: Então eu vou selecionar as fotografias da cantina. Temos uma foto do espaço com as mesas, uma da boneca pintada na parede e outra do quadro à beira dos lixos.

Filipe: sobre a cantina eu não gosto da comida. É sempre a mesma coisa... eu acho que podíamos mudar um bocadinho... eu falei com o Miguel e ele também disse que não gosta, não é?

Miguel: Sim, é sempre a mesma coisa.

E: Mas estão a falar dos lanches e do almoço.

Filipe: Eu não gosto quando é aquela papa, tipo cerelac.

Miguel: Eu isso até gosto, não gosto é daquela fruta em papa, isso é que não gosto.

Anabela: eu gostava que fosse mais vezes cerelac Filipe:

Podia ser pão com chouriço.

Ricardo: Pão com chouriço? Isso faz mal

Anabela: Podia ser um panac com chocolate

Filipe: Pois podia ser

Miguel: Eu só quero mudar aquele dia em que é aquela papa de fruta... Tiago:  
Eu também não gosto disso.  
Luís. Eu gosto de tudo  
E: Mas pelo que sei, quando for algo que vocês não gostem de vocês têm uma opção certo?  
Tiago: Sim eu comi gelatina e bolachas E:  
Ok, o que vocês acham disso?  
Filipe: Eu não gosto daquele batido de fruta.  
Miguel: Sim, mas Filipe podes comer gelatina e bolachas.  
E: Concordam com esta opção?  
Anabela: Podíamos variar o lanche. Podíamos comer de manhã umas bolachas ou um croissant. E: Já percebi. Eu vou só recordar que as vossas refeições são planeadas por uma Nutricionista para que seja saudável. Por isso quando pensarem em refeições alternativas tem de ser saudável.  
Anabela achas que um croissant é saudável?  
Anabela: Se for um pequeno, também não é, pois não?  
E: Não  
Miguel: Mas nós podíamos escolher...  
Filipe: Eu quando vou ao shopping posso pedir o que quiser e aqui também podia ser assim...  
Anabela: Podia ser uma salada de fruta...  
Filipe: eu estava a dizer que quando vou ao shopping posso escolher o que como e aqui podia ser igual.  
Anabela: Sim  
Filipe: E Tu Sara?  
Sara: Eu concordo  
Filipe: E tu Ricardo?  
Ricardo: Se formos a ver os lanches já variam muito... são sempre diferentes...  
Anabela: Para mim não é diferente... estou cansada de comer sempre o mesmo.  
Tiago: Concordo  
Miguel: Podia ser pão com queijo ou pão com manteiga.  
Filipe: Sim é essa a minha ideia.  
(Silêncio por 20 segundos)  
Filipe: então Tiago tu concordas com isto?  
Tiago: Eu não percebi...  
Filipe: Tal como eu vou ao shopping e peço o que me apetece eu gostava de aqui também pedir o que quero...  
Tiago: Não percebi.  
Filipe: E, podes ajudar-me a explicar...~  
E: Então tal como as vezes vais a um café e pedes o que quiseres para beber ou comer, O Filipe, está a sugerir que façamos o mesmo aqui...  
Tiago: Isso já me aconteceu aqui ontem... Eu pedi à Auxiliar uma gelatina e uma bolacha e ela deu-me.  
Filipe: Mas esta é a minha opinião. Luís o que achas?  
Luís: Eu gosto da fruta. Vocês querem mudar, mas eu gosto da comida daqui. Tu às vezes não gostas, mas podes pedir outra coisa porque não gostas. Mas eu gosto muito e para mim está tudo bem...  
Filipe. E tu Simão?  
Simão: Para mim está bem assim, eu gosto.

Anabela: Podia ser mais vezes cerelac, E...

E: Eu agora não me meto, vocês têm de chegar a um acordo eu só escrevo as decisões que vocês me pedirem.

Filipe: E tu Ricardo o que achas?

Ricardo: Eu não concordo, porque tudo o que queres engorda.

Filipe: Mas não vai mudar tanto.

Ricardo: Mas nós já podemos pedir outra coisa quando não gostamos. Vamos à Auxiliar e dá outra coisa.

Anabela: Por mim varia.

Tiago: Isso já acontece.

Ricardo: Nós podemos pedir outra coisa.

E: Sara ainda não te ouvi.

Sara: Por mim variávamos mais o lanche.

E: OK mas como fazemos isso?

Anabela: Podíamos te ruma coisas novas...

Filipe: Podíamos por mais iogurtes...

Ricardo: Isso já acontece, quando é pão com queijo, por exemplo.

(Silencio de 40 segundos)

Tiago: Por mim está tudo bem assim.

Anabela: E se pedíssemos ao Sr. Adão para fazer isso?

Filipe: Por mim pode ser.... Acho que podíamos falar com ele.

(silêncio de 2 minutos, sendo que houve pequenos sussurros de 2 participantes sobre as suas sapatilhas)

Anabela: Podíamos perguntar ao Sr. Adão se pode mudar os lanches?

Filipe. Pode ser.

Anabela: Concordas Tiago? Tiago:

Sim

Anabela: Concordas Filipe?

Filipe: Sim

Anabela: Concordas Sara?

Sara: Sim

Anabela: Concordas Ricardo?

Ricardo: (Não respondeu)

(Apos 20 segundos de silêncio)

Anabela: Então concordas ou não

*O Ricardo mexeu a cabeça de forma negativa* Anabela:

Então não concordas?

Ricardo: Eu não vou mexer em nada.

(Pausa de 10 segundos)

Ricardo: Gente, o lanche já varia o almoço também, o que querem mais?

Anabela: Simão, tu concordas ou não?

Simão: Concordo

Anabela: E tu Luís?

Luís: Não está bem assi

Anabela: Tiago tu concordas não é?

Tiago: Eu já disse que sim

Miguel: Por mim podia ser mais iogurtes e pão com queijo Anabela:  
Mas então concordas ou não?  
Miguel: Sim  
Anabela: ok . Só dois não concordam.  
E: ok. Têm de estar todos a concordar.  
Anabela: Cátia podes ajudar?  
E: Anabela, são vocês que têm de decidir, eu nem lanche e almoço as refeições daqui.  
Tiago: Eu já disse por mim eu mudava  
Filipe: Sim eu também  
E: Ok, então como querem fazer? Querem uma ementa diferente ou terem mais opções?  
Anabela: Sim uma ementa nova  
Filipe: Sim era isso  
Tiago: Por mim era novo.  
E: Ainda não ouvi muitos de vocês Simão, Sara, Luís... Anabela:  
Simão porque não gostas?  
Ricardo: Mas porque é que vamos mexer nos lanches?  
Luís: Nós devíamos deixar assim o lanche. O que me dão eu como e gosto.  
Ricardo: A sério. Se vocês podem ir lá e pedir outra coisa porque é que vamos estar a mudar?  
Tiago: Então Ricardo, Sara... como vamos fazer?  
Filipe: Eu já disse que concordo.  
Anabela: Sim concordo muito  
Ricardo: Não vale a pena  
Anabela: Eu vou dizer uma coisa. Nós, há semanas que ao almoço comemos três vezes maçã.  
Podem variar um bocadinho.  
Ricardo: Chegas lá e pedes outra peça.  
Sara: Eu também já fui lá e pedi outra fruta e a Auxiliar deu-me outra.  
(Pausa de 20 segundos)  
Filipe: eu já não sei...  
E: Então já chegaram a alguma conclusão?  
Filipe: Olha por mim fica assim...  
Sara: Fica a ementa assim...  
(20 segundos)  
Anabela: Para mim isto não dá assim  
(Começam a falar sobre o que jantaram e lancharam em casa)  
E: Estão a desfocar, vamos ver qual a solução para este problema de alguns?  
Anabela: Eu quero variar...  
Miguel: Eu gostava de outra coisa.  
Anabela: Tiago Concordas?  
Tiago: Sim  
Anabela: E tu Luís?  
Luís: Eu não quero mudar.  
E: Olhem todos vocês deram uma opinião, mas têm de conversar entre todos para que consigam uma decisão em grupo. Se calhar algumas pessoas vão ter de ceder. Alguns de vocês concordam outros não, mas no fim no portfólio tem de ter todos a mesma decisão.  
Anabela: Ajuda-nos por favor?  
E: Como é que eu posso ajudar?  
Anabela: Ajudar um bocadinho....

E: Então eu vou voltar a explicar: Alguns de vocês disseram que acham que as refeições repetem muito e que gostavam de ter uma ementa diferente e com mais variedade. Outros de vocês disseram que estava bem assim e não querem mudar. Como podemos fazer?

Anabela: Podíamos construir uma ementa e mostrar ao senhor da empresa que trás a comida...

Tiago: Sim

Filipe: Sim

Ricardo: Eu estou fora

Luís: Eu por mim fico como está

Sara: Por mim não mudava nada

Filipe: Por mim podíamos mandar a ementa nova para empresa.

E: OK, vou só dizer uma coisa. Como são vocês a fazer a lista, que terá de ser construída por todos, não quer dizer que não possam colocar os lanches que gostam. Por exemplo o Luís gosta do batido de fruta pode continuar a ter lá se todos concordarem.

Filipe: Eu gosto dessa ideia.

Anabela: Eu quero variar.

Sara: Eu não quero mudar nada.

E: Têm de falar entre vocês... eu não vou decidir nada...

Filipe: Podemos mudar para ter algo diferente. É sempre a mesma coisa

Sara: Eu não mudo, eu não quero Filipe: Ó

Miguel e tu?

Miguel: eu já disse que mudava

Anabela: Podíamos falar com a Auxiliar e ela tinha muitas coisas e nós todos os dias íamos lá e escolhíamos.

Tiago: É pode ser, e tu Simão?

Simão: por mim sim

Anabela: E tu Filipe?

Filipe: Eu estou confuso

E: quem não quer mudar não está a dar argumentos, isto é um problema para alguns de vocês são vossos colegas e não estão a sentir-se bem por isso têm de dar então uma solução para este problema.

Anabela: Vocês não querem ir à beira da Auxiliar e pedir o que quiserem?

(silêncio de 20 segundos)

E: Já vi que hoje não está a correr bem... querem continuar?

Tiago: Por mim parávamos um bocadinho... E:

Querem continuar para a semana?

Todos: Sim

## **Momento 10**

E: Na semana passada tivemos aqui um dilema recordam-se?

Anabela: Sobre variar os lanches.

Tiago: o que eu comi agora estava bem Anabela:

Podia ser assim.... Uma peça de fruta E: Como querem fazer?

Tiago: Então Ricardo, está bem assim?

Ricardo: Sim

Tiago: E tu Luís?

Luís: Sim  
Tiago: E tu Miguel?  
Miguel: Sim.  
Tiago: E tu Sara?  
Sara: Por mim está bem assim.  
Tiago: E tu Anabela?  
Anabela: eu não gosto assim  
Tiago: E tu Filipe? Filipe:  
Não mudava Tiago: E tu  
Simão?  
Simão: Por mim está bem...  
Tiago: E. já está! Vai ficar assim.  
E: Mas eu ouvi ainda uma pessoa que não concorda... Tiago:  
Quem?  
E: A Anabela...  
Tiago: Tu queres mudar a ementa?  
Anabela: (num tom mais baixo) Eu mudava... por mim sim... eu gostava... Filipe tu queres  
mudar?  
Filipe: eu gostava de mudar sim....  
E: Mas ainda há pouco tu disseste que estava tudo bem por ti?  
Filipe: Eu estou confuso...  
E. Se em algum momento vocês acharem que isto é um problema, mas não têm uma solução  
podemos colocar no portfólio, mas sem uma decisão.  
Tiago: Luís, o que achas...  
Luís: Eu gosto da comida daqui..., mas podemos falar com a Diretora... E:  
Então... aponto?  
Tiago: Por mim é para esquecer este assunto. O que achas Luís?  
(acenou de forma positiva com a cabeça) Tiago: E  
tu Sara?  
Sara: Eu esqueço  
Tiago. E tu Anabela?  
Anabela: Eu esqueço este assunto, fica assim.  
Tiago: E tu Filipe?  
Filipe: Fica como está.  
Tiago: Simão?  
Simão: Para mim está bem assim.  
Tiago: Miguel e Ricardo?  
Miguel e Ricardo: Está bem assim.  
Tiago: E está decidido é para esquecer este assunto... E:  
Vai para o portfólio este problema?  
Todos: não  
Tiago: É para esquecer  
E: Ok então vamos passar à frente...  
Anabela: Eu por mim variava...  
E: Mas tu tinhas dito que deixavas ficar...  
Anabela: Pronto deixa lá...  
E: Querem apontar isto no portfólio como um problema?

Anabela: Era...

Tiago: não é preciso, está tudo bem...

E: Sim mas a Anabela diz que para ela as coisas não estão bem... isso é um problema. É uma colega que não se sente bem num dos momentos cá dentro...

Filipe: Mas eu não mudava nada... Anabela é melhor esquecer

Tiago: Sim para esquecer Anabela:

Pronto vamos esquecer E: Então vamos passar à frente?

Todos: Sim.

E: Ok aqui continuam as nossas fotos da cantina que são três. Alguém quer dizer alguma coisa em relação a elas?

(responderam que não ou acenaram de forma negativa com a cabeça)

E: Então Ricardo esta imagem, aqui aparece uma foto das mesas colocadas para o lanche. Porque é que tiraste esta foto?

(silêncio de 40 segundos)

(outra participante sussurra sobre outro assunto)

E: Tiago tu também tens aqui 2 fotos tiradas por ti... se quiseres podes dizer alguma coisa...

Porque tiraste estas fotos?

Tiago: Fui eu que tirei?

E: Sim, tu tiraste esta da boneca pintada na parede. Porque tiraste esta foto?

Tiago: Tirei esta foto porque gosto da boneca, faz-me lembrar o rancho e eu gosto do rancho.

E: Muito bem e a outra foto do quadro.

Tiago: Eu também gosto desse quadro acho-o bonito

E: Ok, mas ali vesse a porta da arrecadação e os caixotes do lixo... Tiago:

Eu tirava isso... eu gosto é do quadro.

E: Mas colocamos noutra sítio?

Tiago: Não, eu queria a foto só com a parte do quadro o resto está bem.

E: Ok, então não são um problema?

Tiago: Não

E. OK, então em relação à cantina e ao observarem as fotos mais alguma coisa?

Sara: Eu acho que devíamos mudar as mesas. Todas ao comprido?

Ricardo: Como estava no OTL? Sara:

Não só uma ao comprido Filipe: Não estou a perceber.

Ricardo: Nem eu

E: E se fizéssemos um desenho Sara?

(Esta levantou-se de imediato e desenhou uma fila de mesas) Filipe:

Eu gosto parece uma mesa de jantar.

Tiago: Sim

Sara: Até foi o Luís que falou sobre isso.

Luís: Pois foi.

Anabela: Eu por mim deixava ficar como estão.

Luís: Por mim ficava três fila. Assim as cadeiras de rodas ficam na ponta.

Anabela: Miguel tu concordas assim?

Miguel: Sim

Anabela: E tu Tiago?

Tiago: sim

Filipe: Parece quando vamos jantar fora Anabela:  
Tu concordas Luís?  
Luís: Por mim ficam 3 ao comprido...  
E: Mas a sugestão não foi essa. Mas sim só uma fila.  
Luís: Mas assim não chega para todos.  
Ricardo. E quem tem cadeira de rodas? Sara:  
Pomos uma daquelas mesas adaptadas...  
Ricardo: Mas não temos que chegue.  
Sara: Pomos 2 nas pontas. Depois mais duas adaptadas porque as cadeiras são altas e dá para ficar mais um no meio.  
Luís: Mas se pusermos 3 filas cabem melhor...  
Sara: Mas com as mesas ao comprido dá na mesma.  
(Pausa de 10 segundos)  
E: Ainda há muita gente que não deu a sua opinião. Miguel.  
Eu acho que até ficava bem e cabiam todos.  
(25 segundos)  
Luís: Ficava as três ao comprido e as cadeiras de rodas nas pontas.  
E: Posso dar uma opinião?  
Tiago: Sim  
Todos: Sim  
E: Porque é que vocês estão a escolher os sítios dos vossos colegas?  
Ricardo: Eles podem se sentar onde quiserem...  
Anabela: Eu quando vou comer eu vejo onde me posso sentar...  
(Começa a chorar e por isso foi realizado um intervalo de 10 minutos) E:  
Retomando a nossa conversa o que estávamos a falar?  
Sara: Eu sugeri colocar as mesas ao comprido. Concordam?  
Luís: Eu não sei...  
Ricardo: Por mim está tudo bem.  
Sara: Anabela o que achas?  
Anabela: Por mim pode ser.  
Sara: Filipe pode ser?  
Filipe. Sim.  
Sara: Simão, Miguel, Luís e Tiago?  
Tiago: Por mim sim.  
Miguel: Sim  
(Simão moveu a cabeça de forma positiva) Luís:  
Se os meus colegas concordo.  
E: Então?  
Sara: E: podes escrever.  
E: E todos concordam Sara?  
Sara: Concordam?  
Todos: Sim  
Sara: Podes escrever que as mesas focam ao comprido.  
E: **“Na Cantina as mesas ficam ao comprido”**. Ok vendo as restantes fotos mais alguma coisa que queiram falar e que achem importantes?  
(ou movimentaram a cabeça de forma negativa ou responderam que não)  
E: Então e agora.

Ricardo: terminámos?

E: Vocês é que sabem.

Tiago: Sim podemos terminar estou cansado.

Filipe: É eu também.

Anabela: Sim podemos.

(Os restantes movimentaram a cabeça de forma positiva)

E: Então só voltamos a reunir para construir o portfólio.

### **MOMENTO 11**

E: Muito bem. Já analisamos todas as fotos, certo?

Todos: Sim

E: Então agora temos de construir o nosso portfólio, como o vamos fazer?

Filipe. Eu acho que devíamos colocar as fotografias todas e depois mostrar à Diretora. E: OK, então para ver se eu percebi por vocês coloca-se as fotografias e quando tiverem a reunião explicam as decisões que tomaram é isso?

Filipe Exato

Sara: Sim

E: Então digam-me uma decisão que tomaram?

Sara: Por as mesas ao comprido.

Filipe: E mudar os lanches?

E: Não me lembro dessa decisão.

Ricardo: Isso não foi alterado.

E: Então acham que se conseguem lembrar de todas as decisões?

Anabela: Nós pedimos para escreveres.

E: E tenho tudo escrito já em papel.

Ricardo: E se puséssemos as decisões do papel?

E: E as fotos?

Anabela: Pomos a fotografia e a decisão.

Tiago: É isso.

*(a partir deste momento a Anabela e o Filipe começaram a questionar cada um dos colegas de forma aleatório o qual todos responderam que sim).*

E: Entregamos em papel ou mostramos no computador?

Filipe: Em papel Tiago:

Papel, é melhor.

Todos: Sim é melhor.

E: Então em todos os momentos que nós estivemos juntos vimos espaço por espaço. Primeiro o exterior, de seguida o polivalente, depois os corredores e o espaço superior e após isto falaram sobre a cantina. Aqui estão apresentados em computador as decisões que vocês tomaram por ordem.

(Todas as decisões foram lidas em voz alta) E:

ok e as fotos colocamos todas?

Filipe: Pomos todas juntas

Miguel: Todas

Sara: Todas

Ricardo: Todas juntas vamos ter de falar de cada uma delas.

Anabela: E se puséssemos por espaços? Concordam comigo Ricardo:  
Por espaços.

Sara: Eu posso fazer a da cantina.

E: Querem dividir tarefas?  
Todos: Sim  
E: Como querem fazer isso.  
Sara: Eu posso fazer a cantina.  
Filipe: Eu faço contigo.  
Sara: Sim  
E: Então e mais?  
Tiago: Eu e o Luís fazemos dos corredores. Pode ser Luís?  
Luís: Sim  
E: Ok, falta o exterior, polivalente e piso superior  
Anabela: Eu faço o exterior. Queres fazer comigo Ricardo?  
Ricardo: Sim pode ser  
E: OK Simão e Miguel falta o polivalente e o piso superior Simão e Miguel: Sim.  
E: Falta o Piso Superior  
(Pausa de 10 segundos)  
Filipe: Eu posso fazer, não é Sara?  
Sara: Pode ser.  
E: Muito bem. Podem reunir e ver as fotos. Colocamos todas?  
Tiago: Só uma  
Anabela: E se for duas de cada espaço.  
(todos falaram ao mesmo tempo, uns diziam 1 outros duas) E:  
Assim é confuso. Querem 1 ou duas fotos?  
Anabela: Eu acho que devia ser 2.  
Tiago: Pode ser.  
Anabela: Concordam?  
Todos: Sim  
*(A partir deste momento cada par conversou por 10 minutos e escolheram duas fotos de cada espaço indo à entrevistadora dizer quais eram para colocar. Após isto foi projetado o portfólio onde todos disseram que estava bem.)*  
E: Agora que terminamos o Portfólio quando é que entregamos?  
Filipe: Amanhã  
Tiago: Amanhã  
Simão: Não, amanhã não  
Filipe: Mas eu acho que amanhã dava.  
(silêncio de 10 segundos)  
E: Vocês têm de entregar a quem?  
Todos: À diretora  
E: Vocês sabem quando ela pode?  
Ricardo: Pois ela não pode a qualquer hora.  
Filipe: Mas podia ser amanhã.  
Anabela: Eu tenho uma sugestão. Quando ela puder um de cada vez ou dois ir ao gabinete dela e entregar.  
Filipe: Pode ser.  
E: Mas entregar sempre o mesmo?  
Anabela: Sim  
Miguel: Boa ideia

Tiago: Sim

Ricardo: Agora estou confuso. Se formos entregar não sei quantos portfólios ela vai ficar com imensos iguais.

Sara: Vamos na segunda.

E: Luís estás bem, hoje não te ouço. Luís:

Hoje estou mal disposto.

E: Ok, mas queres dar a tua opinião

Luís: Eu concordo com a Sara ir lá na segunda.

Anabela: Na segunda eu não venho, não dá

Filipe: ok.

Anabela: Podemos tentar que eu vá? Concordam?

Filipe: Sim

Anabela: Concordas Luís?

Luís: Sim

Anabela: Concordas Miguel?

Miguel: Sim

Anabela: Concordas Simão?

Simão: Não, vamos amanhã.

Anabela: É isso vamos todos amanhã.

Todos: Sim amanhã.

Tiago: Luís, amanhã.

E: A que horas?

Sara: Quando ela estiver disponível.

Anabela: E se fossemos perguntar?

Tiago: Sim vamos lá.

Todos concordaram

(Após um pequeno momento com a Diretora esta pediu se poderia ser para o próximo mês pois como estava a decorrer o Campo de Férias o tempo que tem disponível é menor e tem receio de não conseguir ouvi-los do início ao fim. Todos concordaram que reuniriam na primeira semana após o regresso das férias.

**Anexo F – Portfólio construído pelos Participantes**

Ano

de

2023/2024

# PORTFÓLIO

Photovoice

Anabela

Filipe

Luís

Miguel

Ricardo

Sara

Simão

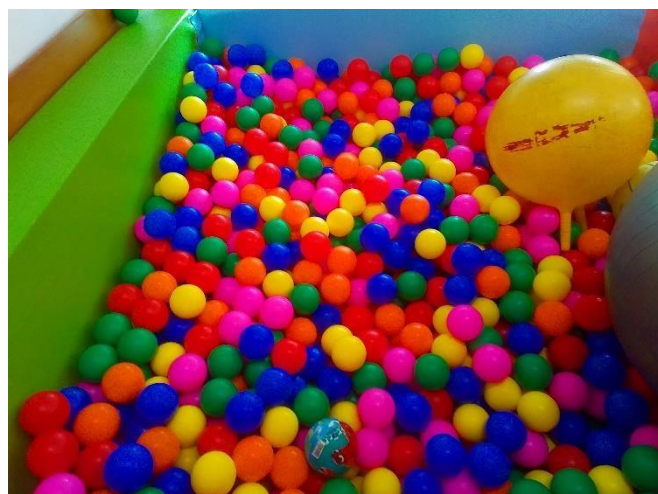
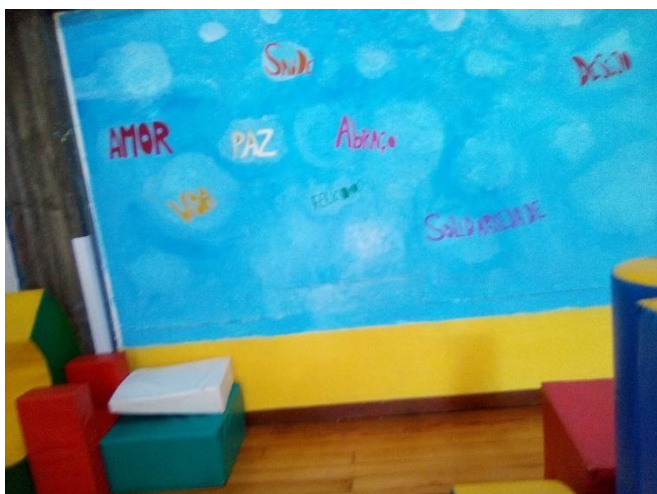
Tiago

## EXTERIOR



- Mais mesas
- Ter uma coluna de som para andarmos com ela e ouvirmos música sempre que quisermos.
- Almoçar no jardim, uma vez por semana, no verão.
- Manter as portas abertas, sempre que alguém quiser ir lá fora avisar

## POLIVALENTE



- Mudar o espaço das esponjas para um espaço de descanso com puffs e colchões;
- Pintar a parede do Benny com a frase “Bom Relaxamento”;
- Deixar apenas as bolas pequenas, na piscina das bolas. Porque gostam da piscina das bolas;
- Gostamos da atividade de Reflexão Semanal para resolver problemas;
- Acolhimento e Fecho do Dia sem barulho dos participantes e dos colaboradores.

## CORREDORES



- Mais desenhos nas paredes das salas e atividades para isso;
- Como há alguns espaços sujos o Tiago e o Luís não se importam de limpar, após o almoço;

## PISO SUPERIOR



- Gostamos de ter sessões Individuais;
- Os colaboradores devem ter mais atenção quando um participante pede para falar com ele.

## CANTINA



- Colocar as mesas ao comprido

FIM

## Anexo G – Descrição do Debate relativo aos temas e sub-temas

Temas / Subtemas	Facilitadores ou Barreiras à Participação/Desenvolvimento/Qualidade de vida	Descrição	Exemplo
Limpeza	Barreira	A limpeza foi apontada como algo que os incomoda. Contudo, os participantes revelaram preocupação com o aumento do trabalho dos colaboradores nesta área.	“Deviam ser limpas mais vezes”; “É um bocado injusto, a Auxiliar já se esforça tanto.”
Organização e Decoração	Barreira	A organização e decoração são extremamente valorizadas pelos participantes e gostam de muitos aspetos da instituição a este nível. Contudo gostariam de estar mais envolvidos nestas atividades.	“Eu gostava de pintar nas paredes os desenhos que eu costumo fazer.”; “Realizar uma atividade para pintar as paredes do Xisto.”
Espaço Exterior	Barreira	Apresentam uma necessidade de estarem mais vezes no espaço exterior, bem como de desenvolver atividades neste contexto.	“Podíamos comer lá fora”; “Se pusermos umas mesas... podíamos jogar lá cartas.”
Acolhimento e Fecho do Dia	Barreira	Os participantes revelam sentir este momento como confuso devido a conversas simultâneas, sentindo dificuldade em participar e expressarem-se.	“Quando chegamos de manhã fala toda a gente ao mesmo tempo os colaboradores e tudo e é muito barulho.”
Reflexão Semanal	Facilitador	Momento que permite a resolução de problemas ocorridos e a promoção das relações interpessoais. Possibilidade de expressão de opinião sendo promovido o empoderamento.	“já temos uma reflexão semanal onde podemos resolver isso!”
Sessões Terapêuticas Individuais	Facilitador	Estes momentos são valorizados pelos participantes. Compreendem a necessidade que têm destes momentos e os benefícios associados.	“Eu também quero aprender mais.”; “Faço coisas novas. Eu sinto-me confortável lá.”; “Quando vou lá para cima fico melhor”
Refeições	Sem Perspetiva	O tema que proporcionou maior debate e diferentes opiniões, sendo necessário explorar no futuro.	“sobre a cantina eu não gosto da comida.”; “Por mim está bem assim, não mudava nada”
Agência e Participação	Barreira	Experiência consistente de desvalorização da sua opinião.	“Então podemos criar regras novas?”; “Mas não vai mudar tanto”

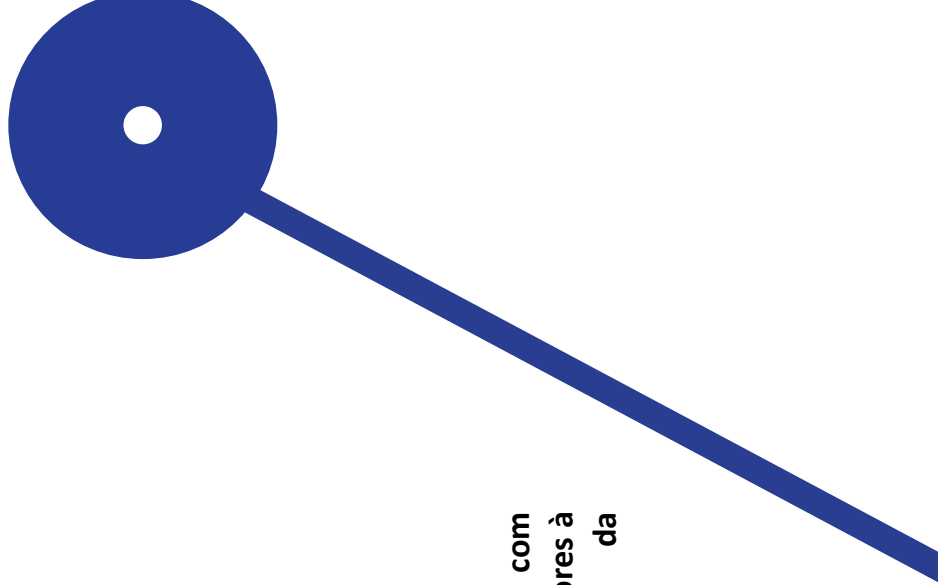
ESCOLA  
SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO  
POLITÉCNICO  
DO PORTO

P.PORTO

M

MESTRADO

Educação Especial: Multificiência e Problemas de Cognição



**A Perspetiva de jovens/adultos com  
deficiência sobre barreiras e facilitadores à  
participação em CACI, através da  
metodologia *Photovoice*  
Cátia Sofia Rios Coelho**